



**Cirandar:
rodas de investigação
desde a escola**



Comissão Organizadora

Aline Machado Dorneles – Universidade Federal do Rio Grande
Ana Laura Salcedo de Medeiros – Universidade Federal do Rio Grande
Andrei Steveen Moreno Rodriguez – Universidade Federal do Rio Grande
Cátia Tubino da Rocha – Colégio Estadual Lemos Junior
Cezar Soares Motta – E.E.E.M. Marechal Mascarenhas
de Moraes
Clarisete Mendes de Oliveira – E.E.E.M. Getúlio Vargas
Hellen Pegoraro Gregol – Universidade Federal do Rio Grande
Janete Cristiane Jarczeski – E.E.E.M. Silva Gama
Jaqueline Ritter – Universidade Federal do Rio Grande
Márcia von Frühauf Firme – Universidade Federal do Pampa
Maria do Carmo Galiazzi – Universidade Federal do Rio Grande
Paulo Roberto Marczuk – Universidade Federal do Rio Grande
Felix Júnior
Simone Ginar – E.E.E.M. Silva Gama
Ticiane Cougo Cardoso – E.E.E.M. Getúlio Vargas / 18ª CRE
Vivian dos Santos Calixto – Universidade Federal da Grande Dourados

Maria do Carmo Galiazzi
Organizadora

Cirandar:
rodas de investigação
desde a escola

Volume 2

Grupo de Pesquisa CEAMECIM



2014

© Dos Autores – 2014

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Claus Dreher

Arte final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Evangraf

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Antonio Sidekum (Nova Harmonia)

Arthur Blasio Rambo (IHSL)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (UNISINOS)

Elcio Cecchetti (UFSC e UNOCHAPECÓ)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

Luis H. Dreher (UFJF)

Marluza Harres (UNISINOS)

Martin N. Dreher (IHSL – MHVSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raul Fernet-Betancourt (Uni-Bremen e Uni-Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (UNINOVE)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – Cx. P. 1081

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

C578 Cirandar: rodas de investigação desde a escola. / Organizadora Maria do Carmo Galiuzzi. São Leopoldo: Oikos, 2014.
v. 2; 182 p.; 14 x 21cm.
Grupo de Pesquisa CEAMECIM.
ISBN 978-85-7843-450-2
1. Educação. 2. Sala de aula – Prática. I. Galiuzzi, Maria do Carmo.

CDU 37

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184




Apresentação

Ao narrar, visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente, onde as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram “esquecidos” no tempo. O que buscamos, nesse momento, não é somente trazer informações sobre nossa história, mas sim estimular em todos que delas se sentem parte integrante, personagens, o despertar de outras histórias, para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros nexos¹.

Guilherme do Val Toledo Prado
e Rosaura Soligo (2007, p. 49)

¹ PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de formação – quando as memórias narram a história de formação. In: Guilherme do Val Toledo Prado; Rosaura Soligo (Org.). **Porque escrever é fazer história – revelações – subversões – superações**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007, v. 1, p. 45-60.





Sumário

O Seminário Integrado no currículo do Ensino Médio Politécnico: percepções e práticas de professores que integram o “Cirandar”	11
<i>Jaqueline Ritter</i>	
<i>Márcia von Frühauf Firme</i>	
Parte 1: O que emerge na roda da gestão?	
Jovens e escola: um sonho, um desafio, um mesmo caminho ...	30
<i>Jane A. San Martin Teixeira</i>	
<i>José Jurandir dos Santos Cardozo de Aguiar</i>	
A trajetória do coordenador pedagógico e o Seminário Integrado	35
<i>Rosemary Martins Bianchi</i>	
Ensino Médio Politécnico: uma nova possibilidade do ambiente escolar	41
<i>Ana Ester Godoy Patron</i>	
A tessitura do currículo na perspectiva da educação libertadora: uma prática construída no Seminário Integrado	45
<i>Simone Ginar da Silva</i>	
Vivências do Seminário Integrado no espaço-escola resignificando o Ensino Médio	55
<i>Luciane Mirapalheta Longaray</i>	
Ensino Médio Politécnico: um projeto em construção	62
<i>Ticiane Cougo Cardoso</i>	
<i>Anna Belotti de Medina Coeli</i>	
<i>Joseane Melo da Costa</i>	

Parte 2: Vamos à roda da sala de aula?

Seminário Integrado: pesquisa voltada ao ensino ou ensino voltado à pesquisa	70
<i>Raquel Nunes Vidart de Oliveira</i>	
A ditadura do consumismo	75
<i>Alda Maurem Gonçalves</i>	
<i>Elba Hernandez Rodrigues</i>	
<i>Kátia Virginia Silveira Corrêa</i>	
Seminário Integrado: a pesquisa como princípio pedagógico no Ensino Médio	79
<i>Clarisete Mendes de Oliveira</i>	
Angústias e expectativas	85
<i>Cátia Tubino da Rocha</i>	
Desafio: fazer pesquisa na sala de aula	98
<i>Maria Ângela Martins Teixeira</i>	
Ensino Médio Politécnico: o desafio do Seminário Integrado	103
<i>Julio Sosa</i>	
Reflexões sobre o Ensino Médio Politécnico na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Carlos Loréa Pinto	108
<i>Sicero Agostinho Miranda</i>	
Percebendo a realidade local através do componente curricular Seminário Integrado	117
<i>Cezar Soares Motta</i>	
<i>Sonia Mendonça</i>	
Espaço escolar: formação e crescimento	125
<i>Janete da Rosa Magalhães</i>	
A prática do Seminário Integrado em 2013 – uma experiência	131
<i>Janete Cristiane Jarczeski</i>	

Passividade ou transformação? Considerações sobre
uma proposta de Seminário Integrado 138
Diego Sabbado Menezes

Vivenciando o Seminário Integrado no
Ensino Médio Politécnico 146
Elis Regina Madeira da Porciuncula

**Parte 3: O que emerge na roda da formação
acadêmico-profissional?**


O Seminário Integrado na perspectiva do Cirandar:
rodas de investigação desde a escola 152
José Roberto de Lima Dias

O princípio do Cirandar em África/Moçambique 159
Boavida Chissaque Tai

Políticas Públicas: mudanças para o Ensino Médio 163
Hellen Gregol Araujo
Maria do Carmo Galiazzi

O que influencia a elaboração das Políticas
Educativas no Rio Grande do Sul? 172
Márcia von Frühauf Firme
Maria do Carmo Galiazzi





O Seminário Integrado no currículo do Ensino Médio Politécnico: percepções e práticas de professores que integram o “Cirandar”

Jaqueline Ritter

jaqueline.ritter@furg.br
Universidade Federal do Rio Grande – FURG


Márcia von Frühauf Firme

marciafirme@unipampa.edu.br
Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Bagé

Roda de Conversa – um convite ao diálogo...

Iniciamos essa Roda de Conversa com a intencionalidade de estabelecermos uma interação dialógica com o leitor. Discutimos o processo de formação de professores articulado ao movimento de reestruturação curricular do novo Ensino Médio Politécnico, em implementação gradativa desde o ano de 2012 no estado do Rio Grande do Sul, em conformidade com o que apregoam as políticas públicas educacionais em âmbito nacional. O olhar investigativo e a articulação desses dois processos – formação e desenvolvimento de currículo – movem as discussões e problematizações aqui apontadas e defendidas como possibilidade de recriação do universo cultural da escola e da docência no atual contexto histórico. Volta-se o nosso olhar, fundamentalmente, para as práticas de pesquisa que emergem desses processos e que nos interessam para produção e defesa do seguinte argumento: nenhuma mudança acontece na escola sem o envolvimento dos professores em todos os níveis de ensino em processos de formação continuada.

À luz de dois importantes pressupostos teóricos da Reestruturação Curricular do Ensino Médio Politécnico, trabalho, como princípio educativo, e pesquisa, como princípio pedagógi-



co, bem como da concepção e prática dos professores com base nesses pressupostos, é que argumentamos em defesa da necessária articulação entre a formação de professores e o desenvolvimento de currículo. Essa máxima defendida por Stenhouse (1993) se sustenta na metáfora do professor-pesquisador da sua prática e que no contexto da pesquisa educacional se disseminou com diferentes denominações que não é nossa pretensão aportar neste momento. Tão somente nos interessa levantar alguns indícios de que a sua metáfora se sustenta e tem chance de recriar a escola de educação básica, ainda que muitos, inclusive os seus próprios professores, se intimidem diante das atuais apostas. Tais indícios não se restringem a este texto, mas perpassam toda a obra, que é resultado das produções dos professores das Escolas da Rede Pública Estadual que pertencem à 18ª Coordenadoria Regional de Educação – CRE de Rio Grande que abrange os municípios de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí, protagonistas da implantação do novo componente curricular – Seminário Integrado (SI) na atual grade curricular do Ensino Médio Politécnico. A produção deste texto e dos demais relatos que compõe o presente livro deu-se nesse contexto de desenvolvimento curricular articulado à metodologia de formação proposta pelo CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola, com início no mesmo ano da reforma.

A pesquisa como princípio pedagógico e o trabalho como princípio educativo e suas compreensões relacionadas à prática escolar interdisciplinar e contextualizada são necessidades apontadas pelos professores de SI ao relatarem sua prática de sala de aula. Em 2012, primeiro ano de implantação da proposta e também no decorrer das rodas de formação proporcionadas pelo Cirandar no ano de 2013, acentuaram-se necessidades que dizem respeito às formas de tornar operativos tais princípios. Os princípios da pesquisa também norteiam a trajetória metodológica do Cirandar que está na pauta de nossas reflexões, tanto como princípio formativo e constitutivo do professor-pesquisador, quanto como princípio pedagógico de organização do seu currículo e do seu ensino. O processo de formação Ciran-

dar: rodas de investigação desde a escola, ocorre por meio de rodas de conversa, de escrita, de leitura, de reescrita de experiências da sala de aula, presenciais e virtuais, realizadas ao longo do ano letivo. Ao final de cada ano é realizado um encontro com todos os seus participantes, semelhante ao modelo do Encontro de Investigação na Escola¹, oportunidade em que se faz uma síntese das aprendizagens do Cirandar e uma proposição para a sua continuidade.

Nessa perspectiva reflexiva acerca desses dois processos de formação via Cirandar e de desenvolvimento do currículo do Ensino Médio Politécnico, partimos do pressuposto de que a implantação gradativa do SI como um novo componente curricular visa favorecer o planejamento coletivo via parcerias entre os professores que compõem cada uma das quatro áreas do conhecimento, e desta com as demais. As parcerias são entendidas como possibilidade e condição do planejamento interdisciplinar como pretensão a ser alcançada na Educação Básica, por meio do SI. No entanto, transcorridos dois anos desse processo, tivemos evidências de que é preciso garantia de condições, para que se produzam as ferramentas necessárias à prática efetiva da pesquisa em sala de aula, tendo a coordenação de um professor e a contribuição dos demais professores que compõem as áreas do conhecimento, visando transcender o paradigma disciplinar. Dentre as condições de viabilização da reforma, destaca-se o espaço/tempo de planejamento coletivo na escola como condição a ser conquistada pelo professor-pesquisador da sua prática. Pra tal intento, estamos todos imersos em busca dessas condições que timidamente estão sendo criadas pelos mesmos motivos que impulsionaram as mudanças de currículo ora propostas.

¹ A participação desse encontro está vinculada à escrita de um relato. De acordo com Cacciamani (2012), o encontro é uma proposta de formação que envolve professores da educação básica, da universidade e licenciandos, ancorada na escrita, na leitura e na relação dialógica a respeito das experiências de sala de aula, na escola e na universidade.

Detalhamento das atividades no Cirandar: da leitura, da escrita e da reescrita recursiva e interativa

Inicialmente, relatamos no que consiste o processo de formação acadêmico-profissional² Cirandar: rodas de investigação desde a escola. Do Cirandar participam professores de Seminário Integrado³ (SI) das escolas públicas integrantes da 18ª Coordenadoria Regional de Educação (18ª CRE) com professores e alunos de algumas licenciaturas e do Programa de Pós-graduação da FURG. Esse processo de formação iniciou em 2012 e teve continuidade em 2013 e 2014, abrangendo também professores de outros componentes curriculares. A metodologia usada pelo Cirandar segue os pressupostos do Educar pela Pesquisa (GALIAZZI, 2003) com ênfase na prática da leitura, da escrita e da reescrita recursiva acerca das experiências vivenciadas na sala de aula de SI e outras práticas correlacionadas. No ano de 2012, os encontros aconteceram em cinco núcleos de escolas e em 2013, desfizeram-se os núcleos para dar lugar ao turno do dia em que o professor não estivesse em sala de aula. As experiências dos professores são relatadas nas rodas de conversa, leitura, escrita e reescrita e através desses processos interativos tais experiências tornam-se objeto de estudo e reflexão de todos os sujeitos envolvidos, que partilham suas angústias, dúvidas, iniciativas, conhecimentos e saberes. Assim, entendemos que tal processo é assimétrico e, portanto, é constitutivo de professores-pesquisadores (MALDANER, 2006).

De outra parte, de 2012 até 2014, o maior desafio da pesquisa a ser desenvolvida pelos professores do Ensino Médio é constituir práticas de ensino através do aprofundamento da arti-

² Segundo Diniz-Pereira (2011, p. 213) a formação acadêmico-profissional consiste em [...] conceber o ensino como uma atividade profissional apoiada em um sólido repertório de conhecimentos, entender a prática profissional como um lugar de formação e produção de saberes e estabelecer ligação entre as instituições universitárias de formação e as escolas da educação básica.

³ Seminário Integrado (SI) é uma componente curricular (disciplina) criada para integrar as áreas de conhecimento a partir da Reestruturação Curricular do Rio Grande do Sul (2011-2014) que instituiu o Ensino Médio Politécnico.

culação das áreas do conhecimento e de suas tecnologias, com os eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho, na perspectiva de que a apropriação e a construção de conhecimento embasam e promove a inserção social cidadã dos jovens estudantes. Para articular as áreas do conhecimento e as suas tecnologias, foi criado o SI com carga horária inserida na parte diversificada do currículo, de modo gradativo a partir do primeiro ano do Ensino Médio Politécnico, e em complexidade crescente e ampliação de carga horária e número de professores participantes. O desenvolvimento da pesquisa através do SI está de acordo com os documentos da Reestruturação Curricular do Ensino Médio Politécnico do Rio Grande do Sul, da SEDUC-RS, do Parecer do CNE 05-2011, o qual sugere o seu desenvolvimento a partir de uma necessidade e/ou uma situação-problema dentro dos eixos temáticos transversais, e fazê-las de modo coletivo e interdisciplinar. Esse modo de fazer pesquisa precisa ser apreendido e, para tal, instituir espaços de formação e planejamento na escola, é fundamental.

O planejamento e desenvolvimento do SI tornaram-se um dilema e um grande desafio para a maioria dos professores, formados em áreas específicas do conhecimento e com poucas iniciativas interdisciplinares. Outra demanda é por compreender a complexidade que os termos politécnia, pesquisa e trabalho encerram, por estarem distantes, geralmente, do que vinha sendo desenvolvido nas salas de aula do Ensino Médio, onde há maior preocupação com o preparo dos estudantes para o ingresso na universidade (RITTER-PEREIRA, 2011). Nesse contexto, a partir da reestruturação, foram proporcionados processos de formação para os professores do Ensino Médio Politécnico, na região de abrangência da 18ª CRE, em articulação com os professores formadores e estudantes da Universidade com o objetivo de oportunizar a formação acadêmico-profissional de todos os envolvidos (DINIZ-PEREIRA, 2008). O projeto de extensão da FURG, **Cirandar: rodas de investigação desde a escola**, visa a constituição de comunidades aprendentes (BRANDÃO, 2005) de professores que investigam a sala de aula. Segundo as Rodas de Formação (WARSCHAUER, 2001; SOUZA, 2011) as ativi-

dades específicas de conversa, escrita, leitura colaborativa, reescrita e rodas virtuais acontecem de modo interativo e por meio do registro no diário de bordo, que no encontro final é apresentado na forma de um relato de experiência, que entendemos ser também constitutivo dos saberes profissionais do professor em exercício, seja ele da escola ou da universidade.

Os relatos escritos são e estão postados em ambiente virtual específico (<http://www.investigacaonaescola.furg.br>) e encaminhados para a leitura entre pares com a escrita de um parecer para melhoria dessa escrita. Com essas considerações, cada autor do relato reescreve e reencaminha o relato para o site. O encontro de encerramento anual do Cirandar ocorre com a discussão em diferentes salas dos relatos escritos pelos professores sobre as experiências de Seminário Integrado e com a elaboração de uma síntese, com proposição de continuidade do processo de formação.

Fez parte de nosso material empírico esse conjunto de relatos, dos quais buscamos contemplar uma amostragem representativa das escolas que integraram cada um dos cinco núcleos do Cirandar 2012 e as sínteses realizadas por sala no encontro final em 2013. O percurso metodológico adotado para a realização da leitura e interpretação dos relatos e das sínteses de cada sala, foi a Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2007). A mesma consistiu em identificar no texto dos relatos e das sínteses as unidades de significados, que evidenciam as iniciativas, as potencialidades e as dificuldades enfrentadas pelos professores para levar a efeito as propostas de pesquisa em sala de aula, norteadora do SI no contexto do Ensino Médio Politécnico. Nosso objetivo não consistiu em fazermos um processo analítico com vistas a explicitar categorias emergentes de análise, mas produzir reflexões acerca da aproximação de unidades de significado que permitissem evidenciarmos o caminho que está sendo trilhado nesse processo de formação. Desse exercício reflexivo, foram evidências importantes, as percepções e práticas dos professores acerca dos princípios norteadores da reestruturação curricular associada às condições do contexto escolar, conforme problematização que segue.

Concepções e práticas de professores de SI que integram o Cirandar

A primeira evidência deve-se às ferramentas teórico-metodológicas necessárias à prática efetiva da pesquisa em sala de aula, necessária para que se renove a sua prática pedagógica. A segunda, justifica as questões operativas do processo que se relacionam com o espaço e tempo de planejamento coletivo e interdisciplinar, que por sua vez, mostra-se articulado à participação da gestão escolar e do próprio sistema educacional, principalmente com a carga horária de professores em cada escola e suas respectivas horas – atividades e de ensino.

As atividades formativas via projeto de extensão – Cirandar, seus objetivos e desdobramentos, também foram objeto de reflexão dos professores envolvidos com o processo de reestruturação curricular. A relação entre desenvolvimento de currículo e formação de professores, defendida por Stenhouse (1993), é importante e necessária, quando se parte do pressuposto de que o professor de escola é alguém que produz currículo e desenvolve-se por meio dele quando o torna seu próprio objeto de investigação e ação. Razão pela qual, apresenta-se a seguir uma unidade em que a professora relata como ocorreu o detalhamento das atividades no Cirandar e em seguida, outras unidades que representam a compreensão e desenvolvimento do SI a partir dos seus princípios balizadores.

Foi proporcionado, em Junho com previsão de término em Novembro, aos professores seminaristas e aos coordenadores e supervisores pedagógicos das escolas estaduais da 18ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul – a proposta do Cirandar: rodas de investigação desde a escola, pela FURG, onde se abre um espaço de formação continuada de professores com foco na narrativa de experiências e atividades dos Seminários Integrados, disciplina desenvolvida nos primeiros anos do ensino médio como parte da nova grade curricular da reestruturação curricular da proposta em questão (professor RMB 007).

Através do que manifestaram os professores de SI nos relatos de sala de aula, após o término do ano de 2012 nas rodas formativas oportunizadas pelo Cirandar, está a associação da

politecnia com uma formação para o mercado de trabalho, evidenciando a necessidade de compreensão mais aprofundada dos conceitos-chave da reestruturação.

*A proposta do Ensino Médio Politécnico no noturno foi discutida e avaliada com os alunos formando-se grupos de estudos para leitura e discussão de textos com os quais construímos a pesquisa sócio-antropológica para definirmos o perfil do nosso aluno, necessidades e interesses do público pesquisado. Apresentamos os dados ao coletivo de professores e de alunos e várias questões foram levantadas como: necessidades dos alunos a serem inseridos **no mercado de trabalho**, qualificação profissional, preocupação com as condições de sobrevivência, sustento pessoal e familiar. Construímos a partir dessas informações questões pertinentes ao futuro profissional do nosso aluno como: O que fazer? Como fazer? Onde fazer? Qual seu ramo ou atividade afim? (professor SMD 002).*

*O Seminário é uma construção coletiva que está voltada às demandas e necessidades expressas por nossos alunos através de um questionário sócio-antropológico que objetivou conhecermos o perfil político, econômico, social e cultural de nosso público. A par desse estudo, no que se refere ao Ensino Médio noturno, ficou latente a questão da formação profissional e da inserção deste grupo de alunos **no mercado de trabalho** (professor SMD 007).*

As turmas do noturno escolheram como tema de projeto as profissões, o mundo do trabalho, as novas profissões e a necessidade de qualificação profissional. Temas relacionados com a sua realidade, pois a maioria já está inserida no mercado de trabalho (professor JS 005).

Outro aspecto que se percebe nos relatos é a pesquisa entendida como nos moldes da pesquisa científica, ainda distante do que podemos concebê-la como princípio pedagógico.

Em primeiro lugar, procurou-se conhecer nosso aluno através de um questionário. Depois, a partir de textos, começou-se a discutir assuntos como a importância do método científico, tipos de pesquisa e o que é projeto. Pré-requisitos para desenvolver um projeto (professor RQS 004).

Nos encontros semanais das aulas de Seminário, constantemente foram propostas atividades que procuravam desenvolver nos estudantes a compreensão e a capacidade de elaboração dos passos de um projeto como: introdução, justificativa, objetivos, a postura do pesquisador, as normas técnicas da ABNT e a possibilidade do desenvolvimento da pesquisa em geral, entre outros assuntos (JCJ 005).

A apostila com as regras da ABNT foi muito questionada pelos alunos, alguns consideravam que eram muitas regras para a construir trabalhos. Tentei explicar que era necessário para padronizarem os trabalhos acadêmicos e que entendia os questionamentos deles, mas que isso facilitaria a leitura das produções num momento posterior (professor CMM 007).

Tal compreensão, associada às dificuldades de pensar e propor um currículo interdisciplinar, evidencia que as condições ainda estão sendo construídas como possibilidade de novas apropriações, caso sejam construídos os meios necessários para tal. Da mesma forma, condições precisam ser criadas no contexto escolar para a efetivação de práticas interdisciplinares e integradoras das áreas do conhecimento, como enuncia a professora AMG 008.

O apoio mútuo e incondicional entre educadores, supervisão e gestores, foi determinante para o sucesso do trabalho. Ainda caminhamos timidamente no pensar e agir interdisciplinar, mas aguardamos com grande expectativa os novos desafios deste semestre.

Da necessidade dos professores surgem novas demandas formativas no espaço e tempo das escolas. A fala que segue, sinaliza com riqueza de detalhes tais evidências.

A partir desse ponto, supervisão e professores passam a efetivar reuniões e estudos a respeito da nova modalidade de ensino no contexto escolar. Logo, surge a necessidade de leituras e discussões mais profundas para a questão (professor MMM 002).

Nessa fala está evidente a necessidade de serem introduzidos os meios para que todos possam avançar tanto em concepção quanto em prática da pesquisa interdisciplinar que demanda o SI. Essa perspectiva reflexiva remete também à gestão de carga horária necessária ao planejamento e estudo na escola; que em primeira instância remete ao papel da supervisão e gestão escolar e também diz respeito a outras condições instituídas para além do espaço escolar. As unidades que seguem já nos mostram algumas pistas acerca das compreensões dos professores desenvolvidas ao longo desses dois anos.

Temos o entendimento de que podemos possibilitar a aprendizagem a partir da pesquisa e da articulação de todas as áreas do conhecimento. Acreditamos que conseguindo despertar o interesse dos

estudantes por temas significativos, conseguiremos trabalhar nossos conteúdos ou objetivos mínimos em cada turma a partir desses temas. Dando assim um significado dos conteúdos aos estudantes e a nós mesmos, educadores. Esse é um desafio para a escola. Percebemos que nos deparamos com uma situação limite, conforme afirma Paulo Freire. Para tanto, é necessário e urgente o planejamento coletivo e articulado das diferentes áreas do conhecimento na escola. É essencial que o grupo de educadores se encontre e aprofunde suas concepções pedagógicas e de mundo. É fundamental que o grupo se fortaleça na reflexão de sua prática e na troca de ideias, sejam elas de êxitos ou de angústias (professor JCJ 010).

A troca de experiências e impressões é, certamente, imprescindível para a superação dos obstáculos. Porém ainda carecemos de referências que nos auxiliem nesse processo, sobretudo no que tange à metodologia da pesquisa (nos parece ser necessário construir um modelo próprio para esta etapa do ensino), bem como em relação às formas de avaliação. Esperamos que os encontros de formação contribuam nesse sentido (professor TCC 013).

Assim, intencionamos intensificar o debate, em 2013, fundamentalmente com esses dois princípios, pesquisa e trabalho, em diálogo com abordagens temáticas, como possibilidade de organização curricular e pedagógica da sala de aula de SI. A Educação Básica, conforme o artigo 22 da LDBEN/96⁴, “tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e formar-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996). Essa tem sido a intenção normativa de romper com a dicotomia entre trabalho intelectual e trabalho manual que constituiu a história do currículo no Brasil. Ou seja, a formação técnica para aqueles que não conseguem seguir carreira universitária e o curso superior para aquela parcela mais privilegiada economicamente, são marcas do Ensino Médio no Brasil (KUENZER, 2002).

Para atender tal demanda legislativa Pós-LDBEN/96 em consonância com as novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, o Rio Grande do Sul propôs a modalidade de Ensino Médio Politécnico com vistas a romper a dicotomia, a que se

⁴ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96.

refere Kuenzer (2002). A enunciação do Secretário de Educação, José Clovis de Azevedo, primeiro referindo-se à pesquisa como princípio pedagógico e depois ao trabalho como princípio educativo, parece atentar para este compromisso:

Resumidamente, a diferença conceitual entre pesquisa como princípio educativo e pesquisa como princípio pedagógico se dá no seu espaço de abrangência. O princípio educativo trata estritamente da pesquisa que educa, que forma, que transforma, que é meio de produção do conhecimento de forma individual ou coletiva. O princípio pedagógico da pesquisa se refere à dimensão da investigação científica como processo capaz de potencializar as possibilidades do fazer pedagógico. Remete-se, este, a arte de didatizar informações de modo a promover reflexão sobre seu contexto e seus objetivos frente à comunidade escolar, seus anseios e necessidades. Nesse a pesquisa é assumida como cerne do processo de ação-reflexão-ação, de que dispõe a comunidade docente para forjar formas inovadoras de ensino, com consequentes reflexos nas aprendizagens discentes (AZEVEDO e REIS, 2013, p. 35).

Essa compreensão, além de explicitar o que o documento da reestruturação curricular concebe à pesquisa como princípio pedagógico diferenciando-o de princípio educativo, dá margens a múltiplas interpretações acerca do que é pesquisa como forma de didatizar o ensino como prática pedagógica de sala de aula. Trata-se de uma compreensão em processo e que demanda estudo, debate no sentido de aproximá-la e distanciá-la das compreensões de pesquisa que nos construíram até aqui como pesquisa científica e individual.

De outra parte, resignificar o trabalho como constitutivo das relações sociais também exige debates entre os professores principalmente quando o concebem relacionado estritamente ao mercado do trabalho.

A expressão mundo do trabalho é diferente da forma mercado de trabalho. O mundo do trabalho diz respeito à complexidade da realidade social, da produção da vida. Nela estão inseridas todas as formas de produção de atividades econômicas (serviços, indústria, comércio, agropecuária), atividades culturais (toda produção social no âmbito das manifestações da cultura, mídia, cinema, dança, teatro,

música, entre outros, enfim da existência humana. Portanto, o mundo do trabalho abrange a produção de bens e mercadorias, materiais e simbólicas. Assim, uma educação com o foco no mundo do trabalho visa fomentar percursos discentes na direção de uma inserção crítica propositiva e não subordinada no mercado do trabalho, por meio da formação cidadã e técnica. Isso pressupõe a apropriação dos fundamentos da ciência, da tecnologia, do trabalho e da cultura como etapa imprescindível para o aprofundamento de sua consciência cidadã, possibilitando que atuem criticamente como sujeitos sociais nos contextos em que habitam, técnica e cientificamente munidos para o exercício da cidadania (AZEVEDO e REIS, 2013, p. 35).

Compreensões aligeiradas desses pressupostos foram evidenciadas nos professores de SI no ano de 2012 e de alguma forma podem ter dificultado a inserção desses dois princípios, pesquisa e trabalho, nas suas práticas de sala de aula com ênfase na articulação entre a ciência, a cultura, a tecnologia e o trabalho. Da mesma forma, as resistências por parte de alguns professores no início do processo têm relação com o sentido da palavra politécnica, associada muitas vezes à formação com uma terminalidade profissional. No que tange a esse conceito, destaca-se:

A politécnica mostra-se por uma educação formal que integra o trabalho, a ciência e a cultura, para desenvolver os pilares científicos, técnicos e tecnológicos necessários na fundação da existência e da consciência acerca dos direitos políticos, sociais e culturais da humanidade em contextos sociais específicos e da disposição de atingi-los (AZEVEDO e REIS, 2013, p. 39).

Esse enunciado nos remete ao ideário presente tanto nas normativas como na pesquisa educacional, de contemplar aproximar a escola do mundo da vida dos sujeitos pela valorização do contexto sociocultural no qual a escola está inserida, que aproxima-se da proposição de desenvolver SI segundo os princípios do trabalho e da pesquisa coletiva em sala de aula. Nessa perspectiva, o trabalho torna-se contexto de estudo e investigação que a Resolução CEB N° 3 em seu artigo 1° faz menção ao vínculo que a Educação deve fazer com o mundo do trabalho e as práticas sociais, já no ano de 1998. Mais recentemente com as

atuais Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, Resolução Nº 2 de 30 de janeiro de 2012, prevê, no seu Art. 5 Inciso II, trabalho e pesquisa como princípios educativos e pedagógicos, respectivamente. Ainda, no parágrafo primeiro do mesmo artigo, o trabalho é conceituado na sua perspectiva ontológica de transformação da natureza, como realização inerente ao ser humano e como mediação do processo de produção da existência. E ambos, trabalho e pesquisa convergem com a perspectiva de valorização do trabalho interdisciplinar e contextualizado que acompanhou todas as normativas Pós-LDB no Brasil, em forma de diretrizes, parâmetros e orientações curriculares nacionais.

Nesse contexto de mudanças curriculares, o Cirandar torna-se um espaço de discussão, de escuta e de produção de conhecimentos sobre Seminário Integrado (SI), como novo componente curricular do Ensino Médio Politécnico, no coletivo, na escola.

Para isso, precisamos “*desacomodar o que está acomodado*” a partir do “*escutar o aluno e o professor*”, de certa forma, “*entrar no mundo deles*”, “*acreditar no resgate de conhecer nosso aluno*”, pois de acordo com Souza (2011, p. 30) podemos:

[...] transformar o espaço da escola em lugar de acolhimento e escuta ao que o outro diz, mesmo que esse outro seja muito diferente; apostar na argumentação, enquanto possibilidade de empoderamento do discurso para além do senso comum, articulando, numa perspectiva interdisciplinar, abordagens de temas polêmicos de interesse da comunidade escolar; entre outras.

A proposta do SI possibilita aos professores escutarem os alunos, também favorece que nós professores sejamos escutados, a partir do momento em que nos sejam proporcionados encontros de formação com estudos e reflexão, como esses do **Cirandar**, em vista de que a docência não se dá no isolamento, mas na interação entre os pares. A formação de professores é assim entendida, quando todos aprendem juntos em comunidades aprendentes, quando um em interação, toma consciência de si a partir do outro (VIGOTSKI, 2001). Outro componente necessário neste entendimento é a importância das ferramentas culturais e de sua apropriação para a aprendizagem e o desenvolvi-

mento humano, com destaque no diálogo, na leitura e na escrita, na formação e constituição de professores pela pesquisa (GALLIAZZI, 2003; MALDANER, 2006). A pesquisa é momento de exercitar a dialogicidade de acordo com Freire (2010, p. 60):

[...] em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.

No relato, um professor de SI afirma que “*tendo um espaço para compartilhar as experiências, fica mais fácil. Uma ideia vai complementando a outra. Esse espaço é importante*”. Ou seja, este espaço de formação acadêmico-profissional proporcionado para os professores diminui a distância entre universidade e escola e passa a criar na escola a possibilidade de trabalhar em grupo, reafirma o argumento já defendido, de que não há mudança que se efetive se não vier acompanhada da formação de professores. O professor que lê, estuda e partilha experiências de sala de aula e de vida em Rodas de Formação em Rede deixa de estar sozinho na sua tarefa docente (SOUZA, 2011) e passa a participar de uma rede de apoio, sentindo-se mais encorajado, intelectual e culturalmente mais capacitado e consciente do trabalho docente que desenvolve, na escola e na universidade.

No grupo, os professores podem desenvolver um trabalho colaborativo, que de acordo com Veiga (2008, p. 270) é:

[...] um dos principais desafios que os docentes vêm enfrentando no decorrer da aula é o desenvolvimento de um trabalho colaborativo, com ações mais coesas. A partilha de experiências em equipes estimula o próprio desenvolvimento profissional dos docentes. Os diálogos entre os pares e alunos sobre a experiência de trabalho conjunto constituem formas importantes para ressignificar o processo didático que ocorre durante a aula.

Nesse sentido, segundo a autora (p. 270), “a organização do processo de trabalho da instituição educativa deve propiciar situações de encontro e intercâmbio entre os professores para quebrar o isolamento profissional e o individualismo que caracterizam o trabalho docente”. No entanto, para que isso seja possível, é preciso ter mais tempo disponível para o trabalho de for-

mação coletiva nas escolas, como algo novo a ser instituído na cultura escolar e não apenas nos espaços da academia. Para isso, apostamos na pesquisa como modo de didatizar o ensino e desenvolver o professor que acompanha esse ensino por meio da pesquisa de sua prática.

Considerações finais

A perspectiva transversal do currículo pode ter sido lançada com a criação do SI, que se mostra como núcleo agregador de todas as áreas do conhecimento e expressão legítima do projeto político-pedagógico da escola, quando dialoga com o contexto sociocultural em que a escola está inserida. No entanto, as condições ainda são precárias de espaço e tempo de planejamento coletivo e formativo no contexto escolar, mas estamos atualmente sendo protagonistas desse momento que é de construção e reconstrução da cultura escolar. Entendemos que as propostas atuais de reestruturação curricular sinalizam para um currículo mais interdisciplinar, contextualizado e por isso mesmo com muito mais sentido para o mundo da vida dos estudantes. O SI por meio de abordagens temáticas tem mais chance de ser agregador de um maior número de disciplinas, áreas e pessoas que desejam pensar a pesquisa como princípio pedagógico e educativo. Da mesma forma, o SI mostra modos de o professor constituir por meio da pesquisa, e tomá-la para si e para os outros, um meio de reflexão da sua prática.

De outra parte, abordagens temáticas específicas em cada área devem garantir o enfoque conceitual sem perder de vista o compromisso com o tema de pesquisa que tem o caráter transversal. Para este intento, os subtemas podem ser construídos a partir do desdobramento do tema gerador, bem como, por meio de estratégias metodológicas e de desenvolvimento de currículo a exemplo da Situação de Estudo – grupo da Pesquisa Interdepartamental em Educação nas Ciências (GIPEC-UNIJUÍ), Unidades de Aprendizagem (FURG), Abordagem CTS e outras. Trata-se de abordagens temáticas que estão em curso em muitas propostas de ensino de professores e que tem revelado avanços importantes considerando as condições reais do cotidiano esco-

lar e do trabalho do professor. Híbrido pode ser a palavra que ajuda a expressar o que tem sido feito como forma de atender o que está sendo enunciado nas pesquisas educacionais e nas políticas de reestruturação curricular em andamento no RS, no Brasil e no mundo.

Referências

- AZEVEDO, José Clóvis; REIS, Jonas Tarcísio. Democratização do Ensino Médio: a reestruturação curricular no RS. In: AZEVEDO, José Clóvis; REIS, Jonas Tarcísio (org.). **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio. **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, Resolução CNE/CEB nº 2/2012.
- _____. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, 1998. Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998.
- CACCIAMANI, Jackson Luís Martins. **Os Encontros sobre investigação na escola: articulação entre a formação acadêmico-profissional e a produção de currículo pela escrita da sala de aula**. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS.
- DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A formação acadêmico-profissional: compartilhando responsabilidades entre universidades e escolas. In: **XIV ENDIPE**. Porto Alegre, RS, 2008.
- DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. **A prática como componente curricular na formação de professores**. Educação (UFSM), v. 36, n. 2, p. 203-218, maio/ago. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2010.

FURG. **Encontros Rio Grandinos de Investigação na escola**. Disponível em: <<http://www.investigacaonaescola.furg.br>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela pesquisa**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

KUENZER, Acácia. Ensino Médio: **Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002.

MALDANER, O. A. **A Formação inicial e continuada de professores de Química**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 23 jun. 2013.

RITTER-PEREIRA, Jaqueline. **Os programas de ensino de química na educação básica na compreensão e prática de professores**. Dissertação (Mestrado – PPGEC/UNIJUÍ). Ijuí, 2011.

SOUZA, M. **Histórias de Professores de Química em Rodas de Formação em Rede: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

STENHOUSE, L. **La investigación como base de la enseñanza**. 2. ed. Madrid: Ediciones Morata, S.L. 1993.

VEIGA, Ilma P. A. Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata. In: VEIGA, I. P. A. (org.). **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

VIGOTSKI, Lev S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. 1. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.



Parte 1:
*O que emerge
na roda da gestão?*



Jovens e escola: um sonho, um desafio, um mesmo caminho

Jane A. San Martim Teixeira

janinhateixeira@gmail.com

José Jurandir dos Santos Cardozo de Aguiar

jurandirsca@hotmail.com

Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar

O Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar, há sessenta e dois anos, educa gerações destacando-se nesta comunidade como uma escola comprometida com a qualidade do ensino e que busca acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade.

Pautada no seu lema: Liberdade com Responsabilidade, a escola abriu espaço para que temas relacionados aos interesses da “JUVENTUDE” fossem abordados. Com isso propôs-se a entender o mundo em que seus alunos estão inseridos e os assuntos que lhes são significativos.

O projeto contemplou 280 alunos dos primeiros e segundos anos do Ensino Médio Politécnico do turno da manhã. Está sendo viabilizado em diferentes modalidades, respeitando as particularidades de cada turma.

Detalhamento das atividades

Desde o início do ano letivo, a equipe diretiva dedicou-se a oportunizar espaço semanal para planejamento das atividades pedagógicas relacionadas ao Seminário Integrado.

A cada semana buscou-se desenvolver estratégias que demonstraram-se eficientes para a execução dos muitos planejamentos elaborados em sala de aula junto aos alunos e discutidos nas reuniões com o grupo de professores.

Foram feitas reuniões em formato de circuito: cada professor de Seminário Integrado ficou em uma sala de aula dife-

rente; os demais professores iam circulando de sala em sala, e desta forma combinavam a atuação que cada um teria em sua disciplina. No final todos os professores tiveram a oportunidade de expor sua contribuição para o projeto.

Outras reuniões foram feitas por área e também no grande grupo para que todos soubessem o que estava acontecendo. A marca de cada apresentação de nossos alunos foi considerada excelente.

Coordenados pelas professoras Kátia Virginia e Fabrina, a turma 201 tratou da influência da mídia sobre a sociedade.

Após pesquisa de propagandas e análise de programas de televisão, os estudantes criaram o canal CESVP TV, com uma diversificada programação. Através do telejornal O FURO, evidenciou-se a forma pela qual a televisão manipula a opinião pública. O OPINE TV fez uma crítica às novelas. O MERGULHÃO DA MANHÃ, programa de esportes, através de uma sátira, expôs questões sobre a copa do mundo e a supremacia do futebol em detrimento de outros esportes.

A turma 202, também coordenada pelas professoras Kátia Virginia e Fabrina, trouxe para a sala de aula o estudo da música ouvida pelos jovens e seu papel social. Na disciplina de Literatura, aos cuidados da professora Rosane Gutierrez, os alunos, após analisarem as letras das músicas, prepararam uma exposição de Instalações, que colaboraram para a compreensão da cultura e do contexto histórico em que foram escritas.

Com o tema Juventude e suas escolhas a turma 203, coordenada pelas professoras Jerusa e Kátia Virginia, organizou o SEMINÁRIO DE PROFISSÕES, que reuniu diferentes áreas para esclarecer dúvidas e apontar possíveis caminhos profissionais. Foram convidados profissionais de diversas áreas como: medicina, odontologia, administração de empresas e outras.

Em sala de aula, temas como Segurança no Trabalho, Ética Profissional, Curriculum Vitae, Programa de Qualidade Total, entre outros, foram trabalhados pelos alunos.

Orientados pelos professores Francisco Douglas, Fabrina e Elvira, os alunos da turma 205 escolheram a temática INCLUSÃO – ACESSIBILIDADE.

Foram feitas pesquisas bibliográficas, investigação pelas ruas e comércios da cidade e entrevistas em turmas com alunos portadores de necessidades especiais. O trabalho culminou com palestra de professora especializada nessa área e exposição de instrumentos de acessibilidade de deficientes motores, além de um estudo das leis que regulamentam a inclusão.

As turmas 101 e 106, coordenadas pela professora Maria Márcia, escolheram a MÚSICA como tema gerador do projeto. Com atividades diferenciadas foi organizado um show musical; houve confecção de estrelas para formar uma calçada da fama, estudo de músicas e análise de trilhas sonoras de filmes famosos. O blog está disponível para postagens.

Com o tema PRECONCEITO, a turma 102, orientada pela professora Elisângela, organiza um movimento escolar para aceitação da diversidade.

O professor Giliard coordenou a turma 103 em estudos sobre a GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA. Após orientação sobre técnicas básicas de elaboração de um seminário, os grupos pesquisaram métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis e outros temas relacionados.

Após apresentação em sala de aula os alunos encaminharam as dúvidas ainda existentes a um profissional da saúde através de uma entrevista gravada em vídeo, que gerou a documentação do trabalho.

Com o tema JUVENTUDE E CRIMINALIDADE, a turma 104 dirigida pelo professor Jonatan Maron, realizou entrevistas gravadas em vídeo com órgãos públicos e privados que trabalham no combate e prevenção à criminalidade, buscando elucidar os fatores que levam o jovem ao mundo do crime.

O vídeo está disponível no youtube para postagem de comentários e será critério de avaliação para todos os alunos do turno da manhã na disciplina de Sociologia.

A conclusão do trabalho foi a realização de uma mesa redonda com todas as autoridades entrevistadas, visando buscar alternativas para superar a criminalidade.

Análise e discussão do relato

Pensando em uma escola que seja um espaço de articulação entre a educação formal e a realidade de nossos alunos é que estamos empenhados na execução de um projeto que envolva todas as turmas do Ensino Médio Politécnico.

Rechaçando um conhecimento fragmentado, desvinculado da realidade de nossos alunos, temos buscado estar alinhados aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que objetivam difundir os princípios da reforma curricular e orientar o professor, na busca de novas abordagens e metodologias, apresentando a interdisciplinaridade como medida para evitar a compartimentalização do conhecimento:

A partir do problema gerador do projeto, que pode ser um experimento, um plano de ação para intervir na realidade ou uma atividade, são identificados os conceitos de cada disciplina que podem contribuir para descrevê-lo, explicá-lo e prever soluções (BRASIL, PCNEM, 1999, p. 89).

Considerações finais

O trabalho proposto por conta das modificações ocorridas no Ensino Médio Politécnico no Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar, a princípio, foi alvo de discussões acaloradas, sofreu críticas e, por fim, posto em prática com todos os medos e as ressalvas possíveis e imagináveis, consequência do “novo” gerador de incertezas.

Passados esses momentos vimos um grupo de professores que entende a reestruturação curricular, fazendo com que teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem fossem capazes de propor uma alternativa às práticas pedagógicas conteudistas e fragmentadas. Dessa maneira, é possível oportunizar aos jovens o desenvolvimento intelectual, ético e moral, bem como levá-los a realizar uma nova leitura da sociedade e de seus problemas, desenvolvendo a capacidade de apontar os caminhos na superação de tais adversidades em prol de uma sociedade mais humana, solidária e justa.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

A trajetória do coordenador pedagógico e o Seminário Integrado

Rosemary Martins Bianchi

bianchi.rosemary@gmail.com
Escola Estadual de Ensino Médio
Professor Carlos Loréa Pinto

Este texto tem por objetivo relatar as impressões sobre como se dá a prática do Seminário Integrado da Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico, como Reestruturação do Ensino Médio gaúcho, na visão de coordenadora pedagógica e professora articuladora do ProEMI (Programa Ensino Médio Inovador) da Escola Estadual de Ensino Médio Professor Carlos Loréa Pinto, escola da rede pública estadual, localizada na periferia urbana do município do Rio Grande/RS, com o intuito de colaborar com a prática pedagógica dos professores do Ensino Médio, em especial aos professores do Seminário Integrado do Ensino Médio Politécnico.

Detalhamento das atividades

As atividades como coordenadora pedagógica do Ensino Médio na escola em questão favorecem o vivenciar e experimentar ideias de entendimento e observação da prática dos professores seminaristas. E o que estes fazem, estabelece a identificação do Seminário Integrado dessa escola.

As situações cotidianas da prática de coordenação pedagógica nos encontros pedagógicos semanais fazem-me perceber, por meio dos relatos dos professores, que o Seminário Integrado ainda que seja intrigante é ao mesmo tempo inovador, que ainda demonstra ser um desafio e um caminho desconhecido em sua prática, tanto para o entendimento de alguns alunos como para os demais professores não seminaristas. Muitas vezes compartilhado com rejeição ao desconhecido e à mudança de paradigma.

Para os professores das escolas estaduais gaúchas de ensino médio, a questão da reorientação curricular, presente no documento Proposta Pedagógica para o Ensino Médio, encaminhado às escolas pela SEDUC/RS, Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, em 2011, talvez seja um dos tópicos mais candentes.

Por outro lado, o empenho dos professores seminaristas que se encontram em sala de aula, no caminho do incentivo à produção textual e prática da pesquisa realizada neste novo componente curricular do Ensino Médio Politécnico é um processo lento por parte dos alunos que são despreparados a serem os protagonistas da própria construção do conhecimento. Ocorrem comentários de outros professores, mesmo sendo minoria, chegam ao educando, que esta proposta é passageira e, portanto, política do atual governo estadual do Rio Grande do Sul, o que por vezes desmotiva todos os envolvidos.

Relatos de professores seminaristas afirmam que não são as dificuldades na prática pedagógica deste componente que mais se tornam desafiadoras, mas compartilham sobre o desinteresse dos alunos que por vezes exigem uma educação “bancária”, o que se torna a grande dificuldade na promoção da construção de seminários integrados.

Desmistificar a cultura da nota e construir uma prática de construção da aprendizagem é uma das funções do coordenador pedagógico. Ainda há muito estudo e trabalho a ser realizado e experimentado até que possamos desenvolver esta proposta na sua integralidade e interdisciplinaridade. Este é só um pequeno passo para mudar a concepção de construção da aprendizagem, muito ainda há de se conquistar e se desprender da antiga forma de direcionar as metodologias de trabalho dos professores em geral.

A proposta que busca tornar o Ensino Médio condizente com as exigências da sociedade encantadora para os jovens precisa adaptar o currículo formal para a efetiva implantação do Seminário Integrado.

No entanto, discutir a construção do conhecimento e a avaliação requer que o professor seja e esteja preparado e dis-

posto a transformar sua prática metodológica e sua postura diante do que é ser professor neste momento de mudanças tão necessárias na educação brasileira e da clientela discente.

Para tal, concordo com Morin (2000, p. 10) que, “[...] não haverá transformação sem reforma do pensamento, ou seja, revolução nas estruturas do próprio pensamento. O pensamento deve tornar-se complexo”. As mudanças precisam ocorrer nas ações do professor e do aluno, na escola como ambiente educacional, na reorganização curricular, na gestão escolar, no cumprimento do Projeto Político Pedagógico, no comprometimento da família e no auxílio de especialistas oportunizando estudo e pesquisa, o aprender aprendendo.

Análise e discussão do relato

Nesse contexto, o Seminário Integrado da Proposta do Ensino Médio Politécnico do Rio Grande do Sul vem ao encontro do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), instituído pela Portaria nº 971, de 09/10/2009: integram as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como estratégia do Governo Federal para induzir o redesenho dos currículos do Ensino Médio, em atendimento às necessidades e expectativas dos estudantes do Ensino Médio. Em acordo com a proposta do ProEMI, o Projeto de Redesenho Curricular (PRC), promove e se alia ao que se espera do Seminário Integrado,

[...] fomentando propostas curriculares inovadoras nas escolas do ensino médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível e compatível com as exigências da sociedade contemporânea (BRASIL, Ministério da Educação, ProEMI, 2012/2013, p. 11).

Conforme, Melchior:

Reorganizar e adequar a prática pedagógica é tentar propiciar e favorecer um ambiente de aprendizagem com situações próximas ao mundo do trabalho, da vida fora dos muros da escola, que favoreçam a troca de vivências, a parceria, a pesquisa, a construção de saberes, reduzindo, assim, a distância entre o ensino e a vida (MELCHIOR 2003, p.158).

Para tal, minha participação como coordenadora pedagógica agrega a função de articuladora do ProEMI, a partir de julho do corrente ano de 2013, e propõe esta prática mais ativa através da adesão ao ProEMI/2012-2013, e colaborando com o Seminário Integrado na escola. Estas duas propostas, embora oportunizem o “desenvolvimento e a implantação de estratégias para a sistematização das ideias, ações e projetos propostos pelos professores”, encontram os educandos ainda não dispostos a agregar, na sua grande maioria, a participação extracurricular no turno oposto de atividades que favoreçam diversidade em ambientes diferenciados da sala de aula, como, por exemplo, as citadas anteriormente por Melchior (2003, p. 158).

Desta forma, a Proposta do Ensino Médio Politécnico não está distante da fala dos pensadores educacionais nacionais, como também dos internacionais. Neste sentido, o documento (ProEMI) visa

[...] ações relacionadas ao currículo que podem ser estruturadas em diferentes formatos tais como **disciplinas optativas, oficinas, clubes de interesse, seminários integrados, grupos de pesquisas, trabalhos de campos e demais ações interdisciplinares** e que, para sua concretização, poderão definir aquisição de materiais e tecnologias educativas e incluir formação específica para os profissionais da educação envolvidos na execução das atividades (BRASIL, Ministério da Educação, 2012/2013, p. 14). (Grifo do autor)

Destacamos a adoção para o próximo ano do livro sobre Iniciação Científica para alunos de Ensino Médio, da Editora Autonomia/POA/RS, um aporte teórico para construção de pesquisas como princípio pedagógico, assim colaborando com os envolvidos no Seminário Integrado, proporcionando a ampliação dos espaços educativos como a ampliação dos ambientes educacionais. O livro citado apresenta passos básicos para que o aluno do Ensino Médio possa iniciar um projeto de pesquisa exibindo orientações práticas por onde começar o trabalho.

Considerações finais

Apesar da importância, em minha opinião, que o Seminário Integrado tem como novo mecanismo para a prática peda-

gógica, a metodologia deve ser o princípio pedagógico. Precisa agregar o ensino das disciplinas dando sentido à interdisciplinaridade, que a sistematização dos conteúdos seja para o aluno, conforme as orientações das Diretrizes Nacionais da Educação Básica, em especial para o Ensino Médio “além de adquirir determinadas informações” e de saberes possa ser protagonista “e desenvolver habilidades para realizar certas tarefas, deve aprender a aprender, para continuar aprendendo”.

Portanto, o desenvolvimento do Seminário Integrado no Ensino Politécnico, com certeza, terá desempenho diferente para cada docente e discente, uma representação interna individual, podendo ser, com o mesmo tema desenvolvido, muito maior a motivação para um do que para outro.

Contudo, a iniciação à pesquisa no Ensino Médio deleita-se muito mais no protagonismo do educando do que na proposta de trabalho construída no coletivo.

Como se vê, para que o sistema educacional atual da rede estadual alcance os objetivos da proposta, os desafios precisam ser concebidos e incentivados de forma positiva e estimuladora tanto pela entidade mantenedora, como quando aplicados no ambiente escolar, requerendo formação continuada aos docentes do Ensino Médio, bem como atualizando a formação acadêmica dos futuros profissionais.

Nesse processo, a escola percorre o seu caminho, caminhando. A escola demonstra preocupação com a iniciação à pesquisa, onde os professores seminaristas orientam a escrita dos trabalhos associados à pesquisa, a viagens de estudos, planejando promover a teoria (sala de aula) com a prática (saída a campo), proporcionando a curiosidade aos estudantes. Além disso, diante das mudanças do perfil do educando do Ensino Médio, também utiliza recursos tecnológicos no processo cotidiano das aulas.

Como coordenadora pedagógica participo ativamente dando suporte aos seminaristas (alunos e professores) nas aulas de seminário e oportunizo encontros semanais com os professores seminaristas, onde são discutidas questões sobre o planejamento e desenvolvimento da pesquisa de cada turma. Por vezes, sin-

to-me desmotivada pelo desinteresse e falta de comprometimento do aluno diante de sua educação formal no contexto escolar, descumprindo prazos e ainda não achando o ponto de fusão entre sua vivência e sua busca por aquisição de conhecimentos necessários aos dias atuais.

Para o presente ano de 2013, colaboro com incentivo, organização e montagem de um livro que reunirá impressões de professores, coordenadores e alunos sobre suas práticas e experiências no Seminário Integrado do Ensino Médio Politécnico. É uma iniciativa planejada no PRC/MEC (Plano de Reestruturação do Ensino Médio) pelo conjunto de professores da E. E. E. M. Professor Carlos Loréa Pinto, 18ª CRE, Rio Grande, RS. São trabalhos realizados através do comprometimento dos docentes e discentes referentes à sua prática com a finalidade de apresentar aos colegas os processos de pesquisa e desenvolvimento da produção textual do Ensino Médio Politécnico.

Essa tarefa, embora não pareça, ocupa um tempo valioso e gratificante ao revelar o que os alunos são capazes de produzir em suas pesquisas com apresentação da construção do livro intitulado *Seminário Integrado: possibilidades de pesquisa como construção do conhecimento dentro do contexto escolar*.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Programa do Ensino Médio Inovador**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=293&Itemid=810>. Acesso em: 18 ago. 2013.

MELCHIOR, Maria Celina. **Da avaliação dos saberes à construção de competências**. Porto Alegre: Premier, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Ensino Médio Politécnico: uma nova possibilidade do ambiente escolar

Ana Ester Godoy Patron

esterpatron@hotmail.com

Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama

“Prosseguimos. Reinauguramos.
Abrimos olhos gulosos a um sol diferente
que nos acorda para os descobrimentos.
Esta é a magia do tempo.”

Carlos Drummond de Andrade

A Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama localiza-se no Balneário Cassino, a maior praia do mundo, em Rio Grande, Rio Grande de Sul. É uma escola de porte médio, com aproximadamente 500 alunos no ensino médio regular, sendo que cerca de 400 estão cursando o Ensino Médio Politécnico.

Neste segundo ano de implantação do ensino politécnico (2013), estamos tentando aparar algumas arestas, integrar mais colegas, pois agora temos doze turmas nesta modalidade de ensino – sete primeiros e cinco segundos anos.

Como a proposta construída no primeiro ano de implantação visa à construção do conhecimento de forma crescente em complexidade, que proporcione condições cognitivas necessárias para a autonomia do educando e levando em consideração a diversidade da nossa comunidade escolar, estamos buscando, neste segundo ano, os argumentos para fomentar as nossas discussões e fortalecer os nossos posicionamentos.

O ano anterior nos pareceu muito produtivo, entretanto, com o aumento das turmas e dos profissionais envolvidos, percebemos que algumas dinâmicas precisam ser revistas ou até mesmo substituídas. As dúvidas estão se multiplicando, o que, de uma certa forma, é muito positivo.

Detalhamento das atividades

As reuniões começaram antes mesmo do ano letivo. Conversamos com vários colegas para vermos quem assumiria as turmas de Seminário Integrado, em nosso entendimento a espinha dorsal do ensino politécnico.

A opção foi por manter os professores do ano anterior como titulares nas turmas de primeiro ano – com 3 h/a – e apoio nas turmas de segundo, com 1 h/a.

As turmas de segundo ano têm um professor titular no Seminário Integrado e um professor de apoio em cada área de conhecimento (Linguagens e Códigos, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas) totalizando 7h/a, sendo que, em um dos horários desses professores de apoio, os alunos podem circular nas turmas buscando aquele professor-orientador que melhor possa ajudá-lo na pesquisa que está sendo desenvolvida.

Estão sendo disponibilizadas palestras, saídas de campo, horários e espaços alternativos para pesquisa e construção dos textos.

Um grupo de alunos está organizando uma Mostra de Trabalhos para a comunidade, que ocorrerá em outubro. Também foi criado, por eles, um Conselho de Alunos do Politécnico, que tem oferecido várias atividades, como, por exemplo, um curso de oratória.

A questão “Avaliação” continua sendo o tema mais polêmico neste processo, pois os professores não se sentem totalmente apropriados desta “nova” forma de avaliar; e a burocracia gerada no processo também tem sido um empecilho.

Análise e discussão do relato

Os alunos continuam envolvidos e ansiosos pelo trabalho deste ano, o que aumenta a nossa responsabilidade, e estamos, agora, enquanto grupo, traçando um paralelo com o que realizamos – e como foi realizado, com o que (e como) podemos fazer neste ano, buscando subsídios na literatura e experiências de outras escolas.

A mudança da percepção da realidade, que não pode dar-se a nível intelectualista, mas na ação e na reflexão em mo-

mentos históricos especiais, além de ser a única possibilidade de ser tentada, torna-se como ‘associado eficiente’, instrumento para ação da mudança.

Desta forma, a realidade objetiva, ao condicionar a percepção que dela têm os indivíduos, condiciona também a forma de enfrentá-la, suas perspectivas, suas aspirações, suas expectativas. Condiciona também os vários níveis de percepção que, por sua vez, explicam as formas de ação dos indivíduos (FREIRE, 1982, p. 58).

Estamos enfrentando problemas quanto à disponibilidade dos professores para as reuniões de planejamento, pois como trabalhamos em mais de uma escola, muitas vezes, as reuniões têm acontecido fora do nosso horário habitual de trabalho. Entretanto, o Conselho de Classe foi um momento único, onde os professores efetivamente começaram a questionar a metodologia vigente até então.

Considerações finais

Há um longo caminho a ser “trilhado”, mas penso que não podemos ser afoitos neste momento. É preciso cautela, reflexão e confiança no nosso trabalho, pois os resultados devem ser observados a longo prazo.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz somente com ciência e técnica (FREIRE, 1996, p. 136).

Continuamos nossa caminhada; muitas vezes paramos para nos fortalecer com os colegas, mas acredito que ninguém está cogitando um retorno, pois já percebemos reflexos nos nossos alunos, já os percebemos agentes na interação com a realidade, como cidadãos críticos e transformadores do meio, capazes de compreendê-lo com profundidade e eficácia.

Como se pode perceber, a complexidade do ato de educar nesta modalidade de ensino se apresenta como um desafio dos



grandiosos; para o engajamento do professor/educador para a mediação do vir a ser do cidadão pleno, autônomo, protagonista e atuante na comunidade.

Essa é a única vantagem, a vantagem única da emancipação intelectual: cada cidadão é também um homem que realiza uma obra, com pluma, com a purina ou qualquer outro instrumento. Cada inferior superior é também um igual, que narra e faz com que o outro narre o que viu. É sempre possível trabalhar essa relação consigo mesmo, reconduzindo-a a sua veracidade primeira, para despertar no homem social o homem razoável. Quem não busca introduzir o método do Ensino Universal nas engrenagens da máquina social pode suscitar essa energia toda nova que fascina os apaixonados pela liberdade, essa potência sem gravidade, sem aglomeração, que se propaga como um raio, pelo contato de dois pólos. Quem abandona as engrenagens da máquina social tem a sorte de fazer circular a energia elétrica da emancipação (RANCIÈRE, Jacques, 2004, p. 150).

O tratamento dessa questão, que apesar de se configurar como coletiva também é de cada um, torna-se um exercício de uma postura de compreensão e participação, de crença de uma nova realidade educacional e social, mais justa e igualitária.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. 2. ed. Trad. Lillian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



A tessitura do currículo na perspectiva da educação libertadora: uma prática construída no Seminário Integrado

Simone Ginar da Silva

simoneginar@hotmail.com



Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama

A Reestruturação Curricular do Ensino Médio proposta pela Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul provocou uma mudança de paradigmas ao instituir o Ensino Médio Politécnico, que tem por base na sua concepção, a dimensão da politecnicidade¹, constituindo-se na articulação das áreas de conhecimento e suas tecnologias com os eixos: cultura, ciência, tecnologia e trabalho enquanto princípio educativo (SEDUC-RS, 2011). Dentre as estratégias transformadoras da atual forma de organização curricular, apresenta o Seminário Integrado (SI), como um eixo integrador e problematizador do currículo, que visa à melhoria da qualidade social da educação desenvolvida nessa etapa final da Educação Básica.

Este relato apresenta uma experiência vivida por uma comunidade aprendente². Um grupo que acredita no encontro com o outro e no diálogo de saberes e fazeres em educação. Constituído pela coordenação pedagógica, por professores responsáveis pelo SI e por turmas de estudantes do Ensino Médio Politécnico da Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, no balneário Cassino, município de Rio Grande – RS.

¹ Politecnicidade em Saviani (1989) diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno (SEDUC-RS, 2011).

² Comunidade aprendente na concepção de Brandão (2005), de aprender com o outro, solidariamente.



Discorre sobre uma prática pedagógica edificada no diálogo, na perspectiva problematizadora e libertadora da educação proposta por Freire (2001). Um trabalho realizado na Escola em 2013, a partir de um convite de duas professoras à coordenação pedagógica para assistir e colaborar com as pesquisas planejadas e desenvolvidas com os estudantes do Ensino Médio Politécnico, no SI, a qual está se ampliando por meio de diálogos e pelo envolvimento dos demais professores que participam dessa nova organização curricular. Um movimento de construção coletiva, de reconstrução do curricular, permeado por uma tessitura de saberes e fazeres da prática pedagógica.

Nesse contexto, muitos são os desafios para a implementação dessas mudanças, mas principalmente inúmeras são as possibilidades e as aprendizagens experienciadas pela comunidade escolar engajada no processo de ressignificação do currículo do Ensino Médio.

Detalhamento das atividades

Num primeiro momento, em encontros sistemáticos na Escola, com uma das professoras do SI, dialogamos sobre como a proposta está se constituindo com os estudantes. Após muitas reflexões sobre os processos de construção das pesquisas³, a professora convidou-me para participar das salas de aula de duas turmas – uma turma de 1º ano e outra de 2º ano do Ensino Médio Politécnico – das pré-apresentações⁴ pelos grupos. Fiquei sensibilizada e senti-me desafiada, como coordenadora pedagógica, com o chamado, pelas possibilidades das muitas aprendiza-

³A pesquisa, um dos princípios orientadores do Ensino Médio Politécnico, é o processo que, integrado ao cotidiano da escola, garante a apropriação adequada da realidade, assim como projeta possibilidades de intervenção. Como metodologia, possibilita a construção de novos conhecimentos e a formação de sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos (SEDUC-RS, 2011).

⁴ As pré-apresentações no SI da Escola, são o espaço que os estudantes têm para qualificar suas pesquisas. Professores de todas as áreas do conhecimento participam desse processo, contribuindo com a produção das pesquisas. No último trimestre letivo haverá um momento para apresentação de todas as pesquisas desenvolvidas no Ensino Médio Politécnico.

gens nessa nova alternativa pedagógica curricular: o Seminário Integrado.

Desde então muitas expectativas foram vislumbradas, pois participaria das ações que estão sendo desenvolvidas durante as aulas SI, de forma colaborativa com os estudantes e com a professora responsável pelo trabalho.

No dia das primeiras apresentações cheguei à sala de aula de uma turma de 2º ano juntamente com outra professora da turma, da área das Ciências Humanas, que também contribuiria com as pesquisas. A professora e o grupo de estudantes nos aguardavam para participar desse movimento e operacionalização do trabalho coletivo na Escola.

Os estudantes tinham ciência de nossa prática, pois a professora havia partilhado com eles sobre a nossa presença e participação.

Os grupos de estudantes estavam organizados por temas gerados a partir dos seus interesses de pesquisa e nesse dia, três grupos apresentaram seus projetos sobre os respectivos temas: “A Filosofia e os Jovens”, “Fotografia” e “Drogas Lícitas e Ilícitas”.

Os jovens realizaram apresentações em *PowerPoint*, com a utilização de recursos como fotografias, vídeos e com conhecimento aprofundado das temáticas abordadas. Ao final da apresentação de cada grupo era realizada uma roda de diálogos, mediada pela professora, onde a coordenação pedagógica, as professoras e os estudantes refletiam e dialogavam sobre os trabalhos, sendo entregues por escrito, considerações e sugestões para contribuir com as pesquisas.

A partir dessa primeira atividade os grupos de estudantes começaram a procurar a coordenação pedagógica além da sala da aula, para debate de ideias, busca de sugestões e metodologias, numa troca de saberes, fazeres e planejamento de ações para qualificar o trabalho.

Num outro momento, participei das apresentações de uma turma do 1º ano, onde os estudantes estavam, pela primeira vez, tendo a experiência com a metodologia da pesquisa, momento no qual a professora várias vezes ratificava, que as pré-apresentações eram uma possibilidade para aperfeiçoar as pesquisas.

Assisti as apresentações de dois grupos sobre temáticas geradas também por meio dos interesses e curiosidades dos estudantes. Uma sobre o tema “Gangues” e outra sobre a “Cirurgia Plástica”, em diferentes abordagens. Ao término das apresentações todos expressamos nossas considerações e sugestões e, coletivamente, o grupo refletiu sobre a caminhada nas pesquisas até então desenvolvidas, compartilhou dúvidas, aspirações e expectativas com relação às produções.

Em diálogo com outra professora responsável pelo Seminário Integrado, sobre a proposta que estamos desenvolvendo, a mesma partilhou da ideia e convidou-me para participar de suas ações em outra turma de 1º ano da Escola. Desde então, já participei de três encontros, nessa mesma dinâmica de trabalho, onde foram apresentadas pesquisas sobre os temas “Asilos”, “Esporte e Qualidade de Vida”, “Tatuagem” e “Segurança em Estabelecimentos Públicos”, num processo coletivo de investigação, questionamentos e construção de conhecimentos.

Desse modo, pela prática pedagógica experienciada numa relação dialógica e coletiva, um grupo maior de professores está integrando-se à proposta, pela articulação da coordenação pedagógica, num movimento de estudos, reflexões e ações para a reconstrução curricular do Ensino Médio Politécnico.

Assim, são muitos os encontros nas salas de aula, inúmeros são os desafios e movimentos da Escola para a qualificação do Ensino Médio Politécnico, mas principalmente muitas são as possibilidades de tecer mudanças para ressignificar o currículo, numa tessitura de saberes e fazeres, por meio do SI, pelo compartilhamento de práticas pedagógicas inéditas, construídas coletivamente na Escola.

Análise e discussão do relato

Nessa rede de saberes e fazeres, numa trama das partes que se formam em um todo, onde as práticas das professoras, dos estudantes e da coordenação pedagógica acontecem de forma dialógica e coletiva na Escola, corroboro a construção da prática pedagógica crítica e emancipatória, sob o olhar da educação libertadora que segundo Freire (2001, p. 67):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Durante as apresentações dos estudantes, vivenciei momentos singulares. Jovens curiosos, criativos, críticos e reflexivos, desenvolvendo a pesquisa de forma significativa, interdisciplinar e contextualizada. Jovens motivados por seus pares e pelas professoras, numa proposta de construção de aprendizagens pela pedagogia da pesquisa, “possibilitando que o estudante possa ser protagonista na investigação e na busca de respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos” (BRASIL, 2012, Art. 13, Inciso III).

Estudantes pesquisadores que, em suas apresentações, traduzem o que sentem com a realização das pesquisas, integrando a escola à prática social, em processo de resignificação do currículo escolar. Rompendo com a fragmentação do conhecimento, na busca da construção de um currículo que respeita os diferentes saberes, fundado na construção social desses saberes. E nessa perspectiva Arroyo (2011, p. 37) afirma:

O campo do conhecimento sempre foi tenso, dinâmico, aberto à dúvida, à revisão e superação de concepções e teorias contestadas por novos conhecimentos. Os currículos escolares mantêm conhecimentos superados, fora da validade e resistem à incorporação de indagações e conhecimentos vivos, que vêm da dinâmica social e da própria dinâmica do conhecimento. É dever dos docentes abrir os currículos para enriquecê-los com novos conhecimentos e garantir o seu próprio direito e o dos alunos à rica, atualizada e diversa produção de conhecimentos e de leituras e significados.

Os estudantes oportunizaram a todos os envolvidos no processo, um novo olhar para a aprendizagem, num currículo da diferença. “Currículos, sem dogmas e sem certezas, que avançam, abertos ao futuro como advento da justiça. Avançam, em

seu trabalho em processo, em suas estradas em andamento, em seus mares a fluírem” (CORAZZA, 2008, p. 6).

Assim, o currículo é uma trajetória em construção, um processo dialógico e coletivo que reconhece os diferentes saberes, em que todos dizem a sua palavra, como revela Freire (2001, p. 78):

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediados pelo mundo, para *pronunciá-lo* [...].

Na voz de uma das professoras responsáveis pelo Seminário Integrado foi enfatizado ao desenvolver a proposta, que “Todos têm algo a contribuir”. Isso confirma a importância do grupo pronunciando-se e constituindo as aprendizagens.

Em um segundo momento, numa sala de aula do 1º ano, outra professora responsável pelo Seminário, em seu discurso, ilustrou que “Nenhum trabalho está pronto. Esta é a primeira apresentação. Cabe ao grupo responsável optar sobre a forma do que fazer. Ele está em construção.” Portanto, espaços dialógicos são criados, os quais oportunizam o envolvimento dos estudantes na construção dos conhecimentos, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2006, p. 22).

Um estudante do 2º ano ao apresentar sua pesquisa afirmou que “O Seminário Integrado não é da Escola, foi feito para a sociedade.” Em sua fala ele manifesta a importância da articulação da prática pedagógica com a prática social, na conferência de saberes e vozes. “É nas diferenças de vozes que se possibilitam as reconstruções dos entendimentos e compreensões de cada um. Nisso se fundamenta o aprender” (MORAES, 2007, p. 32).

As práticas educativas transformadoras desenvolvidas pelas professoras retratam o seu compromisso com a docência, num processo em que o “ensinar exige a corporeificação das palavras

pelo exemplo” (FREIRE, 2006, p. 34). Professoras mediadoras do processo de ensino-aprendizagem, protagonistas de práticas pedagógicas problematizadoras, interdisciplinares e contextualizadas.

Desse modo, o Seminário Integrado é uma possibilidade de dar uma nova forma ao currículo do Ensino Médio. Conforme assegura Ferreira (2013, p. 193):

O SI, enquanto conteúdo e forma de apropriação da realidade e construção de aprendizagem é um eixo articulador e problematizador do currículo. É um espaço de articulação entre conhecimento e realidade social com os conhecimentos formais, constituindo-se por essência, no exercício da interdisciplinaridade. É um espaço de produção de conhecimento, por meio de uma atitude investigativa.

Nas práticas pedagógicas experienciadas no Seminário Integrado muitas aprendizagens são construídas, pela elaboração de pesquisas interdisciplinares, tecendo uma rede de conhecimentos formais e não-formais significativos, o que cria possibilidades de intervenção para transformar a realidade.

O Seminário Integrado está, como expressa Ferreira (2013, p. 198-9):

[...] embasado na premissa de que nenhum campo do conhecimento, isolado, consegue explicar fenômeno do mundo social, físico e humano. E que é na ação articulada entre as áreas do conhecimento e práticas sociais que se viabiliza a construção de alternativas de superação das problemáticas do cotidiano. Essa compreensão comprova o caráter interdisciplinar da realidade, que, como tal, precisa ser analisada e abordada, como forma mais adequada de interagir com ela no sentido de transformação.

As ações do grupo despertaram vários sabores sobre a aprendizagem, numa organização sistematizada de intervenções, construções e reconstruções, pela cumplicidade e ousadia, em uma trama resultante de um processo autônomo e coletivo do grupo, pois como diz Freire (2000, p. 103-4) :

Grupo é: A cada encontro: imprevisível. A cada interrupção da rotina: algo inusitado. A cada elemento novo: surpresas. A cada elemento já parecidamente conhecido: as-

pectos desconhecidos. A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente vivido. A cada tempo: novo parto, compromisso, fazendo história. A cada conflito: rompimento do estabelecido para a construção da mudança. A cada emoção: faceta insuspeitável. A cada encontro: descobrimento de terras ainda não desbravadas.

Nessa textura de saberes e fazeres, professoras, estudantes e coordenação pedagógica, a partir do Seminário Integrado em processo de reflexão pedagógica, as aprendizagens se constituem num contexto que, segundo Freire (2006, p. 23):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças se conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

A prática vivenciada pelo grupo de sujeitos aprendentes no SI é uma alternativa de ressignificação curricular, a qual vem possibilitando o exercício de uma leitura e a compreensão crítica da realidade, com práticas pedagógicas articuladas às práticas sociais. Desenvolvidas de forma problematizadora, interdisciplinar e contextualizada, permeadas por ações dialógicas e coletivas num processo de ação-reflexão-ação, visto que “Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes” (FREIRE, 2001, p. 56).

No decorrer das ações desenvolvidas realizamos movimentos de ousadia e inovação, por meio de novos paradigmas curriculares para o Ensino Médio, que rompem com a visão unidimensional das pedagogias edificadas nas práticas pedagógicas tradicionais, ainda muito recorrentes na escola.

É no coletivo dialógico que o grupo se estabelece, provocando novas formas de aprendizagem, onde todos são sujeitos na construção do currículo numa perspectiva libertadora da educação.

Considerações finais

Nesta nova dinâmica curricular, por meio do Seminário Integrado, o espaço de aprendizagem ultrapassa os muros da

escola, tecendo uma teia de saberes e fazeres, tendo a pesquisa como princípio pedagógico, alicerçada no reconhecimento dos saberes, na interdisciplinaridade e na possibilidade de intervenção na prática social.

Penso que é premissa para a construção do currículo nessa perspectiva, o processo de construção coletiva, que implica a participação de todos os envolvidos na ação educativa. Para isso, é necessário repensar os tempos e espaços escolares, para que se garanta de que todos sejam protagonistas na construção do projeto político-pedagógico da escola. É também imprescindível, a formação continuada e permanente dos professores, numa dinâmica teórico-prática de ensinar-aprender-pesquisar.

O principal desafio nessa trajetória é sensibilizar e envolver um grupo maior de educadores e educandos, num processo reflexivo de ressignificação curricular coletiva, que possibilite outras formas de olhar, saber, provocar, em projetos coletivos, num currículo que reconhece e respeita a diversidade, articula saberes, culturas e leituras de mundo.

Assim, é preciso divulgar e valorizar as práticas pedagógicas emancipatórias, que possibilitam ampliar as redes de conhecimentos e experiências, pelas relações tecidas na instituição escolar, pelos sujeitos que praticam esse lugar, no qual lutam por outro projeto de sociedade, transgridem e reconfiguram de forma colaborativa novas identidades para o currículo. Um currículo para a melhoria da qualidade social da educação, que contribua para a edificação de uma sociedade mais justa e solidária.

Referências

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRANDÃO, C. R. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO JR., L. A. (org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA – Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 85-91.

FREIRE, Madalena. O que é um grupo? In: BORDINI, Jussara; GROSSI, Esther Pillar (orgs.). **A paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JÚNIOR, Luiz Antônio. In: **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

BRASIL. **Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=9864&Itemid>. Acesso em: 19 ago. 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **Currículo na contemporaneidade**. Conferência. Formação Continuada. UNIFEBE (Brusque) e FURB (Blumenau). Brusque, Blumenau, SC, 21, 22 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.unifebe.edu.br/04_proeng/formacao_continuada/2008_2/material_palestras/curriculo_na_contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2013.


FERREIRA, Vera Maria. Ensino Médio Politécnico: Mudança de Paradigmas. In: AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio (orgs.). **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos teóricos e desafios da prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 30 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

MORAES, Roque. Aprender Ciências: reconstruindo e ampliando saberes. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; AUTH, Milton; MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (orgs.). **Construção Curricular em Rede na Educação em Ciências: Uma aposta de Pesquisa em Sala de Aula**. Ijuí: Unijuí, 2007.

SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011- 2014**. Porto Alegre: SEDUC/RS, out./nov. 2011. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2013.



Vivências do Seminário Integrado no espaço-escola ressignificando o Ensino Médio

Luciane Mirapalheta Longaray


lucianemirapalheta@gmail.com
Escola Estadual de Ensino Médio
Eng.º Roberto Bastos Tellechea

O presente relato de experiência visa partilhar a continuidade das vivências no espaço-escola onde foi inserida a disciplina de “Seminário Integrado” que faz parte da nova modalidade do Ensino Médio, proposto pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC), a partir do ano de 2012.

Este ano de 2013 caracteriza-se por uma caminhada mais leve, pois está sendo reestruturado com menos tensionamentos e se constituindo de um espaço de construção permanente de conhecimentos, experiências e trocas entre os professores, buscando muito sutilmente um trabalho interdisciplinar visando a compreensão de um novo significado para o Ensino Médio Politécnico.

Enquanto Supervisora Pedagógica da Escola Estadual de Ensino Médio Eng.º Roberto Bastos Tellechea, percebo que o desafio continua na coordenação deste caminhar. Através dos espaços das reuniões para discussões e trocas, experiencio a maravilhosa força que o grupo tem enquanto construtor de conhecimento. Nestes espaços são lançadas propostas de atividades em que os professores caminham para a mudança e para a reestruturação, tendo como resultado um ensaio de interdisciplinaridade.

Nesse relato, compartilho as propostas de pesquisa que estão sendo desenvolvidas no espaço de nossa Escola, dialogando com a realidade dos professores e alunos do bairro Parque Marinha, nas seis turmas de 1º ano e nas três turmas de 2º ano,



que foram inseridas nesta modalidade do Ensino Médio Politécnico neste ano.

Descrição das atividades

Neste ano foram inseridos mais professores no trabalho com a disciplina de Seminário Integrado. No 1º ano são 2 horas-aula e no 2º ano são 6 horas-aula semanais. Para os que começaram no ano anterior o trabalho está sendo desenvolvido com maior segurança e já é relatado que está melhor que no ano passado, no entanto nos professores novos do 2º ano, percebo uma insegurança inicial natural, mas muito empenho e dedicação. Percebo cada um com seu modo de ser e atuar como professor, percorrendo novos caminhos, de estudo, práticas, metodologias e avaliações. Com dificuldades ou não, todos estamos aprendendo e buscando melhorar nossa prática. Estes professores foram escolhidos pela Diretora, onde a mesma perguntou aos professores se gostariam de trabalhar através de projetos de pesquisa assumindo o Seminário Integrado.

Atualmente temos cinco turmas de 1º ano pela manhã, nas quais três professores assumiram o Seminário Integrado, sendo um de Português, outro de Química e outro de Filosofia. À noite temos uma turma com a professora de Literatura. A carga horária desta disciplina está organizada com duas horas semanais pela manhã e à noite. No 2º ano, onde são 6 horas-aula semanais, temos três turmas e também três professores responsáveis, um de Biologia, outro de Português e outro de Química.

Os professores continuam trabalhando através de projetos de aprendizagem, onde os alunos escolhem os temas a serem pesquisados, nos segundos anos a professora de Biologia conseguiu conduzir a escolha dos temas de forma mais adequada a meu ver, pois se possibilita maior facilidade em um trabalho interdisciplinar com um tema por turma. A pesquisa tem como referência eixos temáticos gerados a partir destes projetos, retirados de sua lógica e estrutura, os elementos que orientarão os estudos e pesquisas. Essa metodologia permite uma leitura do mundo, de forma relacionada com a atividade produtiva à qual está vinculada a sociedade contemporânea, visando uma me-

lhor compreensão do significado da ciência, cultura, arte e comunicação.

O trabalho começou muito lentamente. Pela manhã, os professores tiveram ritmos diferentes. Os que já haviam trabalhado no ano anterior com seminário integrado não tiveram problemas, porém para os novos houve maior dificuldade no começo. A professora de Português auxiliou a professora de Química em duas turmas realizando uma oficina com os alunos e participando com a mesma na delimitação do tema do projeto. Foi um momento ímpar na Escola, onde a parceria e integração das duas áreas, ciências exatas e linguagens, mostraram que é possível a construção a partir de um caminho integrado.

As temáticas abordadas nos “Seminários Integrados” foram: 1^{os} anos – comportamento juvenil e conscientização no ambiente escolar, tribos urbanas, artistas do bairro (tendo como foco a pesquisa sobre a valorização das artes em nossa cidade), horta na escola; e 2^{os} anos – política brasileira atual, cultura em Rio Grande, história da escravidão, drogas e gravidez na adolescência.

As temáticas são pertinentes e certamente interdisciplinares, pois necessitamos de conteúdos conceituais de diversas áreas do conhecimento para compreender cada uma dessas temáticas escolhidas e investigadas. Ainda podemos pensar a respeito da relevância social de problematizar aspectos relacionados com as temáticas abordadas, pois embora apenas algumas tenham sido mencionadas poderíamos elencar tantas outras trabalhadas pelos professores. Os conteúdos conceituais de cada área do conhecimento encontram-se totalmente vinculados às temáticas abordadas no sentido de compreender, permeado pela pesquisa, esse processo de investigação.

O processo de formação de professores, não somente pertencentes aos “Seminários Integrados”, produz sentido na coletividade, que por sua vez pode ser entendida num movimento de formação que preconiza a partilha de experiências e saberes da docência, a relação dialógica e a afetividade entre os professores envolvidos nesse processo em favor do qual Souza (2011) argumenta enquanto Roda de Formação.

A avaliação do Seminário Integrado foi definida, a partir da participação dos professores em reuniões, e será realizada através de uma mostra prática dos temas dos projetos ao final do ano, da realização de um jornal com os encaminhamentos feitos no 1º semestre e dos resultados no final do ano, bem como da apresentação dos relatórios finais.

Resultados e discussões

A reforma do Ensino Médio foi implantada para fazer frente à fragmentação dos conteúdos e ao distanciamento dos mesmos da realidade dos alunos, também pelos altos índices de reprovação e abandono (34,5%) e pelo expressivo percentual (14,7%) dos jovens entre 15 e 17 anos fora da escola. O Ensino Médio Politécnico tem como fundamento uma concepção de conhecimento, compreendido como processo humano, sempre provisório, histórico, permanente na busca da compreensão, da organização e da transformação do mundo vivido. Por ela, a construção do conhecimento se origina das práticas sociais e nos processos de transformação da natureza pelo homem, dando ao conhecimento um caráter dinâmico, contribuindo para uma ação transformadora da realidade (18ª CRE, edição I, jun. 2013).

Tendo em vista que a função precípua da educação, de um modo geral, e do Ensino Médio – última etapa da Educação Básica – em particular, vai além da formação profissional e atinge a construção da cidadania, é preciso oferecer aos nossos jovens novas perspectivas para que possam expandir seus horizontes e dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes o acesso ao conhecimento historicamente acumulado e à produção coletiva de novos conhecimentos. É nesse contexto que o Ensino Médio tem ocupado, nos últimos anos, um papel de destaque nas discussões sobre a educação brasileira, pois sua estrutura, seus conteúdos, bem como suas condições atuais, estão longe de atender às necessidades dos estudantes, tanto nos aspectos da formação para a cidadania, como, para o mundo do trabalho (Parecer CNE/CEB, 2011, p. 1).

Percebe-se que o professor do Ensino Médio preocupa-se muito com os conteúdos a serem transmitidos, como única for-

ma de apropriação do conhecimento e garantia de estudos posteriores, e tem dificuldade em avaliar o aluno por área do conhecimento. Ao mesmo tempo que valoriza sua disciplina como único caminho ao conhecimento sobrepondo-se às outras, desvaloriza o aluno como um ser integral, complexo, em construção, que transita em todas as áreas do conhecimento e precisa dar conta de todas, mesmo não possuindo todas as competências necessárias. E nem por isso esse aluno deixa de construir conhecimento, aprender e ser capaz de continuar seus estudos posteriores. Reitero essa reflexão com a seguinte citação de Paulo Freire:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem encheidos pelo educador. Quanto mais vai se enchendo os recipientes, com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente encher, tanto melhores educandos serão. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (1987, p. 57).

A elaboração de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio se faz necessária; também em virtude das novas exigências educacionais decorrentes da aceleração da produção de conhecimentos, da ampliação do acesso às informações, da criação de novos meios de comunicação, das alterações do mundo do trabalho e das mudanças de interesse dos adolescentes e jovens, sujeitos dessa etapa educacional.

Para responder a esses desafios, é preciso, além de formação continuada aos professores, assegurar participação efetiva nas propostas de reestruturação desta modalidade de ensino, também de reorganização curricular, além de reconhecer as reais condições dos recursos humanos, materiais e financeiros das redes escolares públicas que ainda não atendem às condições ideais e necessárias para que se efetive uma reforma do novo Ensino Médio, hoje chamado de Politécnico.

Ainda não temos resultados do processo, pois em forma de construção coletiva estamos caminhando no segundo ano da proposta implantada, onde poderemos colher alguns frutos do trabalho construído. A partir das apresentações dos projetos, das autoavaliações da comunidade escolar e dos relatórios finais, poderemos fazer uma avaliação do processo e com isso ter perspectivas e construir metas para o ano seguinte.

Considerações finais

Concluo dizendo que faltam espaços de formação continuada, maior número de reuniões por área de conhecimento, estudo e entrosamento de todos os professores no processo de construção e reestruturação do Ensino Médio Politécnico, pois a falta de apoio de alguns professores aos projetos que os alunos estão desenvolvendo torna-se um entrave ao processo. Além disso a dificuldade de conseguir a interdisciplinaridade e o diálogo entre as áreas do conhecimento, de igual para igual, torna-se outro empecilho no seguimento dos projetos.

Ainda há muito que caminhar de forma que os projetos integrem as áreas do conhecimento, pois o que percebo, são muitos professores que não aderem o processo, não conseguem trabalhar coletivamente, mesmo com as propostas sendo firmadas em reuniões coletivas com todas as áreas do conhecimento. Alguns ainda preferem o trabalho individual na sua disciplina, não querendo participar das atividades integradas. O que fazer com essas práticas que não avançam? Como podemos intervir de forma efetiva na mudança? Alguns professores reclamam da falta de materiais como, por exemplo, a sala de informática. Este ano nosso laboratório foi ativado no segundo semestre, ainda assim foi possível a realização de algumas pesquisas.

Acredito que só poderemos conseguir esta interação das áreas de conhecimento, quando os professores compreenderem que o ensino não pode ser fragmentado, que nenhum conhecimento por si só basta, que todo conhecimento existe porque tem parte de outro que o constitui, que a avaliação é um processo que serve para rever a prática e a aprendizagem do aluno, o que acontece durante todo o tempo e não só no momento das provas.

Existe um longo caminho ainda a percorrer, precisamos de muitas reuniões e formação continuada para que o ensino médio possa ter uma outra configuração. Hoje a concepção de mundo, ensino, escola e educação mudou. E a partir disso o professor também precisa ter uma outra concepção do seu papel, que jovem e para que mundo esta formando. As ideias levam um tempo para serem assimiladas pelas pessoas e com certeza estas mudanças também levarão.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PARECER CNE/CEB – 05/2011. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/arquivos/legislacao/Parecer_Ceb_n5_2011.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

SEDUC-RS. **Proposta Pedagógica Ensino Médio Politécnico**, 2011. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

SOUZA, Moacir Langoni de. **Histórias de professores de Química em Rodas de Formação em Rede**: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. Ijuí: Editora da Unijui, 2011.

Ensino Médio Politécnico: um projeto em construção

Ticiano Cougo Cardoso

ticicougo@ibest.com.br

Anna Belotti de Medina Coeli

annacoeli@hotmail.com

Joseane Melo da Costa

joseane.natura@ibest.com.br
Setor do Ensino Médio – 18ª CRE

O Ensino Médio Politécnico no RS, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais, está alicerçado em alguns pontos principais: a pesquisa como princípio pedagógico, o trabalho como princípio educativo, a interdisciplinaridade e a avaliação emancipatória.

A partir desses princípios, articulados na proposta apresentada pela SEDUC em 2011, que embasou a realização das Conferências, e das novas disposições regimentais comuns, cada escola necessita construir seus projetos, a partir da realidade da comunidade atendida.

Detalhamento das atividades

Entendendo que esse processo requer formação e avaliação permanentes, através da parceria entre a 18ª CRE e a FURG, deu-se continuidade ao projeto Cirandar. Para que pudéssemos contemplar os professores que atuam no turno da noite, com um núcleo de formação nesse período, e estimular o intercâmbio de experiências entre as escolas, optou-se pela organização de núcleos por turno, com a participação de várias escolas.

Apostamos, dessa forma, em um processo de formação de caráter horizontal, que estabelece um diálogo entre as escolas e a universidade, tendo como alvo de reflexão a prática pedagógica.

gica. No entender de Alonso (2007), a prática docente constitui “uma fonte de conhecimento que, bem trabalhada e refletida criticamente, pode contribuir para o processo de formação continuada dos professores”, transformando “o processo de reflexão individual em um processo coletivo, de tal sorte que a busca de novos caminhos se transforme numa ação orientada para objetivos mais amplos assumidos coletivamente pelo grupo” (ALONSO, 2007, p. 177).

O diagnóstico realizado a partir das experiências e relatos produzidos no ano anterior apontou para a necessidade de incluir formação teórica sobre um tema de relevância (rodas de estudo). Dentre as temáticas elencadas, destacou-se a questão da pesquisa no Ensino Médio, no sentido de buscar construir um formato de pesquisa adequado a essa etapa do ensino, ou seja, sem todas as exigências acadêmicas, mas que levasse à superação do senso comum.

Entendemos que adotar a pesquisa como princípio pedagógico implica na construção de conhecimento enraizado na prática social, através da problematização das concepções prévias e do estudo contextualizado dos conhecimentos socialmente acumulados, articulados nas áreas, de forma interdisciplinar.

Outro tema destacado foi a importância da gestão (equipe diretiva e supervisão) para viabilizar e promover mudanças, sobretudo no que se refere à organização dos espaços, tempos e recursos da escola em torno dos projetos e na organização do planejamento coletivo que possibilite o trabalho interdisciplinar. Nesse sentido, além dos encontros de formação, tem-se buscado o contato direto com professores e alunos, através de visitas às escolas que demandam maior orientação em relação às novas proposições.

Partindo do pressuposto de que a socialização de experiências é um facilitador na promoção de novas ações, organizou-se a publicação de um informativo bimestral (*Jornal DivulGAção*) que tem como foco divulgar as atividades desenvolvidas nos Seminários Integrados e propiciar espaços de discussão e informação sobre as diversas temáticas que envolvem o Ensino Médio Politécnico. Além disso, os relatos escritos pelos participantes do

Cirandar em 2012 deverão compor um livro a ser publicado em breve. A socialização dessas experiências foi possível também através da participação dos professores no XII Encontro de Investigação na Escola, realizado em Santa Maria em agosto deste ano. Contamos, ainda, com um grupo no *facebook*, criado por sugestão dos professores do núcleo noturno do Cirandar, destinado a discutir/compartilhar experiências.

Análise e discussão do relato

A efetivação do trabalho interdisciplinar, como prática cotidiana nas escolas, é um dos principais objetivos a ser alcançado. Ainda que, no primeiro trimestre deste ano, o diálogo entre os professores de cada componente curricular tenha, muitas vezes, sido desencadeado pela necessidade de construir consenso em relação à avaliação dos alunos (ou seja, somente ao final do processo), já constituiu um primeiro passo, revelando a necessidade de um planejamento coletivo regular, a partir da definição de objetivos e estratégias em comum.

Pelo reconhecimento dos próprios limites e parcialidades na forma de compreender os outros, o professor alcança a autonomia profissional que, desta forma construída, afasta-se da autossuficiência e aproxima-se da solidariedade (CONTRERAS, 2002, p. 188-189).

O planejamento realizado e reavaliado periodicamente é importante para a escola, pois possibilita a troca de experiências, a busca por resolver dificuldades e o principal: a melhoria da aprendizagem do aluno.

Planejar coletivamente, replanejar, deve fazer parte da rotina escolar, pois é difícil realizar um trabalho de qualidade sem que haja espaço para a construção coletiva. Em escolas onde esse espaço não é respeitado, os conteúdos e temas acabam por não ter contextualização com a realidade e ficam isolados sem aplicabilidade e associação entre as disciplinas.

Mas, para que este planejamento coletivo se transforme em rotina na escola, é necessário termos além de professores motivados e uma supervisão atuante uma equipe diretiva centrada no pedagógico.

Um dos pontos frágeis identificados no ano anterior foi a compreensão equivocada do Seminário Integrado como uma disciplina. Embora haja a necessidade de um professor coordenador em cada turma, este não pode ser o único condutor do processo de pesquisa. Acreditamos que a introdução formal das demais áreas do conhecimento no 2º ano venha a contribuir para o caráter interdisciplinar, imprescindível aos projetos, bem como para o aprofundamento dos temas estudados, pela problematização mais qualificada promovida pelas áreas.

A pesquisa como processo, integrada ao cotidiano da escola, garante um olhar diferenciado sobre a realidade e projeta possibilidades de intervenção. Como metodologia, a pesquisa pedagogicamente estruturada possibilita a construção de novos conhecimentos e a formação de sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos.

Pesquisar é, mediante questionamento crítico, compreender e fazer sua própria interpretação, construindo sua teoria sobre o tema pesquisado. Além de se deparar com novas situações-problema, abrindo caminhos para o saber pensar e ter postura frente ao desconhecido, a pesquisa capacita o sujeito para questionar o já existente, levando-o à superação (BINI, 2007, p 109).

A incorporação da pesquisa na prática pedagógica leva à construção de novos conhecimentos a partir da articulação da análise de seus resultados, com o acúmulo científico das áreas e conhecimento, para dar conta da necessidade ou da realidade a ser transformada.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (...) Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. (...) Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. (...) A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassi-

vada, enquanto fala e enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 52-96).

Dos princípios que fundamentam a reestruturação curricular, talvez a Avaliação Emancipatória seja o que mais tem ensejado polêmica devido à incompreensões, equívocos, ou distorções sobre seu significado. Acima de tudo, entendemos que a mudança não pode limitar-se à forma burocrática de expressão dos resultados. Ela precisa permear a prática pedagógica como um todo. A avaliação precisa partir do princípio da educação como direito subjetivo, superando a avaliação baseada no mérito, na seleção e na classificação que contribuem, em larga medida, para a exclusão. Para tanto, é necessária permanente reflexão sobre a prática, desvendando e questionando métodos naturalizados no cotidiano escolar.

Temos de nos conscientizar de que, nos encontros e nos diálogos com os nossos alunos, podemos criar novas maneiras de tratar com o conhecimento. Em verdade, temos de recuperar a nossa imaginação criadora de modo a combater os dogmatismos didático-pedagógicos e, assim, evitar a rotinização estafante do trabalho docente (SILVA, 2011, p. 95).

Considerações finais

Podemos avaliar que, nesse momento, existem muitas escolas e professores que ainda não se apropriaram teoricamente da proposta e revelam dificuldades em sua implementação. Outros, ainda, manifestam resistências, que merecem ser alvo de reflexão e discussão para o aprimoramento do processo. Não podemos esquecer que, conforme Arroyo:

Os novos paradigmas das ciências tocam nos conteúdos da docência e terminam pondo em xeque a própria docência. Somos o que ensinamos. Nossa autoimagem está colada aos conteúdos do nosso magistério. Essa imagem será mais fechada se os conteúdos se fecham, será mais aberta se os conteúdos se abrem. As propostas inovadoras situam a inovação nesse movimento de quebra das fronteiras entre as áreas do conhecimento, no movimento de transdisciplinaridade, de uma visão mais totalizante do conhecimento e da

cultura. A questão não é secundarizar o conhecimento socialmente construído, mas incorporar dimensões perdidas, visões alargadas, sensibilidades novas para dimensões do humano secundarizadas. (...) Na ousadia pedagógica de repensar os conteúdos de nossa docência poderá estar o encontro de um novo sentido para nosso saber-fazer (ARROYO, 2011, p. 70-71).

Também é preciso considerar que, por estarmos em um período de transição, esbarramos, frequentemente, em estruturas inadequadas às novas proposições, sobretudo no que se refere aos espaços, tempos e recursos da escola. Acreditamos, todavia, que as demandas impostas pela reestruturação impulsionam a qualificação/atualização destas mesmas estruturas.

Ao mesmo tempo, em que pesem as dificuldades inerentes a todo processo de transformação, várias escolas têm demonstrado engajamento de professores e alunos que acreditam ser necessário construir uma identidade para esta etapa do ensino, que atenda às reais necessidades dos jovens. Nas palavras de Rubem Alves (2004):

Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados têm sempre um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Referências

ALONSO, Myrtes. A Supervisão e o desenvolvimento profissional do professor. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou Asas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Porto: Edições Asa, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BINI, Márcia Bárbara. Pesquisar é construir argumentos. In: GALIAZZI, Maria do Carmo (org.). **Construção curricular em rede na educação em ciências: uma aposta de pesquisa na sala de aula**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O professor e o combate à alienação imposta**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SEDUC-RS. **Proposta Pedagógica Ensino Médio Politécnico**, 2011. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

Parte 2:
Vamos à roda
da sala de aula?



Seminário Integrado: pesquisa voltada ao ensino ou ensino voltado à pesquisa

Raquel Nunes Vidart de Oliveira

quelvidart@hotmail.com

Escola Estadual de Ensino Médio

Dr. Augusto Duprat

Esse relato tem como sede a Escola Dr. Augusto Duprat em Rio Grande, e se refere ao trabalho da única turma de 2º ano do ensino médio politécnico com cerca de 33 alunos. Por ser uma escola de pequeno porte no que tange ao ensino médio (visto que possui várias turmas de ensino fundamental e apenas quatro de ensino médio) acaba vivendo um isolamento contextual, quase um desafio, tanto por possuir poucos alunos quanto por contar com a participação de um número reduzido de professores dedicados a esse nível de ensino.

Detalhamento das atividades

Neste ano, 2013, um dos meus pedidos à escola foi o de permanecer com os mesmos alunos, isto é, em 2012 trabalhei com alunos do 1º ano e agora estou acompanhando esse mesmo grupo no 2º ano. Na minha escola isso foi razoavelmente fácil de arranjar visto que somos professores de todas as turmas do ensino médio e temos contato com todos os alunos. Sabendo de todas as dificuldades enfrentadas junto àquela turma no ano anterior, para mim era essencial continuar essa caminhada, até mesmo para tentar sanar eventuais falhas e, é claro, poder explorar os pontos fortes de cada grupo.

Como já estávamos bem entrosados, neste ano não tivemos grandes dificuldades em definir nossos objetivos de trabalho. Aparentemente o norte dessa vez estava mais claro. Tivemos na escola uma sugestão de tema levando em conta que o bairro onde nos encontramos estaria completando 100 anos e

sua história é diretamente ligada à vida de nossos alunos. Assim, seria interessante se a escola conseguisse abordar temáticas ligadas ao bairro durante o ano letivo. Essa ideia foi apresentada aos alunos e, após constatarmos que a imensa maioria deles realmente vive no bairro (BGV – Bairro Getulio Vargas), fizemos algumas rodas de discussão em que ponderamos acerca de temas, de aspectos gerais e de como o bairro afetava a vida deles e a história da escola. Emergiram então quatro propostas de trabalho que acabaram gerando eco suficiente para serem levadas em frente, foram elas: a origem do bairro, seus costumes e moradores; o saneamento básico (ou a falta dele); as características dos jovens do bairro, o que os valoriza e o que os põem em risco; e a criminalidade sempre ligada à falta da escola, ao desemprego, à prostituição e à drogadição.

A turma então foi dividida em 5 grupos e começamos a investigar dentro de cada tema as possíveis abordagens e a metodologia a ser utilizada. Como eu não queria que a pesquisa fosse apenas teórica acabei estimulando-os a adotarem métodos práticos e por que não invasivos, formas de conhecer a realidade *in loco* e de talvez quebrar alguns paradigmas que eles mesmos cultivam sobre as suas origens e justificativas.

Dessa forma optamos por montar uma bateria de entrevistas com os moradores do bairro, cada grupo foi instruído a elaborar um questionário, estilo senso, de forma a obter o maior número possível de informações sobre o seu tema. Esses questionários foram revisados, formatados, testados na própria turma, onde um grupo entrevistava os colegas dos outros grupos para testar as perguntas e as prováveis respostas, e, posteriormente, aplicados durante o mês de julho no bairro. Além disso, durante a elaboração dos questionários estimei os alunos a entrevistarem em vídeo, algumas pessoas, de forma a testar o impacto do tema e verificar se o direcionamento que eles estavam dando era capaz de atingir nossas expectativas. Os vídeos foram muito proveitosos e ao menos pela amostragem inicial os moradores gostaram de colaborar e valorizaram bastante a iniciativa dos alunos em lhes dar voz.

A aplicação dos questionários no bairro foi muito além das nossas expectativas, os moradores não apenas gostaram de

participar como também vieram conversar com os professores que acompanharam os grupos, dando ideias, elogiando o trabalho, contando vivências; foi realmente uma tarde muito valiosa. O número de pessoas abordadas superou nossa expectativa inicial, pois a princípio havíamos imaginado que nem todos iriam aceitar dispor de seu tempo para responder as perguntas dos estudantes. E o que acabou acontecendo foi o oposto, vários moradores vinham se oferecer para participar e relatavam enfaticamente que mais iniciativas desse tipo precisavam ser realizadas.

Os questionários foram então recolhidos pelos grupos e analisados durante as aulas de SI e juntamente com a professora de matemática foram gerados gráficos e calculados os percentuais das respostas de cada questão. Ainda em parceria com a professora de redação os resultados foram relatados e discutidos.

Análise e discussão do relato

Desde a implementação desse novo ensino médio, venho me questionando sobre o rumo que a educação pode tomar a partir dessas novas orientações. Como professora da rede já a alguns (embora poucos) anos é claro que já tinha avaliado o (meu) ensino e não o tinha qualificado como satisfatório, mas daí a mudar drasticamente a metodologia, as premissas, os caminhos a percorrer... Acho que não fui a única a me assustar com tudo isso.

Durante o ano de 2012 vivenciei situações bastante inquietantes, trabalhar sozinha era apenas um dos muitos dilemas e desafios enfrentados, trabalhar sem um norte, sem saber onde queria chegar ou que objetivos tencionava atingir é o que realmente me incomodava.

Mas como o fardo nunca é maior que a nossa capacidade, 2012 foi superado com certo êxito. É claro que os objetivos não foram todos atingidos e que muitas falhas foram encontradas ao longo da caminhada, mas creio que conseguimos trilhar esse caminho da melhor forma possível e juntos, alunos e professora, conseguimos crescer e aprender com nossas próprias dificuldades.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, Lei nº 9.394/96) define o Ensino Médio como parte de uma etapa da escolarização que tem por finalidade o desenvolvimento do indivíduo, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecendo-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores; ou seja, o Ensino Médio deveria preparar o jovem para ser um cidadão pleno, ter condições de se inserir no mundo do trabalho e também ingressar no ensino superior. Será que estamos cumprindo esse papel?

Essa pergunta me inquieta e motiva ao mesmo tempo. Como inovar, pesquisar e auxiliar um aprendizado voltado ao mundo lá fora, fora de nossas paredes catedráticas do colegiado, do mundo dos cadernos, das formulas, do giz e das projeções? Um mundo real onde contas têm de ser pagas e o tempo é registrado em horas de trabalho e repouso.

Nossa juventude já percebeu que esse ensino médio que aí está vive uma verdadeira crise de identidade e não atende mais aos seus interesses. Para eles (e para nós) os objetivos do politécnico ainda não estão claros e essa mudança toda é mais fonte de desconfiança do que de prazer. Como acreditar que os frutos serão bons quando a árvore nos parece tão semelhante às outras que já conhecemos?

O que me conforta é que bem ou mal as coisas esse ano pareceram mais razoáveis, de certo modo mais encaminhadas. Os alunos e os colegas questionam menos as mudanças e aos poucos parecem aceitar e entender as novas práticas. Se isso é realmente bom, ou não, talvez só o tempo possa responder.

Considerações finais

Infelizmente acabei me afastando da turma no final de agosto. Estando no final da gestação, precisei entrar em licença-maternidade e a turma ficou sem professor até o final de outubro; e com o ano se encerrando pouco pôde ser feito. Deste trabalho restaram as sementes que ao longo de 2014 vêm gerando muitos novos caminhos de investigação, pesquisa e aprendizagem sobre o bairro e principalmente sobre a identi-

dade dos alunos. A meta agora é levá-los a um nível mais ativo, com mais participação dentro do bairro e até mesmo algumas propostas a serem encaminhadas aos vereadores buscando melhorias para a comunidade.

Referências

BRASIL. MEC. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Presidência da República, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 21 de jul. 2014.

A ditadura do consumismo

Alda Maurem Gonçalves

alda.mauren.barrios.60@gmail.com

Elba Hernandez Rodrigues

elbasvp@gmail.com

Kátia Virginia Silveira Corrêa

prof.katiavirginia@gmail.com

Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar

O Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar, comprometido com uma educação emancipatória, dedicou-se ao levantamento de questões de ética e valores, relacionadas ao contexto de nossa sociedade pós-moderna, onde o que é efêmero ocupa o lugar do que é essencial.

Buscando uma leitura crítica do sistema socioeconômico no qual estão inseridos, os alunos dos primeiros e segundos anos, do turno noturno, do ensino politécnico, fizeram pesquisa e análise dos fatores mercadológicos que estão intimamente relacionados a atitudes que vão da simples escolha de um produto no supermercado, a uma insatisfação pessoal, o que afeta sua autoimagem, sua saúde e seus relacionamentos.

Após tomada de consciência, foram levantadas propostas que poderão gerar um consumo responsável, alinhado a uma economia sustentável, que resultará em bem-estar e ressignificação do dinâmico ato de comprar.

Detalhamento das atividades

Nos meses de março e abril, professores, supervisora e gestores reuniram-se semanalmente para planejamento e estruturação do trabalho, baseados nas ideias e criações vindas das salas de aula.

Nos meses de maio e junho, com o objetivo de compreender o processo mercadológico e incentivar alunos a prepararem-

se para o mundo do trabalho, as turmas 206 e 207, coordenadas pelas professoras Kátia Virginia e Vera Aguiar, criaram uma “empresa”. A professora do curso Técnico em Contabilidade Gládis Mirapalhete foi convidada para dar as primeiras orientações.

A partir dessas instruções, orientados pela professora Tânia Barbosa, foi feito o Contrato Social e a empresa recebeu o nome fantasia de “Baratasso”.

Na disciplina de Língua Portuguesa, cada aluno elaborou e entregou ao professor Luis Alberto o seu Curriculum Vitae, para que assim, fosse admitido na empresa ocupando os cargos de gerente, vendedores, empacotadores, caixas e fiscais.

O *marketing* da empresa foi feito através de faixas produzidas em sala de aula, contendo frases criadas pelos grupos, bem como o texto para propaganda que foi veiculada por uma bicicleta de som.

No final de junho começamos a selecionar e etiquetar as “mercadorias”: roupas, calçados e acessórios usados, trazidos pelos alunos.

No dia 09 de julho abrimos as portas do hall da escola à comunidade que, durante a tarde, até as 20h, movimentou nossa loja.

Durante o evento destacaram-se alunos na estratégia de vender e na arte de negociar.

No final do dia contabilizamos os lucros. Cada aluno recebeu o valor referente aos seus produtos vendidos.

Foi possível perceber a euforia de todos por terem feito grandes “negócios” com roupas que já estavam em desuso. Também realizaram trocas entre si. Todos, ao encerramento, estavam satisfeitos com os resultados, ao mesmo tempo em que uma nova percepção de valores se estabelecia, com o novo destino de suas roupas.

A professora de Matemática, Marenilda S. M. Rodrigues, coordenou pesquisa de campo que traçou o perfil consumidor dos estudantes do Ensino Politécnico noturno.

Os gráficos dos dados coletados foram expostos no saguão da escola, para o conhecimento de todos.

Dando continuidade ao projeto, estamos trabalhando em uma pesquisa de preços, que avaliou os custos da cesta básica

em diversos mercados da cidade. Também verificou-se o melhor lugar para comprar cosméticos, entre farmácias ou mercados, considerando o menor preço.

Análise e discussão do relato

O grande desafio dos profissionais da educação é encontrar o equilíbrio entre a educação formal e a vida cotidiana, da geração que assumirá os mais diferentes papéis em nossa sociedade.

Buscar a unicidade do saber, depois de ter passado um longo aprendizado em que se acentua a divisão, tem sido o maior desafio para nossa equipe de trabalho. Para Bochniak (2001, p. 132):

Quando nos dedicamos à tarefa da educação, não nos é possível precisar exatamente há quanto tempo estamos nela. Aqueles que se dedicam à tarefa da educação, desde há muito, estão na escola (qualquer que seja) bem antes de virem a se tornar profissionais dela. Por isso exatamente é difícil, senão impossível, precisar quando deixamos de ser “alunos”, ou por outro lado, quando e por quantas vezes, já no exercício do magistério e/ou no de funções técnico-administrativa, da escola continuamos sendo “alunos”.

A escola contemporânea tem sido desafiada a atender às necessidades de uma clientela que vive em um mundo cada vez mais complexo e global. É preciso olhar mais detalhadamente para o processo de construção de um novo paradigma da educação, para a interdisciplinaridade que, de acordo com Lück (2002, p. 62):

[...] corresponde a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar, que resulta num ato de troca, de reciprocidade e integração entre as áreas diferentes de conhecimento, visando tanto à produção de novos conhecimentos como à resolução de problemas, de modo global e abrangente.

A disciplina de Seminário Integrado vem para a base curricular na tentativa de efetivar a prática interdisciplinar, porém ainda é preciso um grande esforço para que ao sair do discurso, ajude legitimamente a preencher as lacunas do aprendizado. Porém segundo Fazenda (2001, p. 15):

(...) ela é apenas pronunciada e os educadores não sabem bem o que fazer com ela. Sentem-se perplexos frente à possibilidade de sua implementação na educação. Essa perplexidade é traduzida por alguns na tentativa da construção de novos projetos para o ensino. Entretanto, percebe-se em todos esses projetos a marca da insegurança.

Considerações finais

Na busca do elo entre discurso e prática, esperamos que nossos tímidos ensaios deem lugar a um grande espetáculo, onde estudantes e professores em vez de figurantes passem a ser protagonistas da História da Educação.

Referências

- BOCHNIAK, Regina. Questionamento da interdisciplinaridade e a produção do seu conhecimento na escola. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Práticas interdisciplinares na escola**. 8. ed. São Paulo: Cortez. 2001.
- LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Seminário Integrado: a pesquisa como princípio pedagógico no Ensino Médio

Clarisete Mendes de Oliveira

clari7oliveira@gmail.com

Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas

As atividades referentes ao Seminário Integrado – SI – foram desenvolvidas com os alunos do primeiro ano do ensino médio politécnico da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, turma 102 com 33 alunos, durante o ano letivo de 2013.

Nossa escola encontra-se num bairro chamado Cohab II, na cidade de Rio Grande, e, por ser uma escola de ensino médio e também ter cursos técnicos, como: Secretariado, Contabilidade e Comércio Exterior, recebe alunos de todos os bairros da cidade. Por isso podemos dizer que atendemos um público variado.

Os professores novos, ou seja, os que estavam pela primeira vez trabalhando SI, sentiam-se como nós, no início de 2012. Por isso, no início do ano, fizemos reuniões com todos os professores, para passar nossas experiências. Mas nós também tínhamos dúvidas em relação ao segundo ano de SI, tendo em vista que seria diferente e totalmente novo.

Vou relatar novamente minha experiência com o primeiro ano, mas confesso que gostaria de ler um relato de um professor de segundo ano.

Comecei o ano segura e confiante, pois repetiria o que fiz com alguns ajustes e melhoramentos. Desde o ano passado ficou decidido que no primeiro ano daríamos ênfase aos temas e ao pré-projeto, no primeiro ano, e era isso que iria fazer.

Detalhamento das atividades

A proposta, novamente, foi apresentada aos alunos de forma positiva, enfatizando as vantagens que teriam, pois seria uma

oportunidade de descobertas, onde poderiam, inclusive, obter um direcionamento profissional, já que têm a liberdade de escolher um assunto de seu interesse para explorar e aprofundar seu conhecimento e, quem sabe, descobrir uma profissão.

Em seguida, através de conversas informais fomos descobrindo juntos quais assuntos gostariam de trabalhar e, como no ano passado, não fiz nenhuma interferência nessa escolha a não ser, explicar-lhes que, toda pesquisa tem que estar atenta a resolver, ou tentar resolver, um problema da sociedade. Dessa maneira deve, além de nos interessar, ser também útil às demais pessoas.

Após algumas aulas discutindo a importância dos temas, logo que cada grupo se formou e fez sua escolha receberam um material sobre o pré-projeto, nesse material havia instruções sobre como escrever um pré-projeto, inclusive com normas para a confecção da capa, tipo e tamanho de letras, medidas das margens e etc.

Começamos confeccionando a capa em sala de aula, manualmente, medindo com a régua os centímetros das margens, mas nosso foco já era o título do pré-projeto, que ocuparia lugar central nessa capa. Depois do título, começamos a pensar num subtítulo para determinar melhor o tema da pesquisa.

E a cada aula íamos pensando em um dos itens do pré-projeto e, este ano, seguindo orientações das rodas de conversas do Cirandar, pedi a eles que pensassem num questionamento e o transformassem em pergunta sobre o seu tema, pergunta esta que eles tentariam responder ao longo da pesquisa.

Ao final do primeiro trimestre já tínhamos a capa (com título e subtítulo), a pergunta, a introdução ou apresentação do tema, a justificativa, o objetivo geral, os objetivos específicos (no mínimo três). O que foi entregue para a avaliação desse trimestre.

No segundo trimestre foram devolvidos os trabalhos com as correções necessárias e deu-se continuidade à escrita dos outros itens: referencial teórico; metodologia; cronograma; recursos (humanos, tecnológicos e financeiros) e referências. Toda essa escrita foi orientada e supervisionada por mim em sala de aula.

Antes do segundo trimestre acabar, para minha surpresa, estávamos com o pré-projeto escrito, então demos início à coleta de material (dados), seja através de leituras, entrevistas, etc., os alunos se organizaram e fizeram a coleta e este material todo foi reunido em um arquivo, juntamente com o pré-projeto digitado e entregue como avaliação do segundo trimestre.

Pude notar que o acréscimo dos itens cronograma e recursos foi positivo no sentido de que eles se posicionaram no tempo e reconheceram os recursos que poderiam utilizar, aumentando a organização e a disciplina em seus trabalhos.

Para o terceiro trimestre, diante do nosso visível adiantamento, conseguiram escrever um pequeno artigo, com introdução, desenvolvimento e conclusão, contando o que descobriram em suas pesquisas. E essa será nossa avaliação final.

Devido à liberdade que foi dada aos alunos, estou com uma variedade interessante de temas, que são:

- Os Desafios da Medicina,
- Lendas Urbanas,
- Composição Musical,
- Drogas: Consequências,
- Ritmos do Brasil,
- Educação – Desafios,
- Skate – Hobby ou profissão?

Em algumas aulas os grupos leem e apresentam aos demais textos e/ou músicas que falam de seus temas e eu estou novamente otimista e sendo surpreendida em cada aula.

Este ano o Seminário Integrado de fato integrou-se de forma efetiva na avaliação emancipatória através de apresentações de todos os grupos da escola para uma banca, formada por pelo menos um professor de cada área do conhecimento, um(a) supervisor(a), um(a) orientador(a) e a vice-direção da escola, não como forma de julgamento, mas para um melhor acompanhamento dos temas pesquisados e da evolução dos alunos, afim de ajudá-los e/ou premiá-los caso precisassem aumentar seus conceitos em alguma área.

Análise e discussão do relato

Da forma como está sendo conduzido o Seminário Integrado na nossa sala de aula pode-se dar à pesquisa a função de dar sentido ao conhecimento, pois através desta é que se percebe quais conhecimentos são relevantes para resolvermos um tal problema, proposto por ela mesma. O conhecimento gerado ganha relevância e, com isso, os alunos se integram mais ao processo de aprendizagem.

Dessa forma, podemos entender melhor a motivação para a elaboração das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; já que vivemos em tempos de aceleração da produção de conhecimentos, ampliação do acesso à informação, novos meios de comunicação, alterações do mundo do trabalho e mudanças de interesses dos adolescentes e jovens (JÉLVEZ, 2013, p. 128).

Com tantas fontes de informação disponíveis e, por vezes, mais interessantes, a escola deixa de ser o único centro de geração de informações, fato que justifica a importância da pesquisa como princípio pedagógico, já que novos conhecimentos também surgem de forma rápida e dinâmica e podem ser acessados por diversas fontes, graças à internet.

Com toda essa realidade batendo à nossa porta, as mudanças no Ensino Médio precisam fluir com urgência e são essenciais para um ensino médio que faça a diferença na vida dos estudantes.

O professor, nesse contexto, não será mais o transmissor de informação e conhecimento (único provedor), mas atuará muito mais como mediador, orientador e monitor na formação do espírito científico do educando, segundo Demo (2001, p. 09): “o contato pedagógico escolar acontece, quando mediado pelo questionamento reconstrutivo. Caso contrário, não se distingue de qualquer outro tipo de contato”.

O fato de deixarmos nossos alunos livres para escolher seus temas de pesquisa também vai ao encontro do pensamento de Jélvez (2013, p. 132, 133), quando nos diz que: “a realidade precisa ser usada como contexto, a partir do qual as pessoas se educam tendo essa realidade como núcleo da investigação, a fim

de compreendê-la para compreender-se e transformá-la transformando-se”.

Através dessa liberdade, os alunos nos trazem um pouco da sua realidade quando começam a pensar o assunto que mais lhes interessa naquele momento. Entendemos que esse é um momento muito importante, pois, dessa forma, captamos uma parte da sua realidade (vivência), e, por vezes, conseguimos utilizar essas informações para produzir uma aprendizagem significativa.

Considerações finais

Ao conduzirmos nossas ações pedagógicas para preencher uma real necessidade dos nossos alunos, eles poderão levar este conhecimento para suas vidas e transformar suas realidades. Esse ensino integrado deve estar vinculado, antes de tudo às suas próprias vidas.

Daí podemos nos perguntar, e os conteúdos? Como trabalharemos os conteúdos agora, nesse formato de ensino médio politécnico? Após vários debates sobre SI, principalmente em 2012, no Cirandar, na efervescência de incertezas diante de tantas novidades, pensávamos muito sobre a questão dos conteúdos e, todas as discussões que surgiram nos fizeram entender que os conteúdos têm que atender, principalmente, às necessidades de quem aprende; devem surgir naturalmente e estar a serviço da pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento da mesma e não ser abolidos, como chegamos a pensar, naquela ocasião.

Em 2013 pôde-se entender melhor esta relação das disciplinas com SI, quando se incluíram na grade de horários, disciplinas como Química, Física, Matemática e etc., voltadas ao Seminário Integrado. A sigla SI acompanhava o nome da disciplina, o que explicitava a relação, mas ainda haviam as mesmas disciplinas sem a sigla, para que se desenvolvessem os conteúdos que não se relacionavam com a pesquisa.

Morin (2011, p. 88) afirma: “o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo, como o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes”. Utilizando a fala

de Morin, poderíamos dizer que Seminário Integrado está para o todo assim como as disciplinas, para as partes.

Precisamos quebrar alguns paradigmas e costumes que os alunos ainda têm de receber tudo pronto e estimulá-los a ter a iniciativa necessária para nos trazer as respostas das suas próprias perguntas, mas para mudar esse quadro devemos começar por nós, professores, que devemos perder o medo e nos abrir ao novo e também questionar nossas verdades.

Todas essas etapas pelas quais estamos passando fazem parte de um grande e inconcluso processo de apropriação de uma nova forma de pensar a educação e, só a partir dessa mudança interior, é que se pode construir, de fato, qualquer mudança.

Referências

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

JÉLVEZ, J. A. Q. A pesquisa como princípio pedagógico no Ensino Médio. In: AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. (orgs.). **Reestruturação do Ensino Médio, Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Bibliografia Recomendada

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 2, de 30 de Janeiro de 2012**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=9864&Itemid>. Acesso em: jul. 2014.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 9. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2011.

Angústias e expectativas

*Cátia Tubino da Rocha*¹

darocha@vetorial.net
Colégio Estadual Lemos Junior

Este relato refere-se à minha trajetória de março a agosto de 2013, como professora orientadora do componente curricular Seminário Integrado no Colégio Estadual Lemos Junior da cidade de Rio Grande/RS, na turma 207 – 2º ano do Ensino Médio Politécnico. O objetivo deste texto é fazer um relato parcial de minhas angústias e expectativas para conduzir este componente curricular sem ter uma qualificação específica e nem uma orientação firme e objetiva que me desse segurança na prática, seja da supervisão da escola, 18ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação) ou SEDUC (Secretaria Estadual de Educação). Situação essa que foi amenizada pelo compartilhamento de angústias, expectativas e experiências com os colegas de 2º ano que assumiram as demais turmas de Seminário Integrado em reuniões semanais e a participação no processo de formação CIRANDAR – Rodas de Investigação desde a escola 2013, onde temos reuniões mensais com grupos de escolas. Participo também do Cirandar ampliado com reuniões semanais de planejamento da ação formativa em desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

A proposta de implantação do Ensino Médio Politécnico foi lançada para a rede estadual no segundo semestre de 2011 sem qualquer consulta ou construção coletiva, sem possibilidade da comunidade escolar sugerir qualquer alteração. Os encontros propostos seriam apenas para apresentação sem a possibilidade de sugestões de alterações no documento básico. Essa pos-

¹ Profª. de Biologia e orientadora de Seminário Integrado no Colégio Estadual Lemos Junior – Rio Grande/RS. Membro do Grupo de Pesquisa Cirandar: rodas de investigação desde a escola 2013/FURG.

tura do governo estadual causou uma forte rejeição à proposta e promoveu a resistência do professorado até a presente data.

A partir de 2012, as escolas de ensino médio tiveram suas estruturas curriculares remodeladas, através de uma proposta que, sem dúvida, tem suas bases em princípios importantes, mas com forte repúdio da comunidade escolar. Os professores foram surpreendidos com o componente de Seminário Integrado sem terem recebido orientação precisa ou se sentirem preparados e qualificados para assumi-lo. Esse desafio impactou os trabalhadores em educação. A Secretaria de Educação falhou ao não apresentar objetivamente orientação para o trabalho dos professores. A referência foi o documento básico, utilizado nas conferências que não abrangeram um universo muito grande de professores de ensino médio.

Sem a devida conquista e qualificação do corpo docente para a mudança e com a falta de estrutura na rede pública para esta proposta inovadora, desde esta época o ensino politécnico tem enfrentado, pelo menos na escola em que atuo, grandes críticas, resistência, e dificuldades para sua plena implementação, além de ter gerado insegurança.

Desde dezembro de 2012, ao saber que nesse ano seria orientadora de Seminário Integrado, procurei me informar da proposta. Já que tínhamos tido, desde sua implantação, apenas uma reunião na escola em que uma professora de 1º ano do Ensino Médio apresentou um breve relato de como estava trabalhando este componente curricular no turno da tarde, seguida de apresentação de notícias veiculadas pela mídia e pelo sindicato dos professores – Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul – CPERS Sindicato. Teríamos que dar continuidade à implantação nos 2º anos em 2013 e, nessa data, percebi o quanto estávamos falhando enquanto escola e educadores por não termos nos apropriado da proposta. Ao analisar a situação concluí que ao chamar apenas alguns professores para as reuniões com a CRE, por não ter havido uma capacitação por parte da SEDUC para todo o corpo docente, para trabalhar nesta nova modalidade de ensino médio, e pelo fato de em nossa instituição haver uma nítida dissociação entre o primeiro ano, que fun-

ciona no turno da tarde, e o segundo ano, que se desenvolve no turno da manhã, com supervisoras diferentes, tínhamos como realidade um corpo docente resistente, inseguro e desconhecedor da proposta.

O Magistério do Rio Grande do Sul está sofrendo um período de desilusão, desânimo e descontentamento pelo não cumprimento da Lei nº 11.738 – que instituiu o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica – e pela forma impositiva como o novo ensino médio foi colocado, entre tantas outras reivindicações relacionadas à infraestrutura das escolas e a aspectos que envolvem a carreira, que têm servido de pano de fundo para essa resistência à mudança. Esses fatos têm, sem dúvida, interferido na aceitação das inovações. Em meio a esse contexto de descontentamento, insegurança, desinformação e falta de estrutura nas unidades escolares, passou a fazer parte da grade o componente de Seminário Integrado que tem como foco desenvolver nos alunos habilidades através de um projeto vivencial, com a missão de relacionar a realidade social aos conhecimentos formais, em projetos interdisciplinares, por meio de uma metodologia investigativa.

O Regimento Referência para as Escolas de Ensino Médio Politécnico distribuído pela SEDUC estabelece:

Projeto Vivencial – possibilita a construção de novos conhecimentos e a formação de sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos no cotidiano da escola, oportunizando a apropriação adequada da realidade, projetando possibilidades de intervenção potencializada pela investigação e pela responsabilidade ética. Além disso, a pesquisa oportuniza ao educando a exploração de interesses e o exercício da autonomia, ao formular e ensaiar projetos de vida e de sociedade. Assim, o educando para desenvolver a pesquisa desejada elaborará um Projeto Vivencial devendo explicitar uma necessidade e/ou uma situação problema dentro dos eixos temáticos transversais. Esse Projeto Vivencial será elaborado, com a mediação do educador, no Seminário Integrado, em interlocução com as áreas do conhecimento e os eixos transversais (SEDUC, 2011, p. 9).

Dentro dessa ideia, mas ciente de que a escola como um todo tem resistência à proposta e ao trabalho interdisciplinar e

que para esta mudança dar certo é necessário que seja uma proposta de escola e não de um ou outro profissional, estou na tentativa de, entre angústias e expectativas, construir com meus alunos um projeto vivencial que se aproxime ao máximo do proposto.

Detalhamento das atividades

Neste relato vou me direcionar à atuação na turma 207 do Colégio Estadual Lemos Junior composta inicialmente por 29 alunos no período de março a junho de 2013.

Ao iniciar o ano letivo procurei conhecer a turma. Assim, através de uma roda de conversa, cada um foi falando seu nome, idade, bairro em que morava. Constatei algo que tenho observado no decorrer dos anos: embora a escola seja central, nosso corpo discente é constituído, na sua maioria, de alunos residentes em bairros afastados e que dependem de transporte urbano. Posteriormente, conversamos sobre o que eles sabiam do Ensino Médio Politécnico e qual a percepção que tinham do Seminário Integrado. Conversamos sobre a proposta do Ensino Médio Politécnico e seus princípios e fiquei surpresa ao constatar que, embora tivessem já cursado o 1º ano, eles pouco sabiam e, além disso, possuíam algumas informações equivocadas.

Solicitei que cada aluno tivesse um caderno específico para o Seminário Integrado que chamaríamos de Diário de Bordo, instrumento pedagógico no qual registraríamos as discussões que ocorressem ao longo de cada encontro, além de registros detalhados das informações, observações, ideias, dúvidas que surgissem durante a pesquisa em classe ou extraclasse. Foram apresentados aos alunos os critérios de avaliação e o papel desse Diário de Bordo no processo, a autoavaliação e a avaliação de equipe.

No encontro seguinte, apliquei a dinâmica “Qual o animal?”. Nessa dinâmica cada um teria que desenhar o animal com o qual se identificava em função de suas características mais marcantes. Depois, sentados em círculo, cada um se apresentou dizendo o animal e porque se identificava com ele. Isto me proporcionou um conhecimento interessante de como cada aluno se enxerga e como se posiciona em relação à vida.

Posteriormente, falamos sobre a proposta de desenvolvermos um projeto vivencial em grupos de no máximo 4 alunos e discutimos sobre o que era trabalhar em equipe e as características de uma equipe vencedora a partir dos vídeos “Convivência” e “Trabalho em equipe com humor” retirados do *YouTube*. Essa reflexão foi muito importante para que se pensasse sobre temas como tolerância, aceitação das diferenças, respeito, distribuição de tarefas e construção conjunta. Nas conversas, os alunos apresentaram resistência a atividades que exigissem leitura. Observei a dificuldade que eles têm em escrever sobre o que pensam ou sentem, bem como em criar textos. Assim, insisti nos registros que a cada encontro deveriam fazer no Diário de Bordo, neles colocando não só o relato do que foi feito, mas também as dificuldades encontradas, as dúvidas que surgiram e como se sentiram.

Em outro encontro trouxe mais uma reflexão em que cada aluno deveria responder os seguintes questionamentos:

- a) O aluno que sou e o aluno que deveria ser;
- b) Os professores que tenho e os professores que gostaria de ter;
- c) A escola que tenho e a escola que desejaria ter.

De posse das respostas fiz a leitura, sem divulgar os autores, e fomos construindo quais as características do aluno que eles julgavam ideal, dos professores que gostariam de ter e de como eles gostariam que fosse a escola. Essa reflexão fez com que percebessem que eles sabiam bastante do que precisam para ter sucesso na escola e na vida e de que os professores podem ajudá-los. Diante dos problemas mencionados colocou-se que não se tratava de buscar culpados, mas sim soluções para que o resultado final seja o melhor possível e que todos podemos contribuir para a melhoria da realidade em que vivemos. Trouxe, então, para eles o texto de Leonardo Boff *A Águia e a Galinha – uma metáfora da condição humana* e lancei o desafio perguntando com qual dos animais iriam se identificar?

Solicitei aos alunos que individualmente pensassem em três temas de interesse. Sugeri que posteriormente se reunissem em grupos, usando o critério área de interesse ou, se quisessem,

poderiam reunir-se por afinidade, mas teriam de ver como definiriam um tema que contemplasse, senão todos, pelo menos, a maioria dos integrantes. Eles se reuniram e ficaram discutindo a relação entre as diferentes escolhas. Foram alertados de que os critérios a serem usados na definição do tema poderiam ser provisórios, pois, às vezes, diante das circunstâncias, é preciso revê-los.

Diante da necessidade de definição de um tema por equipe e da constatação da dificuldade que eles têm em ler e redigir, solicitei que cada aluno procurasse uma reportagem ou artigo sobre o tema de interesse e que, após lê-la, a reescrevesse para ler aos colegas. Essas novas informações obtidas e a facilidade de encontrarem material sobre o tema escolhido seriam um indicativo para que o grupo analisasse a viabilidade do tema.

Falamos sobre Mapa Mental e sua importância. E foi solicitado que cada grupo elaborasse um, apontando os vários aspectos do tema escolhido. Nas orientações por equipe, pude ver de perto a dificuldade que eles têm em construir coletivamente. Tive que intervir várias vezes para que a atividade não fosse o trabalho de um, enquanto os outros falavam sobre os mais diversos assuntos. Mudar a visão de que um faz e todos “ganham nota” ou de que se constrói uma “colcha de retalhos” em que cada um faz um pedaço do trabalho e não tem noção do todo, é um trabalho árduo e demorado. Associado a isso há o discurso recorrente: “Seminário não roda, não precisa esquentar!”.

Sentimos a necessidade de se discutir melhor a avaliação, pois continuamos na realidade trabalhando pela forma tradicional das disciplinas. Alguns professores continuam fazendo registros numéricos dos trabalhos propostos e, depois, no Conselho de Classe, estes valores são transformados em um conceito. Efetivamente não se tem um trabalho interdisciplinar, um trabalho por áreas de conhecimento e muito menos uma avaliação formativa. Muitos professores se negaram a usar a autoavaliação, por exemplo, como referência ou a abandonar as provas tradicionais. A ficha de autoavaliação foi adaptada de um modelo obtido na internet e adequada à nossa realidade.

Foram elaboradas duas apostilas com orientações gerais sobre temas que irão ajudá-los a entender, valorizar e elaborar

os projetos de pesquisa e a registrar as informações obtidas como resumo, mapa conceitual, resenha, sinopse, fichamento, etc.

Em final de abril, os professores do turno da tarde reunidos definiram que o Tema Central da escola seria “Conhecendo Rio Grande”, o que nos trouxe o problema de como ligar os temas previamente escolhidos pelos grupos ao tema central. Apesar de percebermos que a metodologia de trabalho estava um pouco invertida, pela morosidade da escola em definir seu tema central, é importante dizer: acredito que os projetos devem surgir a partir do trabalho nas áreas de conhecimento, para serem orientados em parceria com o seminário integrado, em uma atividade efetivamente interdisciplinar.

Paralela a essa definição de tema, havia uma reclamação constante dos alunos quanto à escola, às condições do prédio, à falta de atrativos, ao atraso tecnológico, às trocas constantes de horário, ao horário das aulas (7h40min às 12h30min), à ausência e falta de professores (a professora de Química só assumiu em junho e o professor de História apenas em agosto), entre outros temas. Lancei uma proposta de fazermos um projeto único em que toda a turma pesquisaria os diversos aspectos que envolvem a nossa escola, para entendermos o porquê de ela apresentar essas deficiências e procurarmos intervir para torná-la melhor. Propus pensar a escola como nosso meio ambiente próximo e nos colocarmos não como usuários, mas como um elemento integrado e importante que precisa buscar seu equilíbrio e a melhor qualidade de vida para todos os envolvidos. O tema sugerido facilmente se coloca no contexto da cidade, já que é uma das escolas mais antigas pela qual passaram personagens de destaque no cenário nacional em várias gerações.

Os alunos gostaram da ideia e abandonaram momentaneamente seus temas grupais. Fizemos uma rodada de discussões e levantamos aspectos que nos interessam conhecer. A partir dos aspectos levantados nessa discussão elaboramos um mapa com os subtemas e seus desdobramentos e listamos quais pessoas seria interessante ouvir e que instrumentos poderíamos usar para a coleta de dados.

As escolas públicas convivem com o problema da depreciação do seu patrimônio durante anos, sendo o próprio grupo

de alunos um dos principais responsáveis por atos de vandalismo. Eles não estabelecem relação entre a escola e sua história pessoal, com isso os alunos não desenvolvem laços afetivos com o ambiente escolar.

Estamos na fase da elaboração do projeto e dos instrumentos de coleta de dados sobre temas como: história da escola, como era o dia a dia na escola e como ela era percebida na comunidade, como é hoje e como é percebido na comunidade, infraestrutura, salas especializadas, organização, limpeza, manutenção, avanços tecnológicos, merenda escolar, segurança, entre outros. Para nortear a elaboração do projeto elaborei uma apostila que aponta cada um dos itens de um projeto e estimula os alunos a irem redigindo-o.

Durante o mês de julho e agosto poucos foram os encontros com a turma devido à suspensão de aulas para reuniões de professores, falta coletiva da turma devido ao mal tempo, conselho de classe, festividades do aniversário da escola, minha participação no XII EIE e greve do magistério. Mas, nos poucos encontros que tivemos nesse período assistimos ao vídeo *Cuida bem de mim*, baseado na peça de teatro de mesmo nome. Um filme interessante para se debater sobre o respeito ao outro, *bullying*, depredação do ambiente escolar e violência contra professores e entre alunos. A roda de conversa após assistirmos ao vídeo reforçou a vontade dos alunos de realizar uma intervenção local para que nossa escola superasse problemas que apresenta e não chegasse ao nível retratado no vídeo.

A primeira etapa da investigação tem como subtema CONHECENDO NOSSA ESCOLA, com o objetivo de reconstrução do histórico escolar, conhecer fatos, pessoas e acontecimentos que marcaram a história da escola, apreciação do espaço escolar e levantamento de necessidades de melhoria. Decidiu-se, nessa primeira etapa, pesquisar sobre a história de nossa escola, seu papel no cenário local, estadual e nacional. Esperamos nesse item a colaboração da professora de História e do jornalista Willy César Ferreira, autor do livro “Centenário do Colégio Lemos Jr.”.

Outro item é definir a localização da escola no mapa da cidade e a elaboração de um croqui com a planta baixa da esco-

la, respeitando as devidas orientações e proporções, indicando a sua capacidade. Nesse aspecto solicitamos a colaboração das professoras de Geografia, Matemática e Artes. Foi proposto que os alunos fizessem um passeio pela escola com o objetivo de conhecer melhor o espaço físico e a infraestrutura, observando a quantidade e o estado de conservação dos diferentes ambientes. Entende-se por infraestrutura adequada da escola a disponibilidade de salas de aula com espaço e luminosidade suficientes, devidamente arejadas, isoladas de barulho, com mobiliário apropriado e com acesso a serviços básicos de água, esgoto e eletricidade. Estudos estimam que alunos de instituições com infraestrutura adequada aprendem mais do que os que estudam em escolas sem tais condições. No entanto, essas pesquisas não conseguem especificar o peso que cada componente (energia, saneamento, mobiliário, etc.) têm nesse impacto. Então, pensou-se em entrevistar alunos e perguntar como se sentiam na escola, o que os incomodava e o que os agradava na escola. As equipes de entrevistadores devem valorizar o despertar do sentimento de pertencimento pela comunidade em relação à instituição. Trata-se de ir além do ouvir; é ouvir e dar atenção, considerar de fato o que é dito, observar os sinais que a comunidade emite. É preciso criar mecanismos de comunicação que possibilitem a construção de um diálogo, aqui entendido como troca, discussão de ideias, de opiniões e de conceitos. Buscando o conceito de que nossa escola e nosso meio ambiente próximo necessitam de cuidados.

De acordo com os Indicadores de qualidade na educação (2004):

Ambientes físicos escolares de qualidade são espaços educativos organizados, limpos, arejados, agradáveis, cuidados, com flores e árvores, móveis, equipamentos e materiais didáticos adequados à realidade da escola, com recursos que permitam a prestação de serviços de qualidade aos alunos, aos pais e à comunidade, além de boas condições de trabalho aos professores, diretores e funcionários em geral.

Enfim, procuramos, ressalvada a disponibilidade de tempo e nível de interesse dos alunos, nos basear nas dimensões e indicadores para avaliar institucionalmente a escola estabeleci-

da pela SEDUC e pelos indicadores de qualidade na educação estabelecidos por Ação Educativa, Unicef, PNUD, Inep-MEC em 2004.

Neste momento, estamos na fase de observação, elaboração e aplicação de instrumentos de coleta de dados e elaboração de plantas, mapas e etc.

Angústias foram surgindo à medida que não tínhamos uma orientação objetiva do que e de como trabalhar seminário integrado no 2º ano, tanto por parte da supervisão da escola como da 18ª CRE. Os alunos relatavam sua descrença no componente curricular, dizendo que no ano anterior tinha sido mais perda de tempo e mesmo os que nada tinham feito haviam sido aprovados no final do ano. Mas a vontade de fazer a diferença e de dar significado ao componente curricular nos leva a uma caminhada quase que solitária em cada turma, diante da resistência dos colegas, pois efetivamente não há a tão propalada interdisciplinaridade, mas a troca de ideias e experiências entre os professores de seminário integrado do turno da manhã, do Grupo Cilandar 2013, nos dá um alento e a expectativa de que outros colegas se integrem ao grupo e que se tenha efetivamente um trabalho mais produtivo.

Análise e discussão do relato

Analisando a trajetória do Colégio Estadual Lemos Junior na construção do Ensino Médio Politécnico vejo que estamos distantes da proposta encontrada nos documentos oficiais. A proposta de mudança tem que ser da escola e precisa ser construída na coletividade e, principalmente, seu sucesso está ligado aos professores acreditarem que ela é eficaz.

Como é colocado no documento *Indicadores de qualidade da educação* (2004, p. 37):

Todos os profissionais da escola são importantes para a realização dos objetivos do projeto político-pedagógico. Os professores são responsáveis por aquilo que os especialistas chamam de *transposição didática*, ou seja, concretizar os princípios político-pedagógicos em ensino-aprendizagem. Cada um dos demais profissionais tem um papel fundamental no

processo educativo, cujo resultado não depende apenas da sala de aula, mas também da vivência e da observação de atitudes corretas e respeitadas no cotidiano da escola. Tanta responsabilidade exige boas condições de trabalho, preparo e equilíbrio. Para tanto é importante que se garanta formação continuada aos profissionais e também outras condições, tais como estabilidade do corpo docente, o que incide sobre a consolidação dos vínculos e dos processos de aprendizagem, uma adequada relação entre o número de professores e o número de alunos, salários condizentes com a importância do trabalho, etc.

Acredito que a investigação na escola é o caminho, por isso aceitei o desafio de assumir o seminário integrado. Mesmo ciente de que não seria uma empreitada fácil e que inúmeras dificuldades iriam surgir. Toda mudança gera desconforto e com isto gera certo nível de *stress*. Não imaginava que a falta de orientação do gestor que impôs a mudança fosse tão grande. A troca de informações e orientações por parte da SEDUC, CRE e supervisão da escola a todo o momento, ao longo do processo, gera mais insegurança e a sensação de que ninguém sabe bem aonde quer chegar. Há avanços e retrocessos. Há mais críticas do que elogios. Mas há também uma grande vontade de mudar esta história e de se contribuir para a construção da escola que desejamos ter.

Desenvolver uma prática voltada para a pesquisa com uma turma de adolescentes – que nunca vivenciou esse método e que é da geração “selecionar, cortar e colar”, prática muito usada para elaborar trabalhos de escola e aceita tranquilamente por grande parte dos professores – é efetivamente uma tarefa que requer paciência e disponibilidade para fazer e refazer tarefas.

Como é bem colocado no documento *Indicadores de qualidade na educação* (2004):

Compreendendo seus pontos fortes e fracos, a escola tem condições de intervir para melhorar sua qualidade de acordo com seus próprios critérios e prioridades.

Espero que, com o projeto que está em andamento com o objetivo de pesquisar a escola que temos e a escola que sonhamos ter, possamos construir uma nova história de nossa escola,

trabalhar as questões mais amplas de educação ambiental, trabalhar matemática e estatisticamente os dados coletados nas entrevistas realizadas, criar uma campanha para o desenvolvimento do amor e do respeito pela escola, buscar conhecimentos sobre políticas públicas no âmbito da educação, segurança, alimentação escolar, acessibilidade, prevenção ao uso de drogas, entre outros aspectos. A preservação do espaço, do mobiliário e dos materiais é um sinal de respeito a todos que frequentam a escola e fazem dela lugar de ensino e aprendizagem, convívio e crescimento, mas o sentimento de pertença, o exercício de cidadania e a vivência das formas de se obter e construir conhecimento serão os grandes focos deste trabalho.

Considerações finais

Este relato não teve a preocupação de um texto acadêmico e sim de colocar algumas angústias e expectativas no trabalho que está sendo construído dentro do componente Seminário Integrado, em uma escola que ainda não incorporou plenamente a proposta. Este primeiro semestre foi mais recheado de angústias, dúvidas e expectativas, mas como coloca Gonzaguinha na música Semente do Amanhã, estamos caminhando para fazer o que será.

Semente do Amanhã

Ontem um menino que brincava me falou
Que hoje é a semente do amanhã;
Para não ter medo,
que esse tempo vai passar,
Não se desespere não, não pare de sonhar.
Nunca se entregue,
nasça sempre com as manhãs.
Deixe a luz do sol brilhar
no céu do seu olhar.
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá;
Nós podemos tudo, nós podemos mais.

Vamos lá fazer o que será!

Referências

Indicadores da qualidade na educação/Ação Educativa, Unicef, PNUD, Inep-MEC (coord.). São Paulo: Ação Educativa, 2004.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (SEDUC). **Proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional integrada ao Ensino Médio – 2011–2014**. Porto Alegre: 2011. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 10 dez. 2012.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (SEDUC). **Regimento Referência das Escolas de Ensino Médio Politécnico da Rede Estadual**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_medregim_padrao_em_Politec_I.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (SEDUC). **Dimensões e Indicadores para avaliar Institucionalmente a escola**. Resumo do Caderno de Avaliação nº 02 do SEAP. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/seap.jsp?ACAO=acao4>>. Acesso em: jul. 2013.

Desafio: fazer pesquisa na sala de aula

Maria Ângela Martins Teixeira

manja@vetorial.net

Escola Estadual de Ensino Médio Lilia Neves

Este texto pretende dialogar e compartilhar a participação dos professores na formação docente para o Ensino Médio, em seu segundo ano, determinada pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, em que passa a ser denominado Ensino Médio Politécnico, tendo como base a Escola Estadual de Ensino Médio Lilia Neves que está localizada na Vila da Quinta, município de Rio Grande, RS. Por sua localização geográfica a escola atende alunos das localidades rurais do município de Rio Grande.

O estudo sobre mudança e implementação da reestruturação curricular inclui os Seminários Integrados, em que se busca desenvolver uma nova maneira de abarcar todos os participantes numa construção e transformação de conhecimentos pela pesquisa. A preocupação nesse contexto é perceber o olhar dos docentes nas concepções de pesquisa nessa caminhada de formação.

Detalhamento das atividades

A partir da necessidade de um estudo mais profundo e direcionado ao Projeto Político Pedagógico a 18ª Coordenadoria Regional do Estado (18ª CRE) estabeleceu um vínculo com a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, onde esta interage com as escolas em forma de encontros presenciais, mensais e regionais.

Os Encontros Riograndinos sobre Investigação na Escola com o título Cirandar: rodas de investigação desde a escola, foram promovidos em parceria pela FURG e pela 18ª CRE, com o

objetivo geral de oportunizar a formação acadêmica e profissional de professores da educação básica e de formadores das licenciaturas voltadas para a reestruturação curricular do Ensino Médio, constituindo comunidades aprendentes de professores que investigam a sala de aula. A participação nesses encontros faz sentir o desafio a ler, a escrever e a compartilhar experiências de docência em formação.

Esses encontros oportunizam aos docentes se exercitarem na leitura e na escrita diante da nova proposta, interagindo com sua experiência de sala de aula e a realidade escolar na qual estão inseridos. É um aprender juntos pesquisando.

Os professores, com cargas horárias respectivas, distribuídas pelas turmas, ficaram responsáveis por desenvolver os Seminários Integrados (SI). Os Seminários Integrados foram motivo de estudo nos encontros Cirandar. A nova proposta esclarece que:

Os Seminários Integrados constituem-se em espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados desde o primeiro ano e de complexidade crescente. Organizam o planejamento, a execução e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de forma coletiva, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto (PPEMP).

Houve também leituras de Bini (2007) “Pesquisar é construir argumentos: um caminho para a superação” onde se discute a argumentação, a dúvida, o questionamento reconstrutivo e a busca de subsídio para a pesquisa. Destaco:

O ato de pesquisar embasado na dúvida, no questionamento, na busca de subsídios, pode ser um caminho importante para que se possa estabelecer a comunicação em sociedade. Esse processo contribui para desenvolver nos sujeitos habilidades como o respeito e o confronto com o novo, culminando com a capacidade de intervir de maneira consciente na realidade (BINI, 2007, p. 106).

Essa leitura instigou a indagar aos docentes coordenadores dos Seminários Integrados sobre suas percepções de ensino-aprendizagens através da pesquisa. Foram questionados sete professores: qual a importância de um fazer pedagógico com a pesquisa como orientadora de uma aprendizagem?

Análise e discussão do relato

A proposta do Cirandar: rodas de investigação desde a escola, no segundo ano de formação docente, com o olhar para a construção e envolvimento dos professores, fez pensar sobre como os envolvidos se posicionam com relação à pesquisa como proposta pedagógica de sala de aula, com avanços e aprendizagens. Diante da solicitação de resposta à pergunta efetuada, os docentes percebem a importância de trabalhar com pesquisa em sala de aula, embora reconheçam as dificuldades do processo.

O Professor A em sua resposta fala da avaliação, do compartilhar saberes e da preocupação da gestão em proporcionar condições de continuidade da proposta:

“Em nossa realidade, vejo a avaliação como um processo pedagógico que irá ser alterado de acordo com a realidade, pois o método de avaliação deveria ter mais tempo no padrão qualitativo. Devemos perceber um conjunto de critérios que a pesquisa permite entender em um processo em desenvolvimento na aprendizagem do aluno em sua caminhada. O problema não é o parecer descritivo, mas como chegar a ele, quais as condições dadas aos professores para se apropriarem dessa forma de avaliação... Fator importante é a possibilidade de estar com os profissionais e discutir os problemas dos alunos diante de sua pesquisa. É importante o educador conhecer a metodologia aplicada, que auxilia nessa trajetória... Em nossa realidade escolar, ainda percebemos o desempenho da direção e dos professores engajados na proposta e preocupados com a realização das tarefas...” (Professor A).

O Professor B destaca o aprender junto e com o aluno, e comenta:

“O professor/educador deve orientar, despertar o interesse do educando para a pesquisa, porque a sala de aula, no meu entender, é o lugar /espaço/tempo onde as dúvidas, incertezas surgem, emergem. A partir daí vamos norteando o nosso fazer pedagógico. Sendo assim, a pesquisa é um elemento importante no processo de aprendizagem tanto do educador como do aluno” (Professor B).

O professor seguinte demonstra seu envolvimento e acredita numa proposta autônoma onde a participação discente é

fundamental para construção transformadora, através da pesquisa, e revela sua preocupação com o que virá. Como relata:

“Penso que a metodologia da pesquisa, enquanto prática pedagógica, é bastante produtiva. Acredito que essa proposta vai ao encontro de uma educação pautada principalmente nos sujeitos que ocupam o espaço escola enquanto estudantes. Dessa forma, penso que tal alternativa metodológica permite uma construção de saberes de forma autônoma, na qual os/as estudantes são peças centrais no processo de aprendizagem. No entanto, acredito que a metodologia por si só não dá conta dessa construção, uma vez que ela depende da atuação, do empenho, do planejamento e do comprometimento dos envolvidos no processo (estudantes, professores/as e comunidade). Vejo com bons olhos essa construção e a entendo como um processo em constante mudança, assim como a própria pesquisa é em si. Por isso, acredito que há tanta resistência e medo de todos/as na elaboração e na efetivação dessa prática. Caminhar em rotas desconhecidas é sempre um desafio e fazer educação dessa forma é exatamente isso: podemos ter objetivos bem definidos e metas a alcançar, mas como essa metodologia não dá conta de prever o que vem pela frente, fica difícil fazer com que todos/as apostem nela” (Professor C).

Percebe-se a importância da participação dos docentes em rodas de formação, onde eles podem refletir, dialogar e expor suas angústias na busca de entendimento de sua prática de sala de aula.

Durante a construção dos Seminários Integrados, os docentes compartilham suas propostas dentro dos componentes curriculares disciplinares e interdisciplinares; observa-se a aceitação e a disponibilidade dos alunos na construção de suas aprendizagens, através da pesquisa. Esse movimento é desafiador.

Essa experiência vivenciada na escola faz pensar nas palavras de Brandão:

“Muitas vezes somos levados a pensar que ensinar e aprender é uma viagem de ida e volta que se passa em salas de aula, na escola. A escola é o lugar social da educação. Esta é uma ideia correta, mas não inteiramente. A educação que vivemos na escola como estudantes, como professores, como as duas “coisas” ao mesmo tempo, é uma fração importan-

te de nosso aprendizado, mas não única. A educação escolar é um momento de um processo múltiplo, de vários rostos e vivido entre diferentes momentos, a que costumamos dar o nome de socialização...” (BRANDÃO, 2005, p. 85).

A proposta de trabalhar a pesquisa nos Seminários Integrados está em processo inicial, onde os docentes estão em constante discussão de uma forma dialógica. Sendo uma proposta nova as respostas não estão prontas e a pesquisa deve ser o instrumento para o estudante construir o seu conhecimento baseado no seu olhar e participação no contexto local e global.

Considerações finais

Quando estamos trabalhando por muito tempo de um mesmo modo, uma proposta de mudança gera conflitos e desafios que às vezes vão além das forças e da vontade do professor em se lançar ao desafio de mudar para inovar. As trocas e relações de trabalho envolvem um período de aprendizagem onde as exigências se fazem necessárias, para uma transformação pela pesquisa.

A mudança no fazer pedagógico gera conflitos, medos e insegurança que devem ser sanados através da ousadia pela busca de mudar, que será possível de forma dialógica entre os pares e o todo.

Referências

BINI, M. B. Pesquisar é construir argumentos: um caminho para a superação. In: GALIAZZI, M. C. et al. **Construção Curricular em Rede na Educação em Ciências, uma proposta de pesquisa na sala de aula.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

BRANDÃO, C. R. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO, L. A. J. **Encontros e caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos. Brasília: MMA, 2005.

SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio.** Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Ensino Médio Politécnico: o desafio do Seminário Integrado

*Julio Sosa*¹

sorjulio1@yahoo.com.br

Escola Estadual de Ensino Médio Lília Neves

Professor do Ensino Público no Estado do Rio Grande do Sul, atuando na E.E.E.M. Lília Neves, ministrando as disciplinas de História e Sociologia. No presente ano letivo (2013), oriento o Seminário Integrado junto à turma de Primeiro Ano do Ensino Médio, diurno, grupo com 39 alunos, relativamente homogêneos, bastantes agitados, que produzem ao ser desafiados.

Considero importante mencionar que trabalho com grande parte da turma há quatro anos, portanto, mantendo com eles uma relação afetiva e de confiança mútuas. Os alunos que entraram na turma, neste ano letivo, vindos de outras escolas adaptaram-se a forma de trabalho.

Diferentemente do ano anterior no qual orientei um único projeto para a turma toda. No presente ano letivo, propus aos alunos que escolhessem temas de seu interesse como objetos de pesquisa.

Detalhamento das atividades

Se o professor abrir mão de seu papel de orientador da aprendizagem de seus alunos estará sendo responsável pelo que vier a acontecer com eles ao tentar atravessar sozinhos em um labirinto minado (BAGNO, 2012, p. 14).

Tendo essa ideia em mente, e consciente de meu papel diante da turma e da responsabilidade com o Seminário Integra-

¹ Especialista em Rio Grande do Sul: Sociedade, Política e Cultura e Mestrando no Mestrado Profissional em Ensino de História.

do, desafiei aos alunos como que trouxessem propostas viáveis e que fossem de seu interesse como temas de pesquisa.

Os temas propostos pelos alunos foram: História do *Rock*, Futebol Amador em Rio Grande, *Muay Thai*, A Moda e o Papel da Mulher e O Mal de Alzheimer. Dentre os temas postos eles foram desafiados a formar grupos por interesse de pesquisa, sem ter número mínimo ou máximo de componentes. E assim, eles se colocaram. Após tal definição partimos para os Projetos de Pesquisa.

Trabalhar com os alunos a ideia de pesquisa e projeto foi o passo seguinte. “Pesquisar é fazer vir à tona o que se encontra, muitas vezes, praticamente na superfície do vivido” (SILVA, 2010). Procurei desmistificar a ideia de pesquisa que eles tinham em mente. “Quando escrevemos um projeto, estamos definindo uma cartografia para abordar a pesquisa” (MINAYO, 2012). Aos poucos fui trabalhando as partes de um projeto à medida em que em conjunto íamos construindo os projetos a serem trabalhados. “Fazer um projeto é lançar ideias para frente” (BAGNO, 2012, p. 22). Então fomos construindo as ideias em cima dos temas propostos por eles.

Partimos para a construção do “problema de pesquisa”. Não existem regras para a apresentação do chamado “problema de pesquisa”. Tanto pode ser apresentado como uma pergunta, quanto como uma afirmação. O que importa é que o problema seja bem construído, e se apresente como um desafio, ainda mais pela inexperiência dos alunos em fazer isso. Isso deixa claro o quanto trabalhamos mal a pesquisa como fator educativo desde as séries iniciais do Ensino Fundamental. O professor dá muitas respostas e faz poucas perguntas ao Ensinar.

Este é o desafio de uma nova Educação: o professor dar-se conta de que a prática docente vai além de transmitir conhecimentos e de que cabe a ele o papel de orientar, incentivar o pensar e o pensar certo, o respeito à diversidade do alunato. Cabe ao professor o papel de, sendo ele um sujeito crítico, fazer com que alunos e alunas também o sejam. Não cabe ao professor dar as respostas e sim fazer as perguntas e incentivar que novas perguntas sejam feitas. E que se busque, então, as respostas, que nunca serão verdades absolutas.

Com isso fomos desafiando os alunos a primeiro perder o medo e em seguida começar a criar e produzir. Os grupos e/ou Projetos de Pesquisa e seus devidos temas/problemas foram os seguintes: Futebol amador: raízes e interação social (De que forma o futebol contribui como interação entre a comunidade e entre as diversas comunidades?); O *Rock* e o Preconceito Musical (Quais formas de preconceito os roqueiros sofrem e/ou sofreram ao longo dos tempos?); *Muay Thai*: Luta como Esporte e não como Violência (De que forma a luta como esporte pode contribuir para diminuir a violência entre os jovens?); Moda e o Papel Social da Mulher (Quais os diferentes papéis sociais da mulher e de que forma influenciam a moda ou são influenciados por ela?); Mal de Alzheimer: causas, sintomas, consequências e tratamento (Qual é a ação na cidade de Rio Grande de apoio aos doentes e seus familiares?).

Com os temas escolhidos, os projetos construídos os alunos partiram para a pesquisa de campo, cada grupo dentro de seus temas escolhidos. Neste ponto já foram muitas as experiências vividas por eles, como: entrevistar o Prefeito sobre o futebol amador e dar entrevista em programa de rádio sobre o projeto escolhido; elaborar junto à Secretaria de Cultura um festival de *Rock*; trabalhar o papel da mulher na sociedade e elaborar uma oficina de trabalho reciclado para realizar um desfile com roupas recicladas, entre outros.

Desafiei os alunos a pensar um produto final para mostrar seus trabalhos. E, com isso, estão sendo elaborados: um documentário sobre o futebol amador em Rio Grande; um desfile de moda com roupas recicladas; um festival de *rock* e um “aulão” prático sobre a luta *Muay Thai*.

Análise e discussão do relato

Freire (1996) faz uma crítica à educação bancária, na visão freiriana, esse modelo de educação parte do pressuposto de que o aluno nada sabe e o professor é detentor do saber. Criando-se então uma relação vertical entre o educador e o educando. O educador, sendo o que possui todo o saber, é o sujeito da aprendizagem, aquele que deposita o conhecimento. O educando,

então, é o objeto que recebe o conhecimento. A educação vista por essa ótica tem como meta, intencional ou não, a formação de indivíduos acomodados, não questionadores e submetidos à estrutura do poder vigente.

Mas, como romper um “padrão” de Educação “conteudista” e desvinculado da realidade dos educandos? Como romper com a lógica do professor “dono do saber” e, assim, estar aberto aos saberes dos alunos? Como trabalhar de forma interdisciplinar nas escolas se, ainda hoje, os professores são formados de forma disciplinar? São desafios a serem perseguidos por quem deseja uma “Revolução na Educação”, e uma “Escola para todos e todas”.

Ao pensar a proposta do Seminário Integrado para o presente ano letivo resolvi modificar a abordagem feita no ano anterior. Em vez de um único projeto para a turma, vários projetos dentro da mesma turma. Tem sido um desafio, mas um desafio prazeroso. Trabalhar com os diferentes ritmos de cada um. Faz pensar como avaliamos de forma equivocada ao exigirmos um padrão de ensino e aprendizagem de forma “uniformizada”.

A prática desse ano letivo fez-me pensar, nos diferentes alunos e alunas que temos em uma única turma. E assim avaliá-los. Dosar o ritmo do apressado demais, “apurar”, quando necessário, o mais “lento”. Incentivar o desanimado. Empolgar a todos e a todas.

Tenho percebido amadurecimento em alguns, em relação ao trabalho muito grande. Empolgaram-se com as atividades e estão empenhando-se ao máximo.

Considerações finais

Todos sabem que a Educação precisa de mudanças que vão desde as primeiras séries, ou anos, do Ensino Fundamental até o Ensino Superior. Passando primeiro pela ideia de que um nível é “preparatório” para o outro, em vez de uma continuidade da formação.

Garantimos como Estado o acesso à Escola, principalmente, no Ensino Fundamental e caminhamos para isso no Ensino Médio com a mudança da lei que prevê a Educação Básica como

obrigatória até os 17 anos. Leis como as cotas e programas como o PROUNI têm a finalidade de diminuir o discrepante acesso à formação superior, que no Brasil sempre foi destinado a uma elite e outros poucos que conseguiam, com muito custo, furar as barreiras impostas pelo sistema.

Mas, garantir o acesso não basta. Agora precisamos garantir um Ensino de qualidade para todos e para todas. E, em todos os níveis. Uma Educação que seja mais humanista e transformadora. E, que não tenha por objetivo manter o status de uma sociedade desigual e elitista.

A Escola no Ensino Básico, Fundamental e Médio, precisa estar aberta e alerta a novos temas. Ser menos “conteudista” e fragmentada. Discutir a diversidade hoje é uma obrigação da Educação. Somente assim, teremos uma Escola menos racista, homofóbica, machista e elitista. E, que possa, ao se transformar, contribuir para a transformação dos sujeitos que a buscam. E com isso a sociedade será transformada.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola: O que é e como se faz.** 25. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de. **Pesquisa Social.** 32. ed. São Paulo: Vozes, 2012.
- SILVA, Juremir M. **O que pesquisar quer dizer.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

**Reflexões sobre o
Ensino Médio Politécnico na
Escola Estadual de Ensino Médio
Professor Carlos Loréa Pinto**

Sicero Agostinho Miranda

siceromiranda@gmail.com

Escola Estadual de Ensino Médio

Professor Carlos Loréa Pinto

Em janeiro de 2012 foi aprovada no Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul a Reestruturação Curricular do Ensino Médio de acordo com o parecer 156/2012. A partir dessa data esta modalidade de ensino apresenta-se da seguinte forma: Ensino Médio Politécnico, Ensino Médio Curso Normal e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio. A reforma foi implantada para fazer frente à fragmentação dos conteúdos e ao distanciamento dos mesmos da realidade dos alunos, também pelos altos índices de reprovação e repetência (34,5%), bem como um número expressivo, 14,7% do total de jovens entre 15 a 17 anos, estar fora da escola.

O Regimento Referência das Escolas de Ensino Médio Politécnico (EMP) da rede estadual do Rio Grande do Sul tem como fundamento uma concepção de conhecimento compreendido como processo humano, sempre provisório, histórico, permanente na busca da compreensão, da organização e da transformação do mundo vivido. Sendo a construção do conhecimento originada das práticas sociais e nos processos de transformação da natureza pelo homem, dando ao conhecimento um caráter dinâmico, contribuindo para uma ação transformadora da realidade.

Na prática, o educando, além de ter aulas dos componentes curriculares do Ensino Médio, desenvolve projetos com ati-

vidades práticas vivenciadas e relacionadas com a vida, a sociedade e mundo do trabalho. As metodologias são interdisciplinares baseadas em pesquisas pedagogicamente estruturadas e praticadas através de projeto vivencial e trabalho como princípio educativo. Isso não implica a extinção das disciplinas, que são reforçadas no diálogo interdisciplinar, distribuídas em 200 dias letivos, com um total de 1.000 horas, somando 3.000 ao final dos três anos. A criação da disciplina Seminário Integrado possibilita a execução dos projetos, fazendo a relação com as diversas áreas.

A escola deverá rever suas funções e ações que desempenha na sociedade, para isso, devemos ampliar as reflexões e produzir conhecimento. Acesso e permanência se faz necessário para o sucesso da evolução do Brasil. Por outro lado, as desigualdades sociais ainda são muito grandes. As classes populares ainda estão assistidas muito aquém do que é necessário. A permanência na escola deverá estar ligada à construção do conhecimento.

As relações com o outro contribuem para novas aprendizagens. A partir das trocas, buscamos desenvolver novos conhecimentos. As problematizações contribuem na construção coletiva, sempre respeitando as individualidades e o olhar do outro, nunca potencializando as diferenças.

Detalhamento das atividades

A Escola Estadual de Ensino Médio Professor Carlos Loréa Pinto está situada no Bairro Cohab IV, zona periférica da cidade, rodeada de diversos bairros, entre eles, Castelo Branco, Profilurb, Santa Rosa, Cidade de Agueda, etc. (cf. ilustrado na figura 1). Com o problema dos altos índices de criminalidade nos bairros próximos à escola, muitos jovens buscam na escola a referência de sociedade e espaço de transformação de suas vidas.

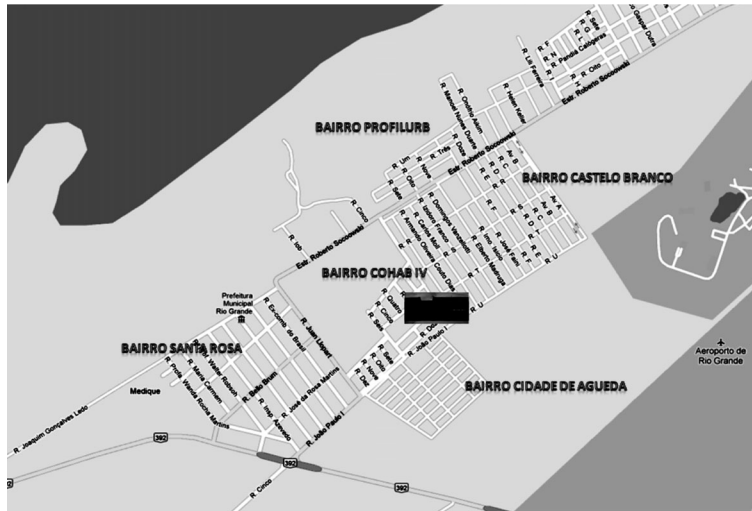


Figura 1: Mapa dos bairros próximos à escola.

As ações estão sendo desenvolvidas nos primeiros anos do Ensino Médio, turmas 101, 102 e 103, em momentos, de modo a organizar o processo de construção e aplicação das pesquisas (cf. ilustrado no diagrama 1).



Diagrama 1: Momentos.

No primeiro semestre trabalhamos inicialmente com a metodologia científica. Nesse momento começamos as discussões sobre a importância da leitura, formas de escrita, pesquisas, como realizar uma pesquisa, passos de uma pesquisa. Depois de discutirmos sobre uma pesquisa, passamos a pensar nos projetos de pesquisa e, juntos, desenvolvemos as alternativas de construção das propostas.

Para a construção do projeto sugerimos uma reflexão sobre inquietações, coisas que os estudantes tinham interesse de saber, e como poderiam buscar determinadas respostas. Outro fator discutido foi o andamento da pesquisa (tempo, formas e inquietações) e a escolha dos temas a serem pesquisados.

Os temas geradores são amplos e constituem a realidade do universo dos educandos, problematizada pelo diálogo entre educador e educando. Essa problematização vai ocorrendo à medida que os problemas são levantados através do diálogo, no qual os educandos participantes começam a falar sobre as contradições, as situações concretas e reais que estão vivendo. Sobre essa colocação reforçamos com Freire:

[...] Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressent, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (FREIRE, 2002).

As temáticas para trabalhar acabaram emergindo naturalmente a partir do diálogo com os estudantes, para tanto procedemos da seguinte forma: primeiro sugerimos que escolhessem os grupos para realizar a pesquisa, depois foi proposta uma dinâmica que consistia em que cada um relatasse as temáticas de seu interesse. Surgiram várias temáticas e temas muito amplos, mas deixamos que eles escolhessem seus temas, conforme proposto no Regimento Referência.

Após a escolha dos temas solicitamos que, a partir das dúvidas que eles tinham, criassem perguntas; as mesmas nortearam a criação da questão de pesquisa e os objetivos. Em alguns momentos foi necessário retornarmos às discussões metodológicas que envolvem a pesquisa.

Discutimos com eles que quando pensamos nas estratégias metodológicas a serem utilizadas, devemos analisar o quanto as mesmas facilitarão o entendimento da complexidade dos fenômenos estudados, de acordo com Yunes que afirma:

Penso que as estratégias metodológicas devem facilitar o entendimento da complexidade dos fenômenos, por meio de um olhar “descontaminado” (de instrumentos de medida, de teorias e estudos preexistentes) e uma atitude investigativa que analisa o que “está por trás” (YUNES, 2005, p. 121) (grifo da autora).

A escolha dos métodos de coleta e análise dos dados é importante para o andamento da pesquisa, cada um é utilizado para um determinado fim, devendo estar ligados aos objetivos da pesquisa a ser realizada. Conforme Hart (2005, p. 21) é importante demonstrar compreensão das bases metodológicas de cada método, pois alguns deles são compatíveis com certos sistemas metodológicos, principalmente seus princípios epistemológicos. Esses métodos têm que estar casados, ou seja, o que for coletado deve dar todas as informações necessárias a ser analisadas para responder à questão de pesquisa.

No segundo semestre realizamos a coleta de dados, cada grupo fez suas escolhas metodológicas. Não diferente da grande maioria dos pesquisadores iniciantes, a maioria utilizou entrevistas ou questionários. Vergara em seu livro “Métodos de Coleta de Dados em Pesquisa de Campo” discute justamente isso: as pessoas julgam ser mais fácil coletar os dados com entrevistas ou questionários, mas não entendem que para esse método aparentemente simples existe uma técnica, procedimento ou procedimento correto a ser utilizado; e caso não seja bem planejado, com objetivos bem definidos, pode nos levar a resultados errôneos (2012, p. 23).

A escrita e apresentação final serão desenvolvidas no último trimestre, sendo que as apresentações terão lugar em um Seminário organizado pela escola, aberto a toda a comunidade escolar.

Análise e discussão do relato

Após definirmos nossas metodologias, para conduzir a disciplina de Seminário Integrado nas turmas dos primeiros anos da escola, pensamos em promover aos estudantes um espaço de diálogo, de descobertas e de aprendizagens. Muitas vezes refletimos sobre as ações que são desenvolvidas e não conseguimos compreender os resultados que estamos obtendo. Entendemos que este processo é longo; muitos resultados poderão aparecer apenas no final dessa caminhada.

Para entender a visão dos nossos educadores sobre a Reestruturação do Ensino Médio, realizamos a seguinte proposta com nossos educandos: que eles produzissem um texto individual ou em duplas contando como está sendo a experiência na disciplina de Seminário e as mudanças (notas para parecer, recuperações trimestrais, etc.) ocasionadas pelo Ensino Médio Politécnico.

Entendemos que todas as mudanças irão gerar uma desconforto, medos, angústias, mas por outro lado acarretam melhorias, novas perspectivas e ideias. Ao analisar as narrativas produzidas, essas preocupações com o novo, com a mudança ficaram evidente, muitas vezes por não entenderem as concepções que norteiam a proposta e em outros casos pela influência da mídia ou de pessoas que são contra.

Ainda assim os educandos são a favor da mudança, acreditam que, da forma como as coisas estavam sendo conduzidas, não estavam obtendo os resultados, principalmente de aprendizagem, que se buscava. Observo essas visões nos relatos dos alunos. O grupo A, turma 101¹ diz: “... eu gosto de pesquisar, estou aprendendo que não é em todos os lugares da internet que tem informações corretas. Como eu escolhi o meu tema, estou pesquisando o que me interessa...”. O mesmo também é citado pelo grupo B, turma 103: “... gostamos de pesquisar o que temos interesse e percebemos o quanto uma pesquisa pode ajudar nas nossas escolhas para o nosso futuro”.

¹ Para preservar a identidade, nominaremos com letras a turma a qual pertencem, 101, 102 ou 103.

Entre as mudanças causadas pela reestruturação, causa estranhamento ao estudante principalmente a mudança de notas para parecer. O grupo C, turma 101, diz que é totalmente contra essa mudança: “... não conseguimos entender como se compõe a nossa nota e não conseguimos deixar nota sobrando para o outro trimestre...”. O mesmo ocorre com o grupo A, turma 102, que afirma: “... essa mudança só atrapalha, pois estávamos acostumados com a média e a nota, agora todo o trabalho, teste ou prova temos que tirar CSA²...”.

Outro fator que tem sido muito discutido entre os professores e os alunos é a mudança de disciplinas para áreas do conhecimento (Linguagens, códigos e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias). Os professores, preocupados com as dificuldades em trabalhar no coletivo, com as demais áreas, e os alunos, com o fator das notas, bem frisado na escrita do grupo B da turma 102: “... antes eu rodava em física e era só em física, agora rodamos em física e rodamos na área toda...”. Tudo isso é ocasionado pelas mudanças, pois estavam acostumados com os modelos tradicionais, conforme Nascimento:

O modelo curricular e didático que é base das escolas de Ensino Médio, por se pautar na fragmentação, na repetição de conteúdos, de conceitos e saberes, negligencia a própria forma humana de produção do conhecimento, ignora as características do desenvolvimento humano e as concepções interacionistas de aprendizagem (NASCIMENTO, 2013, p. 29).

O EMP veio para construir uma outra concepção de escola, precisamos promover melhorias no ensino, novos objetivos e metas dentro do espaço escolar. Concordo com Azevedo (2013, p. 27), que afirma:

[...] o desafio da permanência e da garantia de aprendizagem tem se mostrado agravado. Principalmente em decorrência da inexistência de uma escola sintonizada com os anseios da juventude atual.

² Construção Satisfatória da Aprendizagem.

Considerações finais

Falar sobre os desafios que enfrentamos nos espaços escolares não é uma missão muito fácil. Enfrentamos muitos obstáculos para podermos oferecer aos nossos alunos um espaço de formação que possibilite aos mesmos um futuro melhor.

Vejo que o nosso maior desafio enquanto educadores é manter nosso aluno motivado e interessado nas atividades propostas em sala de aula. Na nossa escola, após a implementação do Ensino Médio Politécnico e do Programa Ensino Médio Inovador³ (PROEMI) que disponibiliza verba para executar algumas ações, estamos tendo a possibilidade de proporcionar a estes alunos algumas novas vivências, tais como, visitas à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Polo Naval de Rio Grande (RS), Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do RS) e ter contato com novas metodologias, entendimentos sobre o processo e execução de uma pesquisa e a busca de respostas para alguns dos seus questionamentos. A escolha do tema, feita por eles, possibilita trabalhar durante o ano letivo atividades diferenciadas abordando assuntos de interesse deles.

O desafio enfrentado para executar essas ações é a falta de espaços físicos adequados; com isso sempre pensamos em ações que demandem o mínimo possível de novos espaços. Outro fator relevante é a resistência de alguns colegas professores, muitos casos pela carga horária excessiva de trabalho, em outros pela falta de formação, pelos baixos salários, etc., em participar das ações e das novas propostas a ser executadas. Embora essa constatação seja um agravante, observo que de pouco a pouco a maioria está se envolvendo com a proposta e alguns poucos começam a dar suas sugestões.

Observo também que a linguagem utilizada com os educandos em sala de aula é um fator importante no processo de

³ O Programa Ensino Médio Inovador – ProEMI, instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio.

ensino e aprendizagem. Não defendo aqui a utilização de gírias, mas sim de uma linguagem mais popular inicialmente, fazendo a transcrição para uma linguagem mais formal no decorrer das aulas; isso faz com que nos aproximemos deles.

Referências

AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. **Reestruturação do Ensino Médio**: Pressupostos teóricos e desafios da prática. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

FREIRE, Paulo. Contexto concreto – contexto teórico. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas para quem ousa ensinar. 12. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

HART, Paul. Narrativa, Conhecimento e Metodologias Emergentes na Pesquisa em Educação Ambiental: questões de qualidade. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 19 ago. 2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Coleta de Dados em Pesquisa de Campo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Atlas, 2012.

YUNES, Maria Ângela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Grounded-Theory e Entrevista Reflexiva: uma associação de estratégias metodológicas qualitativas para compreensão da resiliência em famílias. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

**Percebendo a realidade local
através do componente curricular
Seminário Integrado**

Cezar Soares Motta

cezarsmot@gmail.com

Sonia Mendonça

Escola Estadual de Ensino Médio
Marechal Mascarenhas de Moraes



Primeiras palavras

O presente relato tem por objetivo contar sobre as experiências dos sujeitos que compõe a turma 201 no componente curricular Seminário Integrado desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes.

A referida turma é composta por 37 estudantes do segundo ano do ensino médio regular no turno da tarde, e atendida por dois professores, um licenciado em Química e outra licenciada em Pedagogia, responsáveis por mediar os encontros.

O que vem acontecendo nos encontros de seminário integrado

No primeiro encontro de Seminário Integrado (S.I.), os estudantes e professores, organizados em roda, se apresentaram e conversaram sobre o que fora desenvolvido no ano de 2012 nos encontros de S.I. nas escolas dos quais participaram. Logo após, os estudantes foram orientados pelos professores a realizar o registro escrito de suas experiências no S.I. em 2012.

No segundo encontro, os professores iniciaram as atividades com diálogo sobre suas intenções enquanto professores do componente e solicitaram aos estudantes que formassem grupos para construir um relato coletivo sobre suas expectativas para o S.I. em 2013.

No terceiro encontro, o diálogo entre os professores e estudantes, foi baseado nas expectativas relatadas anteriormente e norteado por duas perguntas: por que transformações a cidade de Rio Grande está passando e como essas transformações interferem na vida dos sujeitos. Emergindo do diálogo coletivo, com negociação entre interesses dos professores e estudantes, o tema Polo Naval (P.N.) para ser pesquisado pelo grupo.

Com o tema de pesquisa já decidido, no quarto encontro, o coletivo de estudantes foi orientado a construir questões sobre o tema, de modo a organizarem-se em grupos que compartilhassem interesses e dúvidas em relação à temática, produzindo assim subtemas para a pesquisa. Os subtemas emergentes do processo foram: Diversidade Cultural, Sustentabilidade no P.N., Desenvolvimento/Crescimento, A mulher no Polo Naval e Profissões no Polo Naval.

O quinto encontro, já tendo os grupos organizados pelos subtemas, teve por objetivo instigar os grupos a construir, junto com os professores, perguntas aos subtemas, de modo a aprofundar o estudo sem perder o vínculo com a temática em foco. Na tabela 01 apresenta-se a relação de perguntas construídas pelos estudantes e professores a partir dos subtemas.

Tabela 01: Perguntas construídas pelos estudantes e professores a partir dos subtemas

Perguntas construídas para os subtemas	Subtemas
O que apontam os índices sobre a violência/assaltos/doenças com a chegada de trabalhadores do P.N.?	Diversidade Cultural
Como a cidade está se preparando em termos de estrutura para comportar os trabalhadores?	
Qual o sentimento dos trabalhadores e dos moradores com relação à cidade de Rio Grande?	
Existe preconceito com os recém-chegados e dos recém-chegados em Rio Grande? Por quê?	
Quais as condições de moradia dos trabalhadores do P.N.?	
A reunião sobre sustentabilidade no P.N. trouxe alguma mudança às práticas lá existentes?	Sustentabilidade no P.N.
O que foi afetado pela sustentabilidade no lado financeiro da cidade?	
Existe algum grupo em Rio Grande que tenha como foco de discussão o tema sustentabilidade?	
O desenvolvimento do P.N. causou algum impacto ao meio ambiente?	
Quais foram as inovações tecnológicas que o P.N. trouxe?	
Por que existe o crescimento sem desenvolvimento?	Desenvolvimento/Crescimento
Qual a solução para a superpopulação em Rio Grande?	
Qual a relação entre o desenvolvimento e o crescimento da cidade com a chegada dos trabalhadores de outras regiões?	
Qual o lado positivo e qual o negativo do desenvolvimento e crescimento?	
O que é preciso para a cidade crescer e se desenvolver?	
Quais as funções mais procuradas pelas mulheres no P.N. e por quê?	A mulher no Polo Naval
Como é visto o desempenho da mulher no P.N.?	
Quais os direitos da mulher no P.N.?	
Existe preconceito dos homens com as mulheres no P.N.?	
Quais as profissões mais procuradas no P.N.?	Profissões no Polo Naval
Qual profissão é mais bem remunerada no P.N.?	
Como está sendo preparado o trabalhador do P.N.?	
Como estão estruturadas as jornadas de trabalho no P.N.?	

No sexto e sétimo encontros buscou-se, em um esforço coletivo de professores e estudantes, articular as perguntas construídas com as áreas do conhecimento, para assim envolver os demais professores da escola na proposta de S.I.. Percepção que fora possibilitada através da participação dos professores no processo de formação Cirandar: rodas de investigação desde a escola. Cabe destacar que nesse processo de formação, os professores de Seminário Integrado em conjunto com professores da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e da equipe de profissionais da 18ª Coordenadoria Regional de Educação – CRE, organizados nas Rodas de Formação, partilham seus saberes e vivências a respeito da disciplina de Seminário Integrado.

O oitavo encontro foi dedicado a um diálogo sobre os possíveis caminhos e recursos a serem utilizados no desenvolvimento das pesquisas. Emergindo do grupo, diversas ideias, tais como, visitas ao P.N., realização de entrevistas com sujeitos que trabalham no P.N. e com sujeitos que trabalham em setores públicos do município de Rio Grande, bem como, convite a palestrantes, entre outras.

No nono e décimo encontro, os participantes do S.I. dialogaram sobre como a pesquisa estava se desenvolvendo; destacando-se no diálogo a forma de análise das informações construídas.



No encontro posterior, os grupos foram convidados a realizar pré-apresentações sobre suas pesquisas, no sentido de socializá-las com os demais colegas da turma e professores, movimento esse que se encontra em processo.

Pretende-se ao final das apresentações, encaminhar aos grupos perguntas construídas pelos professores de cada área (Ciências da Natureza, Linguagens, Matemática e Ciências Humanas) para que o vínculo entre a pesquisa desenvolvida no componente S.I. e as áreas seja intensificado.

O que buscamos nesse espaço

O componente Seminário Integrado é parte da reestruturação do ensino médio no Rio Grande do Sul iniciado no ano de 2012, que segundo o diretor pedagógico da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul – Seduc – Silvio Rocha, é estruturado em três eixos fundamentais, onde a pesquisa pedagógica possibilita aos sujeitos envolvidos construir conhecimentos e aos educadores reconstruírem e refletirem sobre suas práticas, conforme recorte da fala do diretor:

O Seminário integrado está embasado em três eixos fundamentais. O primeiro é o articulador e problematizador do currículo – possibilita olhar crítico e participativo entre alunos e professores; desenvolve-se no contexto da prática aglutinando diversos saberes integrados no mundo concreto, possibilita captação do mundo real e estudo de problemas concretos. O segundo demonstra que o seminário consiste em um lugar de integração dos conhecimentos formais com conhecimentos e realidades sociais, por isso interdisciplinar. O terceiro eixo embasador do seminário faz dele um espaço de produção de conhecimento por meio de postura de investigação, por familiarizar alunos com a produção de projetos de pesquisa, relatórios analíticos e organização de encontros científicos.

Nesse sentido para que o processo de educar aconteça, aposta-se que o coletivo escolar busque, na temática emergente do contexto vivenciado pela comunidade, as orientações para promover a pesquisa. Pois ao compreender esse contexto através da pesquisa, os sujeitos terão a oportunidade de perceber outras possibilidades dentro de um mesmo contexto.

Argumenta-se que os educadores devam assumir o papel de mediadores dos encontros, de modo a oportunizar, na investigação realizada, diálogos que proporcionem aos sujeitos o desenvolvimento do pensamento crítico.

Defende-se que a manifestação e desenvolvimento desse pensamento crítico se dá através de princípios defendidos no educar pela pesquisa (GALIAZZI, 2003), onde o ato de educar significa partir de questionamentos e da reconstrução desses questionamentos, para que assim produzam argumentos. Reforça-se a necessidade do registro escrito, para que o grupo problematize e dialogue sobre seus argumentos. Nesse sentido, a escrita assume seu papel ao registrar os relatos desses sujeitos sobre suas experiências passadas, sobre as que estão vivenciando, bem como as perguntas construídas pelos mesmos sobre a temática.

Destaca-se que a construção do conhecimento através da problematização da temática, proporcionada por essa forma de realizar os encontros, ancorada não de modo isolado em uma área do conhecimento, mas na intenção de romper o disciplinar, em um esforço conjunto de educadores das diversas áreas do conhecimento. Vem ao encontro dessa proposição a fala dos autores Delizoicov e Zanetic (2002) de que “nunca conseguiremos implantar uma reforma educacional que abarque todo o conhecimento, pois sempre será necessário fazer uma seleção cultural de áreas do conhecimento e de temas que serão parte integrante dos currículos escolares”.

No sentido de compreender como é esse esforço conjunto, concordamos com Delizoicov e Zanetic (2002) que “o trabalho interdisciplinar pressupõe um procedimento que parte da ideia de que as várias ciências deveriam contribuir para o estudo de determinados temas” e que “não é fácil construir uma proposta de ensino envolvendo profissionais que apresentam muitas diferenças entre si”. Portanto, para que esse esforço conjunto leve a resultados profícuos, deve-se trabalhar na perspectiva de buscar as “semelhanças nas diferenças, mantendo e incentivando a explicitação das diferenças nas semelhanças”.

Nesse movimento reside o olhar do coletivo que, permeado pelos diversos saberes, constroe e dialoga sobre como resolver as questões emergentes da temática investigada.

Através do argumento de que “não temos da realidade outra representação senão aquela que nos compõe, histórica e socialmente, e somos por ela oprimidos”, defende-se que no âmbito desse componente curricular, que tem em sua base uma perspectiva problematizadora, que pretende envolver os sujeitos, transformando-os, não se deva excluir as antigas percepções em torno da realidade desses sujeitos, mas partir delas, sendo necessária a mediação dos professores durante todos os processos realizados.

Considera-se que sujeitos imersos na investigação são transformados e transformam, pois ao mesclar nos diálogos as diversas vivências e compreensões acerca da temática, possibilitam que não ocorra a supressão do pensamento individual em relação ao coletivo, mas o conhecer e o posicionar-se criticamente quanto ao pensamento individual para a partir dele problematizar ao coletivo e reconstruir a sua própria realidade.

Através de Freire (2011), defende-se que o diálogo problematizador possibilita tal reconstrução, mas questiona-se como vencer o desafio que se encontra em tornar práxis (a ação sobre a reflexão) os momentos de diálogo coletivo, condensando a discussão, não se reduzindo a palavra inautêntica, dita por Freire como “a que não tem denúncia verdadeira, pois nela não há compromisso com a transformação”. Acrescenta-se que é através das palavras que os homens significam o mundo e nele se movimentam.

Um desafio, porém, está em perceber como os conteúdos conceituais, a estrutura do componente e as áreas do conhecimento se articulam nesse processo; algo que, dialogado em espaços de formação como o Cirandar: rodas de investigação desde a escola, é potência que possibilita melhor compreensão.

O que estamos percebendo

Ainda que o processo de desenvolvimento do componente esteja em construção, já se tornou evidente a necessidade dos professores de continuar participando de processos de formação, de modo a compreender como ocorre esse movimento de percepção da realidade, articulado aos conhecimentos histori-



camente produzidos pela humanidade. E também aprofundar os diálogos, de modo que a temática proposta possa contribuir na compreensão da realidade vivenciada pelos sujeitos.

Referências

DELIZOICOV, D.; ZANETIC, J. A proposta de interdisciplinaridade e seu impacto no ensino municipal de 1º grau. In: PONTUSCHKA, N. (org.). **Ousadia no diálogo?** Interdisciplinaridade na escola pública. São Paulo: Loyola, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de Ciências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.



Espaço escolar: formação e crescimento

Janete da Rosa Magalhães

jrmag@hotmail.com



Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama

O presente relato vai descrever a construção de uma caminhada para uma boa prática de Seminário Integrado da Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama. O Seminário Integrado é parte metodológica na reformulação do Ensino Médio, hoje, Politécnico, assim chamado, tendo como desafio articular o Currículo na tentativa de adequá-lo às exigências sociais e às mudanças curriculares delas decorrentes, validando a dúvida como princípio, a pesquisa como ferramenta indispensável à aprendizagem, numa perspectiva integrada, na socialização de experiências, a fim de significar a construção do conhecimento.

Para tal, traz à luz a importância de se viabilizar espaços e tempos de formação e, os entraves que isso carrega consigo dificultando a práxis, o diálogo, o trabalho no coletivo.

Detalhamento das atividades

Com a nova proposta que é tecer a reestruturação do Ensino Médio Politécnico arraigado com o Seminário Integrado, que deve ser o eixo articulador e problematizador de todo o currículo, amarrando e desafiando todas as áreas do conhecimento para um trabalho menos disciplinar. Já em 2012, com alguns encontros preparatórios no ano anterior, deu-se início, para alunos do primeiro ano, à construção de uma caminhada que precisava atribuir novos sentidos à Escola a partir dos significados produzidos pela articulação entre trabalho e cultura, entre ciência e tecnologia, conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Cada turma de primeiro



ano recebeu um professor de Seminário Integrado, cujo papel era motivar projetos de pesquisa, orientando-as nas etapas dos mesmos, na organização do trabalho escrito e na apresentação do assunto em plenária. A esse orientador também caberia articular as disciplinas, chamando-as a enriquecer o trabalho numa visão interdisciplinar. Assim, nasceu o primeiro Seminário Integrado em páginas e páginas de pesquisa, numa perspectiva ainda técnica, a qual obedecia às regras da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Em março de 2013 via-se chegar à escola professores/as que sabiam a que vinham, ou seja, professores/as articuladores/as de Seminário assumiam o compromisso de novamente desencadear temas de interesse dos estudantes e orientar o projeto de pesquisa, porém nesse ano, nas turmas de segundo ano, com o suporte dos professores/as “apoiadores” em cada área do conhecimento.

Foi dada a largada para “articuladores/as e apoiadores/as” nos primeiros e segundos anos da escola. Os segundos anos já traziam como bagagem a experiência vivida, anteriormente, com seus pontos positivos e negativos. Já para os primeiros anos, o ponto de partida não poderia ser o mesmo, pois na sua grande maioria eram estreantes nessa nova prática.

No decorrer dos dias foi visto o perpassar de polígrafos, pequenas brochuras, para xerox – eram guias com o passo a passo de como elaborar e formatar o projeto de pesquisa de acordo com regras predeterminadas para a formatação desse tipo de trabalho. Por algum tempo, quem chegasse à sala de professores/as ouvia e se envolvia com o mesmo assunto: como dar forma ao projeto de pesquisa e qual seria o tamanho da importância dada a essas regras no trabalho escrito? Duas vertentes surgiram: aquela que considerava fundamental a parte escrita de forma regradada e a que valorizava a construção do projeto de pesquisa a partir da escolha dos temas, da problematização, das curiosidades, das dúvidas, do levantamento de hipóteses e do interesse e empenho na busca de soluções para o(s) problema(s), socializando as dúvidas, embasando argumentos, validando verdades a partir da pesquisa, do desvelamento do problema.

Queixumes também chegavam àquela sala. Professores/as diziam que era preciso ter a mesma fala, a mesma linha de pensamento, porque orientações contraditórias estavam chegando aos estudantes, deixando-os inseguros e confusos. Professores/as estreatantes na função de orientadores de área, também se achegavam dizendo-se “perdidos”, sem saber exatamente como planejar suas aulas, sem saber qual era o ponto de partida, especialmente para os alunos de segundo ano que não eram principiantes na construção do projeto de pesquisa. Certa manhã, aproximou-se de um grupo um/a colega que dizia-se desprestigiado, desrespeitado em seus encaminhamentos, pois soube na turma que havia posições contrárias, críticas de outros colegas ao seu encaminhamento para o trabalho.

Já era notório, faziam-se necessários encontros, era preciso planejamento coletivo, era necessário o diálogo, pois muitas iniciativas já tinham sido adotadas e transformadas em prática, iniciativas bastante proveitosas, porém pouco divulgadas: convite a palestrantes sobre os assuntos eleitos num segundo ano, trocas de experiência via internet entre grupos/professor/a entrevistas. Havia também alguns silêncios que precisavam ser rompidos, pois trabalhos significativos, interdisciplinares, contextualizados à prática social precisavam ser compartilhados.

Análise e discussão do relato

Na sala dos/as professores/as, em meados do mês de abril, já se havia concluído: precisamos nos reunir, articular parcerias. Como vamos contribuir com as construções já em andamento? Como podemos nos integrar frente aos acontecimentos que são e que não de vir? Era preciso o encontro, era preciso enlaçar parcerias para amarrar ideias e ações.

A coordenação pedagógica já tentava marcar os encontros: dentro do horário, fora do horário, diversificando o dia da semana, em turno inverso, aos sábados. Reunir os colegas das áreas do conhecimento era condição *sine qua non* (indispensável) para a construção do trabalho; porém, como fazê-lo com professores/as que têm sua carga horária distribuída em duas ou mais escolas ou que têm no sábado o seu único contato com a turma?

Pois de acordo com Nóvoa (2002, p. 23) “o aprender contínuo é essencial, se encontra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Para esse estudioso, o crescimento profissional se dá no coletivo – “A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando” (NÓVOA, 1997, p. 26).

Enquanto se buscam alternativas que melhor se adéquem a essa problemática, isto é, encontrar um espaço para o encontro, fica mais e mais evidente a necessidade do diálogo, da troca, da construção coletiva, do outro. Nunca foi tão valorizado o espaço de formação, por ser nele que se dá a significação, a desconstrução, o planejamento, a tomada de decisões e o crescimento.

Tem-se em foco, então, a importância da formação continuada para uma atuação docente reflexiva na construção do processo de ensino-aprendizagem, nas práticas docentes como função social, na transformação de posturas pedagógicas, no rompimento de estagnações e na apropriação da própria identidade, enquanto profissional em educação. Consequentemente, a pesquisa aparece como condição às práticas inovadoras – um espaço de reflexão na prática e sobre a prática, tendo como material metodológico a problematização e a investigação.

É pelo trabalho de pesquisa que o conhecimento de um assunto vai crescer, e esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as peculiaridades do pesquisador, inclusive com suas definições políticas, pois: “Todo ato de pesquisa é um ato político”, disse Rubem Alves (1984).

O tempo na escola é muito complexo e compartimentado, o calendário escolar não consegue prever a dinâmica diária de estudantes e professores/as, nem prever toda a demanda da comunidade em que a escola está inserida, e temos ainda os profissionais, entrando e saindo dos ambientes escolares por terem sua carga horária distribuída em duas ou mais escolas com realidades distintas.

Segundo Veiga:

“[...] para alterar a qualidade do trabalho pedagógico torna-se necessário que a escola reformule seu tempo, estabelecendo períodos de estudo e reflexão de equipes de educadores, fortalecendo a escola como instância de educação continuada.

É preciso tempo para que os educadores aprofundem seu conhecimento sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo... É preciso tempo para os estudantes se organizarem e criarem seus espaços para além da sala de aula... Em resumo quanto mais compartimentado for o tempo, mais hierarquizadas e ritualizadas serão as relações sociais, reduzindo também as possibilidades de se institucionalizar o currículo integração que conduz a um ensino em extensão”.

(2002, p. 29-30)

Assim, são muitas as intervenientes que deixam o espaço escolar complexo e com contradições; como exemplo: ao mesmo tempo em que o/a professor/a quer e precisa de espaços para reuniões, não encontra maneira de viabilizá-las. Então, surgem os encontros casuais nos corredores, nas trocas de sala, naquela “fugidinha” para pegar material, no cafezinho; tudo se transforma em *point* para troca de experiências, para dividir ansiedades e preocupações, até que se consiga a superação dos entraves que o contexto escolar constitui.

Considerações finais

A Escola ainda é vista como um local meramente de ensino, porém clareiras evidenciam que há muitos focos de produção real de conhecimentos. Já se vê abandono das listas intermináveis de conteúdos divididos em tempos milimetricamente medidos para que não fique de fora nenhum item, para que não se torne difícil a continuidade dos estudos por falta de pré-requisitos. Realmente, fica complicado fazer a inserção dessa prática conteudista numa outra prática, cuja metodologia permeia a investigação, as indagações, as curiosidades e os interesses.

A boa-nova já vem causando isso: um pouco de abandono da lista de conteúdos e o interesse por esse “conhecimento construído” a partir da pesquisa, e também, o desafio de ver “o

construído” de sua disciplina contribuir no projeto e inserir-se no grupo de construção, não ficando à margem desse processo, pois “cada pessoa é um ser único e original, com experiências, histórias, conhecimentos, possibilidades e limitações diferentes, que constituíram como é; a sala de aula é o espaço da diferença, da heterogeneidade” (LOCH, 2000, p. 30).

Referências

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1984.
- FAZENDA, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1995.
- LOCH, Jussara. Avaliação: uma perspectiva emancipatória. **Química Nova na Escola**. v. 12, 2000.
- NÓVOA, Antônio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- VEIGA, Ilma Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2002.

A prática do Seminário Integrado em 2013 – uma experiência

Janete Cristiane Jarczeski

janetecj@hotmail.com

Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama

No ano de 2013, novos desafios se projetam diante de novos contextos e situações que se configuram. Existem mais pessoas envolvidas na prática do Seminário Integrado, o que é muito bom. São mais turmas (primeiros e segundos anos do Ensino Politécnico), possibilidade de ressignificação de práticas e ideias, daquilo que já vivemos no ano passado como Seminário Integrado.

Em nossa escola, Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, situada no Balneário Cassino, acordamos que os mesmos educadores que trabalharam com o Seminário Integrado no ano de 2012, continuariam no ano de 2013, com as turmas dos primeiros anos. Houve a necessidade de mais uma educadora, pois aumentamos uma turma do ano passado para esse.

A turma com a qual desenvolvo o trabalho nesse ano, é justamente a turma que excedeu ao número de matrículas previsto para as turmas planejadas para o turno da manhã. Não havendo espaço físico para essa turma nesse turno, ela (turma 217) funciona no turno da tarde, no qual concentram-se as turmas do Ensino Fundamental. De certa forma, a turma sente-se deslocada, pois todas as outras, do Ensino Médio Politécnico estão no turno da manhã.

Uma das peculiaridades da turma é que ela demorou a formar-se. Houve um trânsito constante durante os meses de março e abril, perdurando o fato ainda em maio e junho, pois a turma recebeu educandos todas as semanas e existiram aqueles que se afastaram ou trocaram de turma, devido ao turno, entre outros fatores.

Detalhamento das atividades

O primeiro desafio foi procurar motivar a turma para o processo de pesquisa, uma vez que muitos educandos não sentiam-se à vontade naquele espaço. Aos poucos fomos desenvolvendo o estudo sobre o processo de elaboração do projeto de pesquisa, da definição do tema e de atividades variadas com as quais os educandos passaram a interessar-se pelo Seminário Integrado. Para esse momento inicial era primordial ouvir o que os educandos tinham a dizer. Para Carlos Rodrigues Brandão:

Não existe método de trabalho em pesquisa junto a pessoas humanas que substitua a sabedoria da escuta.

Se você a tem ou a desenvolve, qualquer bom método serve. Se não, qualquer um atrapalha (2003, p. 135).

Diante do fluxo contínuo de educandos ficou comprometida, em alguns casos, a formação dos grupos de pesquisa para o Seminário Integrado, bem como a escolha e definição do tema a ser pesquisado pelo grupo. A cada semana em que nos encontrávamos havia mudanças e surpresas, mas, mesmo diante desse contexto, fomos desenvolvendo o trabalho de discussão e fundamentação do que é uma pesquisa e de como estruturá-la. A cada semana, diante dos novos componentes da turma, era necessário retomar o trabalho e dar um tempo para que eles se reunissem em grupos para conversar, estreitar laços e interesses para pesquisar os temas.

Certos de que a prática pedagógica é viva, dinâmica e é construída a partir de várias situações que se configuram no dia a dia, procurei ter a “Paciência Histórica” para que o trabalho fosse tendo sentido e significado aos educandos, e para que fosse possível o envolvimento e comprometimento dos mesmos com a pesquisa. Assim nos diz Paulo Freire:

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições precise de falar a ele. (...) O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com ele*. (...) É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua

capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado (1996, p. 113).

A turma é heterogênea, característica comum creio que em todas as turmas do Ensino Médio, mas algumas afinidades e interesses em comum já começaram a aparecer desde o início. Alguns temas foram elencados e estão sendo trabalhados como possibilidade de pesquisa pelos grupos.

Uma ação desenvolvida e que vale a pena destacar, foi uma visita feita pelas turmas 212 e 217 à Biblioteca da FURG, com o objetivo de pesquisar os temas levantados e conhecer outro espaço de pesquisa e estudo, para além da escola ou da internet. Foi muito produtivo e frutífero o momento.

Outro momento significativo que aconteceu foi o relato de um grupo de pesquisa da turma 222 para a turma 217. O grupo relatou sua experiência de pesquisa no primeiro ano, bem como suas dificuldades, desafios, conquistas e expectativas. Foi possível também um breve questionamento da turma em relação às suas primeiras aflições e dúvidas. Foi um momento de troca bem interessante.

Também gostaríamos de destacar os Encontros de Formação do Cirandar, que acontecem com o grupo de professores do Seminário Integrado da Rede Pública Estadual na cidade de Rio Grande, coordenados pela professora Maria do Carmo Galiazzi e pela Coordenadoria de Educação.

São momentos muito importantes e significativos, pois podemos nos encontrar, trocar ideias com as pessoas que vivem situações semelhantes e assim podemos repensar e ressignificar nossa prática. A proposta apresentada para esse ano está muito interessante e de fato vem ao encontro do que estamos vivendo e tendo como necessidade para o momento. Pois acreditamos que a formação permanente é fundamental, assim como a luta por uma educação qualificada e digna de condições melhores na remuneração dos profissionais que nela atuam, assim como para Moacir Gadotti:

[...] qual é o papel do educador hoje, na sociedade aí? Evidentemente que este fio puxa outros: as questões históricas do professor nesse país: as condições de trabalho, a remuneração, as salas superlotadas, etc. [...].

Há também o problema da qualificação, da preparação do professor, que está ligada ao compromisso político do professor, isto é, à dialética entre o professor enquanto técnico e o professor enquanto político. Essa dialética definiria o próprio papel do professor diante da sociedade que ele quer mudar (2000, p. 61).

Análise

O primeiro trimestre de trabalho do ano letivo encerrou em 31 de maio. Mesmo com todo o “trânsito” existente na turma, os grupos de pesquisa foram formados, os temas de pesquisa definidos e os projetos de pesquisa elaborados e entregues.

Nos projetos de pesquisa, foi fácil perceber a falta de aprofundamento sobre o tema a ser pesquisado: poucas leituras foram realizadas e pouco material coletado. Esse é o ponto principal a ser focado no segundo trimestre. Para isso organizamos a seguinte estratégia de trabalho: os grupos ficaram responsáveis por imediatamente a partir de junho, empenharem-se com afinco no aprofundamento teórico dos temas definidos, sendo que as anotações, leituras ou fichamentos deverão ser trazidos para as aulas semanais de seminário.

Nesse momento o grupo poderá (re)organizar seu trabalho, uma vez que nos coloca a dificuldade de pouco tempo que tem para encontrar-se para além do espaço escolar, e também servirá de acompanhamento para a professora coordenadora do Seminário Integrado sobre o que está sendo desenvolvido, facilitando o devido acompanhamento do trabalho.

No projeto de pesquisa, os grupos organizaram um cronograma para o desenvolvimento das atividades da pesquisa. Isso facilitará o trabalho de forma organizada e a efetivação daquilo que foi proposto.

Paralelamente a esse trabalho, estamos organizando atividades de aprofundamento sobre os temas pesquisados com outras pessoas (palestras, visitas, filmes...). Nesses momentos toda a turma entra em contato com todos os temas a serem pesquisados. É um momento de conhecimento e reconhecimento dos temas. Os palestrantes apresentam o tema para a turma e fazem

a discussão a partir do que o grupo planejou aprofundar em sua pesquisa, também indicam referências bibliográficas para a turma, bem como respondem a questionamentos. Após cada atividade, todos deverão escrever um relato a ser entregue na próxima aula de seminário. O intuito do relato é colaborar com o exercício da escrita para os grupos, prática fundamental nessa parte da pesquisa. Segundo Paulo Freire:

A leitura crítica implica, para mim, basicamente, que o leitor se assume como sujeito inteligente e desvelador do texto. Nesse sentido, o leitor crítico é aquele que até certo ponto “reescreve” o que lê, “recria” o assunto da leitura em função dos seus próprios critérios. Já o leitor não-crítico funciona como uma espécie de instrumento do autor, um repetidor paciente e dócil do que lê. (...) Assim, pode-se ter um texto crítico com uma leitura ingênua e um texto ingênuo com uma leitura crítica, que reescreve e supera a ingenuidade do texto (1996, p. 113).

Os temas que foram propostos pelos grupos de pesquisa são: Doenças Sexualmente Transmissíveis, Tribos Urbanas/Silva Gama, Porto de Rio Grande, Mitologia Grega, Adolescência e Escola Silva Gama.

Como o trabalho é desenvolvido em grupo e é de todo o grupo a responsabilidade da pesquisa, cabe ao mesmo organizar seu cronograma de trabalho e deliberar a realização das atividades, as quais, durante as aulas de Seminário, deverão ser acompanhadas pelos professores. Isso faz com que a responsabilidade de constituição de grupo, de coletivo, seja construída e assumida pelos educandos.

Considerações finais

Um aspecto que gostaria de destacar é a possibilidade e a necessidade de articulação de todas as áreas do conhecimento para a qualificação da pesquisa. Isso é sentido e demandado até mesmo pelos educandos, mas ainda é frágil a concretização e ação dessa articulação. Talvez ainda nos falem mais momentos de encontro para esse planejamento. Conforme nos afirma Carlos Rodrigues Brandão:

Diferentes que sejam como *áreas do conhecimento*, os quatro campos do saber considerados nas atividades didáticas e de investigação das escolas convergem em um ponto. Convergem em que uma pessoa desenvolve uma inteligência múltipla, diferenciada, criativa e crítica através da contribuição de todas as esferas de saber trazidas à escola pela interação das áreas do conhecimento realizadas curricularmente como complexos temáticos (2003, p. 133).

Acreditamos que estamos trilhando um caminho diferente, interessante e necessário para que consigamos tornar a escola minimamente atrativa e eficaz na vida dos nossos educandos. A escola não pode assumir esse caráter de espaço ultrapassado e obsoleto que há muito se discute. É preciso reagir para além das determinações de políticas governamentais que infelizmente passam. A reação deve partir de dentro da escola, como um processo autêntico e vivo dela mesma.

Dessa forma, todos os avanços construídos serão mantidos, pois terão autoria da própria comunidade escolar. É preciso que a escola assuma sua autonomia e faça sua própria trajetória acreditando na sua capacidade e constituição de profissionais capazes e que desejam ser sujeitos de seu processo.

É fundamental que saibamos o papel político que desempenhamos enquanto educadores, pois a nossa prática proporciona momentos de reflexão e aprendizagem nas aulas de Seminário Integrado, fazendo com que os educandos reconheçam o prazer da descoberta e da construção. E também estamos convencidos, assim como Paulo Freire:



Estou convencido, porém, de que a rigorosidade, a séria disciplina intelectual, o exercício da curiosidade epistemológica não me fazem necessariamente um ser mal-amado, arrogante, cheio de mim mesmo. Ou, em outras palavras, não é a minha arrogância intelectual a que fala de minha rigorosidade científica. Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente (1996, p. 146).

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Pergunta a várias mãos:** a experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo: Cortez, 2003. (Série Saber com o outro; v. 1).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia:** diálogo e conflito. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.



Passividade ou transformação? Considerações sobre uma proposta de Seminário Integrado

Diego Sabbado Menezes

diego8sm@gmail.com

Escola Estadual de Ensino Médio
Engenheiro Roberto Bastos Tellechea



O presente relato descreve as atividades desenvolvidas durante o Seminário Integrado em uma turma de segundo ano do Ensino Médio Politécnico, da Escola Estadual de Ensino Médio Engenheiro Roberto Bastos Tellechea. Situada no bairro Parque Marinha, em Rio Grande – RS, a escola possui turmas de Ensino Médio nos turnos da manhã e noite. O trabalho relatado aqui refere-se ao desenvolvido junto a uma turma de segundo ano do turno da manhã, durante o primeiro trimestre de 2013.

A turma é formada por adolescentes residentes, em sua maioria, nos bairros Parque Marinha e Parque São Pedro. Têm entre 16 e 18 anos e estudaram seu primeiro ano do Ensino Médio na mesma escola. Nesse sentido, tiveram seu primeiro contato com as propostas do Seminário Integrado no ano letivo de 2012.

Já o educador-pesquisador, está no seu primeiro ano letivo como professor estadual, lecionando Filosofia para todos os anos do Ensino Médio, além de Seminário Integrado. Portanto, as experiências são recentes e as discussões e interpretações das atividades são de caráter mais geral, aproximando-se mais da Filosofia da Educação do que da Antropologia.

Detalhamento das atividades

Inicialmente foram feitas algumas considerações iniciais a respeito das propostas metodológicas do Seminário Integrado. Ou seja, uma retomada das atividades desenvolvidas durante o



primeiro ano do Ensino Médio Politécnico dos(as) estudantes, bem como uma explanação dos desafios a serem enfrentados neste segundo ano.

A sugestão é a de que no primeiro ano sejam trabalhadas algumas definições conceituais básicas de: ciência, pesquisa, projeto de pesquisa, hipótese, objetivos, metodologia, universo de pesquisa, coleta e interpretação de dados e fundamentação teórica. Entretanto essa tarefa deve ser concomitante à prática de construção de um projeto de pesquisa.

Já no segundo ano, a tarefa é de elaborar e aplicar um projeto de pesquisa, finalizando com noções sobre relatório e incluindo as referências bibliográficas. Sendo assim, as considerações iniciais foram no sentido de expor este quadro metodológico do Seminário Integrado.

Conversou-se durante os encontros sobre a característica curiosa e investigativa da ciência, podendo vir a ser uma ferramenta de desconstrução de preconceitos e ainda de construção de alternativas a problemáticas percebidas no cotidiano. Assim, o primeiro passo é o de se refletir sobre a realidade, composta pelas diferentes percepções individuais que vivem, interagem, destroem e constroem coletivamente. Neste ponto Félix Guattari ressalta que “*o ideal é dificultar o pessimismo e a passividade que nos envolvem*” (GUATTARI, 1998). Ou seja, diante da constatação de um leque de problemáticas urgentes, práticas e cotidianas, a possibilidade de suas transformações só será concretizada se for compreendida e se forem construídos projetos alternativos de soluções.

São apresentados e sugeridos inúmeros temas “transversais”, além de outros temas locais ou regionais mais específicos. São discutidas questões cotidianas, de relações sociais, problemas ambientais, econômicos e políticos, enfim, faz-se um diálogo sobre o panorama geral da atualidade. Há uma compreensão por parte do educador-pesquisador de que as temáticas deveriam ser elencadas pelas(os) estudantes-pesquisadoras(es) junto ao educador, ficando este com a tarefa de sugerir e orientar. O processo de tomada de decisão baseia-se na autogestão, ou seja, os indivíduos envolvidos possuem a capacidade de decidir sobre aquilo que lhes interessa.

O segundo passo é localizar a problemática de interesse e construir em grupos de afinidade uma ideia de projeto de pesquisa, que começa a partir de uma pergunta fundamental. Foi realizada então uma atividade de reflexão e construção dessa pergunta, que serve como guia durante o início da pesquisa. A pergunta e as hipóteses que dela surgem vão sendo reformuladas à medida que se propõe a reflexão sobre os objetivos e a justificativa do intento. Ou seja, para que, afinal, serve tudo isso? E ainda as questões metodológicas: como fazer a pesquisa a partir do que se dispõe?

Definiram-se então as três questões fundamentais, uma para cada um dos três grupos de pesquisa. Estas perguntas foram então sendo repensadas e reformuladas ao longo do desenvolvimento de outras atividades, como por exemplo: apresentação de vídeos e materiais bibliográficos sobre os temas escolhidos, apresentação de diferentes metodologias de pesquisa, das normas técnicas da ABNT e oficinas de criatividade. Estas oficinas têm o objetivo de trabalhar a dificuldade de expressão em sala de aula a partir da desconstrução dos conceitos de padronização e hierarquia, mecanismos de controle básicos da disciplina escolar. A consolidação da rotina, aliada à normatização dos comportamentos ao longo de vários anos de disciplinarização, constituem um entrave na construção da autonomia. Esta é entendida como a capacidade das(os) estudantes de organizar e gerir os assuntos que lhes dizem respeito, dentre eles: construção da aprendizagem, do ensino, da pesquisa e também de manutenção e melhora da estrutura, em conjunto com docentes e funcionárias(os). Seria contraditório esperar das(os) estudantes algo que em geral não foi vivenciado no ambiente escolar, mas ao contrário, como coloca Foucault:

[...] o que é próprio das disciplinas é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício de poder o menos custoso possível (economicamente, pela parca despesa que acarreta; politicamente, por sua discricção, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão

longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema (2012, p. 206).

Ao fim do trimestre foram construídos com a turma três problemas de pesquisa: 1) de que forma a história da escravidão na cidade de Rio Grande revela aspectos do racismo existente? 2) o que fazem e como vivem as(os) artistas independentes da cidade, especialmente as(os) dos bairros Parque Marinha e Parque São Pedro? 3) de que forma as meninas do bairro percebem a gravidez na adolescência? Definidas as problemáticas, o próximo passo, a ser desenvolvido, durante o segundo trimestre, é buscar fontes e referências para construir as bases teóricas, além de fazer os trabalhos de campo, alguns já em andamento.

Entretanto, a grande dificuldade percebida durante o desenvolvimento das atividades de Seminário Integrado diz respeito principalmente à constatação por parte dos estudantes de que de fato tais propostas não alteram, ou alteram insignificativamente a realidade a que continuam submetidas(os). Ou seja, o funcionamento do sistema escola permanece o mesmo, apesar da alteração em um dos seus elementos, que são as bases curriculares. Resulta daí que os esforços transformadores são dissipados pelas imposições burocráticas que se refletem nas dificuldades de relacionamento, sobrecarga de funções e ao mesmo tempo de especialização e atomização do trabalho, má (no caso de funcionárias(os) e docentes) ou nenhuma (no caso das(os) estudantes) remuneração (em contraste com a propaganda sobre o grande desenvolvimento econômico da região) e outros fatores específicos que variam em cada contexto.

Análise e discussão do relato

Há de se ter em conta que muitas vezes as possibilidades de desenvolvimento teórico da pesquisa são limitadas pela estrutura e formas de organização, ou seja, pela disciplina escolar. A tentativa de transferir ou compartilhar a tarefa de construção

e transmissão do conhecimento, que antes era de responsabilidade do(a) professor(a), esbarra na cristalização, ou mesmo naturalização, da disciplina escolar. Por isso as propostas que devem ser desenvolvidas no Seminário Integrado, por mais transformadoras que possam ser, ainda causam desgosto ou apatia aos estudantes, que não percebem mudanças nem tampouco a possibilidade de mudanças práticas no seu ambiente.

Segundo consta na Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014:

A proposta basicamente se constitui por um ensino médio politécnico que tem por base na sua concepção a dimensão da politécnica, constituindo-se na articulação das áreas de conhecimento e suas tecnologias com os eixos: cultura, ciência, tecnologia e trabalho enquanto princípio educativo. Já a educação profissional integrada ao ensino médio se configura como aquisição de princípios que regem a vida social e constroem, na contemporaneidade, os sistemas produtivos. O objetivo é socializar, esclarecer e aperfeiçoar a proposta de governo.

A execução desta proposta demanda uma formação interdisciplinar, partindo do conteúdo social, revisitando os conteúdos formais para interferir nas relações sociais e de produção na perspectiva da solidariedade e da valorização da dignidade humana.

Uma consistente identidade ao Ensino Médio se dará não somente por reverter o alto índice de evasão e reprovação com qualidade social, mas acima de tudo por apresentar um ensino médio que oportunize e se empenhe na construção de projetos de vida pessoais e coletivos que garantam a inserção social e produtiva com cidadania (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. SEDUC, 2011, p. 4).

É evidente na proposta a prioridade na formação de mão de obra e não de subjetividades autônomas e reflexivas. De que maneira o trabalho é educativo? Pelo fato de ser uma extensão das técnicas escolares de rotina, disciplinarização, hierarquização e de aplicação de prêmios e castigos? De que maneira a máquina escolar proporciona o espaço e o momento para a vivência da solidariedade?

A escola é uma instituição que procura submeter os estudantes, docentes e funcionários (seus mantenedores) a regras, rotinas e inúmeros outros mecanismos de controle físico e mental, semelhantes aos de outros locais como as fábricas, grandes empresas, hospitais e instituições militares e carcerárias. Esse sistema funciona através da articulação de um conjunto de ações e procedimentos que, tomados isoladamente, parecem insignificantes ou pouco eficazes. Exemplo disso é a compartimentalização das disciplinas curriculares, montadas em horários que formam quebra-cabeças e que proporcionam encontros e relações sociais e de aprendizado superficiais. É certo que a proposta do Seminário Integrado procura sanar esse distanciamento entre as disciplinas, entretanto é mais uma solução aparente do que de raízes profundas até o momento, ou seja, ainda não transforma as relações hierárquicas em muitos aspectos: do conhecimento (divisão das áreas com diferentes cargas horárias, garantindo maior ou menor “importância” às disciplinas); das relações pessoais construídas a partir da divisão de grupos; da organização e manutenção do espaço a partir da especialização e divisão do trabalho.

Por isso, como aponta Guattari, a transformação do sistema é uma tarefa coletiva que deve atentar à três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana (GUATTARI, 1998). O meio ambiente não somente natural, mas o prédio da escola, as salas, os cheiros, a qualidade da água e da comida, a temperatura, a luminosidade, enfim, tudo que constitui o espaço de vivência cotidiana. Por que as escolas são construídas seguindo modelos carcerários ao invés de privilegiar o aproveitamento de energia, recursos, materiais e o bem-estar das pessoas? Por que a manutenção das escolas é difícil e de responsabilidade de poucas pessoas? Constitui-se portanto uma proposta transversal onde a interdisciplinaridade é elemento importante, mas não único e definitivo.

As relações sociais hierarquizadas e limitadas pelo tempo rigorosamente dividido são transformadoras ou mantenedoras de uma sociedade capitalista competitiva, classificatória, desigual e egoísta? Ou ainda, de que forma pode ser construído um saber transversal – oriundo do esforço de aproximação de inte-

resses, experiências pessoais, saberes locais, populares, indígenas, africanos, com os conhecimentos e metodologias científicas (como o que se busca durante as vivências do Seminário Integrado com a turma), se os indivíduos são atomizados, isolados e sobrecarregados?

Por fim, como se constitui a subjetividade, imersa no conflito entre a prática transformadora e a manutenção que esta prática garante ao sistema, exposta mais às sensações de apatia, fracasso, solidão, isolamento, vergonha do que às de alegria, solidariedade, amizade e consenso? Não seria a passividade fruto da desesperança na mudança?

Tendo como pano de fundo essa problemática formada pela relação e intercâmbio entre os três registros, como construir o Seminário Integrado? A partir desse desafio a proposta relatada tende a expor esse quadro, incentivando os estudantes a refletir e construir projetos de pesquisa que lhes façam sentido e tenham relevância. Sendo assim, a busca pela autonomia passa pelo seu exercício e suas reformulações. A reflexão é, portanto, o primeiro, mas não o único passo. Tão importante quanto caminhar é saber para onde se vai.

Considerações finais

Se o Seminário Integrado ainda é tratado com passividade, descontentamento, ou apenas sem muito entusiasmo é pelo fato de ser uma engrenagem nova na mesma máquina. Quer dizer, apesar dos esforços aparentemente transformadores da proposta para o ensino médio politécnico e mais especificamente da proposta de Seminário Integrado relatada, o conjunto dos três registros ecológicos que compõem o sistema escolar ainda permanece inalterado. Tal ineficácia dá aos discursos transformadores imersos nesse sistema aspectos de contradição ou hipocrisia, que reforçam ainda mais a sua desvalorização por parte das(os) estudantes. Assim sendo, a força do conjunto consolidado da burocracia e das imposições estatais sobre as possibilidades de transformações moleculares revolucionárias nas escolas (GUATTARI, 1985), dissipa os discursos através da incapacidade de sua aplicação cotidiana.

Mesmo assim, a passividade diante do quadro é a atitude desejada para a sua manutenção. Portanto, a reflexão sobre o conjunto das experiências cotidianas e a busca pelos saberes que em geral não passam pelo campo de força dos currículos consolidados ou mesmo dos preconceitos existentes – como, por exemplo, as experiências pedagógicas cooperativas, libertárias, autogeridas, indígenas e quilombolas (GALLO, 1995; JOMINI, 1990; MORIYÓN, 1989) ou os princípios e métodos pedagógicos da Permacultura (LEGAN, 2009; MORROW, 2010) –, podem ser a mola propulsora da construção de alternativas transformadoras.

Referências

- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. **Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio – 2011-2014**. 2011. Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf. Acesso em: 06 jul. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GALLO, Sílvio. **Educação anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
- _____. **Pedagogia do risco: experiência anarquista em educação**. Campinas: Papyrus, 1995.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **As Três Ecologias**. Campinas: Papyrus, 1998.
- JOMINI, Regina C. M. **Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha**. Campinas: Pontes, 1990.
- LEGAN, Lucia. **A Escola Sustentável**. Pirenópolis, GO, São Paulo, SP: Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- MORIYÓN, Félix (org.). **Educação libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- MORROW, Rosemary. **Permacultura passo a passo**. Pirenópolis, GO: Mais Calango Editora, 2010.

Vivenciando o Seminário Integrado no Ensino Médio Politécnico

Elis Regina Madeira da Porciuncula

elisporciuncula@hotmail.com

Escola Estadual de Ensino Médio Alfredo Rodrigues

Após retornar à sala de aula como professora, depois de 6 anos como diretora da EEEM Alfredo Ferreira Rodrigues, na localidade de Povo Novo – 3º Distrito de Rio Grande e ter vivido o processo da implantação do Ensino Médio Politécnico na rede pública estadual e também ter tido a oportunidade de estar por um tempo em sala de aula no ano de sua implantação – 2012, desenvolvendo a disciplina de Seminário Integrado, início o ano letivo de 2013 ainda com muitas incertezas quanto à prática – ação pedagógica – que devo desenvolver nesse espaço, ao qual chamamos de Seminário Integrado.

Convidada a trabalhar com uma turma de 1º ano, dessa modalidade, com 25 alunos, oriundos das localidades vizinhas a Povo Novo, Ilha da Torotama, Domingos Petrolina e Barra Falsa, e alguns da própria localidade, senti certo desconforto por ter que continuar a descoberta e construção de um processo, sobre o qual nem eu mesma tenho uma concepção de conhecimento formado. A primeira dificuldade é a realidade dos alunos dessas localidades – dificuldade de acesso a internet, biblioteca, e possíveis saídas de campo – por morarem distantes da escola e do centro urbano.

O início do ano letivo foi extremamente difícil, pois a escola passou por uma mudança nos seus horários no Ensino Médio. A partir da metade de abril comecei a esboçar e pôr em prática uma estratégia para chegar a uma temática para a pesquisa. Procurei não impor, mas tentei mostrar ao grupo alguns caminhos através de conversas, vídeos, questionários e produção de texto. Então solicitei sugestões de temáticas e o resultado

foi trabalhar com a questão das drogas. A partir daí solicitei aos alunos que lançassem perguntas sobre o assunto definido. Após a análise das perguntas, reagrupamos as mesmas em quatro núcleos para a pesquisa: 1) O que é droga e quais os tipos mais utilizados? 2) Por que os jovens começam a usar drogas e quem os influencia? 3) Quais os danos causados pelas drogas na vida do jovem usuário em relação a família, trabalho, escola e relações afetivas? 4) É possível abandonar o vício? – possibilidades de cura e formas de tratamento.

Detalhamento das atividades

Os alunos começaram um processo de leitura de textos de fontes diversas até o recesso de julho. Orientei que resumissem os assuntos relativos às suas indagações. No início do mês de agosto, cada grupo apresentou um esboço por escrito do que havia pesquisado. Os textos já estavam direcionados a responder seus questionamentos sobre a temática em estudo.

Como fonte de motivação e subsídio apresentei aos alunos o filme “Aos treze”, que trata da problemática do uso de drogas na adolescência, com a iniciação de uma menina de treze anos que por sentir-se inferiorizada no grupo aproxima-se da “descolada” da escola, que veste roupas “transadas” e que já é usuária de drogas e como consequência já pratica furtos e tráfico no círculo de amizades da escola. Os alunos demonstraram interesse no filme e na discussão após o mesmo; apontaram questões importantes relacionadas, já fazendo relações com a temática em estudo. Assim, ampliaram a parte escrita da pesquisa.

Na aula seguinte apresentei um livro editado pela Universidade do Rio Grande, que fala a respeito da criação do CEN-PRE – Projeto Educativo sobre Drogas, desenvolvido na ala azul do Hospital Universitário daquela universidade. Lemos o histórico desse centro de referência da zona sul no tratamento com dependentes químicos. Os alunos ficaram muito interessados em conhecer o projeto; falei da possibilidade de palestra. Então, fizemos contato e foi feito o convite aos alunos para que conhecessem o projeto. Os mesmos relacionaram suas questões de pesquisa, para que os profissionais pudessem auxiliá-los.

No dia 26 de agosto fizeram a visita ao CENPRE, que, nas palavras dos alunos, superou todas as expectativas, pois os mesmos foram recebidos para uma tarde de aprendizagem sobre a questão. Durante duas horas e meia, conheceram o trabalho do CENPRE, ouviram diversos profissionais e alunos bolsistas de diversas áreas esclarecendo as questões pesquisadas, participaram de atividades práticas e entraram em contato com a rotina do recebimento de um dependente químico nesse centro. Essa visita, além de propiciar respostas fidedignas aos trabalhos desenvolvidos, possibilitou uma aproximação ao mundo acadêmico, pois tiveram contato com estudantes e profissionais das áreas da medicina, psicologia, engenharia, serviço social, enfermagem e farmácia.

Na última semana de agosto os alunos trabalharam nos grupos com o objetivo de finalizar seus estudos e concluírem a forma da apresentação dos seus trabalhos ao grande grupo ou a outras turmas da escola (se preferissem), nas primeiras semanas de setembro. As apresentações foram realizadas somente no grupo, de forma simples. Senti que o grupo trabalhou por diversos momentos de forma entusiástica, mas no final não demonstrou muito empenho e criatividade nas apresentações, pois ao longo do trabalho foram sugeridas algumas possibilidades para a socialização dos trabalhos. Atribuí parte desse fato à sobrecarga e ao acúmulo de provas e trabalhos dos alunos. Outra possibilidade talvez fosse o desinteresse em uma “disciplina” que não os reprovava.

A escola definiu na sua Jornada Pedagógica em julho, que no último trimestre a temática seria comum às turmas de Seminário. Então, após algumas reuniões definiu-se uma temática que foi transformada em um projeto para toda a escola tendo como assunto central a questão da Sustentabilidade.

Nesse último trimestre orientei os alunos a realizarem um trabalho de pesquisa mais simples, após ter discutido um pouco a definição de Sustentabilidade e as ações possíveis aos seres humanos e a importância disto nas relações. Os estudantes perceberam que a pesquisa que haviam realizado sobre Drogas também estaria ligada ao tema da Sustentabilidade. Cada grupo fi-

cou livre para apresentar uma proposta de trabalho. E as propostas foram as seguintes: 1) Campanha na escola para conscientização do mau uso da água, através de cartazes (com lançamento para as outras turmas de Ensino Médio – através de produção de vídeo); 2) Campanha na escola para conscientização sobre o lixo que produzimos, através de cartazes (com lançamento para as turmas de Ensino Médio – através de vídeo realizado na escola e no entorno); 3) Campanha sobre reciclagem de lixo; 4) Apresentação de uma peça teatral para os alunos do 5º e 6º anos, focando a questão das drogas. Os alunos já estão preparando os trabalhos que deverão ser apresentados na terceira e quarta semanas de novembro. Esses trabalhos serão acompanhados e avaliados também pela disciplina de Física e o professor da disciplina de Inglês está comprometido com as produções de vídeo.

Análise da discussão

Após mais uma etapa de aprendizagem e experiência no Seminário Integrado, percebo algum crescimento enquanto educadora frente a um desafio imposto pela Secretaria Estadual de Educação, embora perceba que inúmeras questões ainda estejam distantes do cotidiano escolar no proposto Ensino Médio Politécnico, como a interdisciplinaridade entre as disciplinas que o compõem. No meu ponto de vista a prática da pesquisa no Seminário Integrado se compõe de ações ainda isoladas, que podem perder sua eficácia a continuar dessa forma. Ainda falta consenso nas ideias e principalmente o “convencimento” ou não do professorado. Mas o crescimento positivo talvez se perceba quando o aluno entende que falar sobre Drogas é falar de Sustentabilidade e que poderia expressar essa aprendizagem de outra forma, como através da dramatização ou do teatro. Essa proposta veio de um grupo no qual alguns alunos tiveram dificuldade em socializar a pesquisa de forma convencional (explicando o conteúdo).

Considerações finais

Procuro fazer da experiência um aprendizado real para o educando e também acrescentar novas possibilidades à minha prática pedagógica. Desejo finalizar nosso ano letivo com um bom aproveitamento no grupo, pois já percebo uma aprendizagem considerável no decorrer desse ano, desejando que se amplie no interior da escola uma discussão mais comprometida, pois embora tenha sido uma proposta de certa forma imposta, o aluno está na escola nesse momento, e o mesmo não pode deixar de ter todo seu espaço de aprendizagem preenchido com “verdadeiras aprendizagens”.

Referências

AMARANTE, Silva F.; SINNOTT, Silva E. **Projeto Educativo e Preventivo sobre Drogas Psicotrópicas do Departamento de Ciências Fisiológicas, Superintendência de Extensão da Fundação Universidade Federal do Rio Grande**. 1993.


AOS TREZE, filme. Diretor: Catherine Hardwicko.

LIMA, Regina Célia Villaça et al. **O dia a dia do professor**. Adolescência, Afetividade, Sexualidade e Drogas. v. 5. 2. ed. Minas Gerais: Editora FAPI, 2002.

MINC, Carlos. **Ecologia e Cidadania**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2008.

Parte 3:
O que emerge
na roda da formação
acadêmico-profissional?





O Seminário Integrado na perspectiva do Cirandar: rodas de investigação desde a escola

José Roberto de Lima Dias

roberto_dias2004@hotmail.com


Universidade Federal do Rio Grande – FURG

A situação de estudo neste relato refere-se à construção do projeto **Cirandar: rodas de investigação desde a escola**, trabalho este desenvolvido em regime de parceria entre a 18ª CRE e a FURG, o qual encontra-se em sua segunda edição. A proposta do projeto visa, no âmbito da formação continuada, estabelecer uma ponte de escuta e troca de experiências com os professores que estão trabalhando com “Seminário Integrado”, atividade que compõe as novas mudanças curriculares para o Ensino Médio no Rio Grande do Sul, através da politecnia.

Este relato, além de expor o processo formativo dos professores a partir da proposta do projeto Cirandar, procura situar historicamente alguns elementos sobre a ideia de politecnia, para que possamos enriquecer o debate e ampliar as possibilidades de compreensibilidade do processo de formação continuada dos professores que estão trabalhando com o Seminário Integrado.

A proposta, construída em conjunto com ambas as instituições, visa oportunizar a formação acadêmico-profissional de professores da educação básica, de licenciandos e de formadores das licenciaturas com foco na compreensão da reestruturação curricular do Ensino Médio, constituindo comunidades aprendentes de professores que investigam a sala de aula.

As atividades organizadas pelo projeto **Cirandar: rodas de investigação desde a escola**, abrangem cinco núcleos, que totalizam dezenove escolas. Participaram em 2012 em torno de oitenta professores e agora, na segunda edição de 2013, 130 professores que trabalham com “Seminário Integrado” participam. Os encontros ocorrem mensalmente na sistemática de “rodas”,



assim distribuídas: Rodas de Conversa: diálogo sobre a experiência no Seminário Integrado; Rodas de Estudo: fundamentos sobre algum tema da profissão docente; Rodas de Escrita: escrita de relato sobre a experiência no Seminário Integrado; Rodas de Leitura Crítica: leitura de relato de colega com elaboração do parecer crítico; Reescrita: reescrita e reenvio do relato a partir da leitura crítica (à distância); Leitura (à distância): leitura dos relatos da sala de apresentação. O trabalho é finalizado em um encontro no final do ano, onde são apresentados os diários de campo e discutidos relatos.

Desde o início de implantação do Novo Ensino Médio Politécnico, em 2012, os encontros do projeto serviram como catalizadores das angústias dos professores e o espaço do “Cirandar” tem lhes servido para exporem seus conflitos, mas acima de tudo, tem se viabilizado como espaço de construção crítica das propostas curriculares em curso. A troca de saberes e práticas docentes, traz a tranquilidade necessária aos professores que se veem diante de algo novo, cujas mudanças educativas causam certo estranhamento.

Num primeiro momento das atividades formativas houve certa resistência, embora persista em alguns grupos mais radicais e não abertos ao diálogo, mas no geral a proposta da formação continuada através do **Cirandar: rodas de investigação desde a escola**, vem fomentando o trabalho participativo e colaborativo, suavizando assim a resistência inicial em relação ao Novo Ensino Médio Politécnico.

Uma proposta que exige mudanças de posturas e apropriação de novos saberes, por parte dos implicados no processo, sempre causa certo desconforto num primeiro momento, até porque há um estranhamento do que é “diferente”. No entanto, a forma como vêm sendo conduzidas as “rodas de investigação”, deixa claro que todos estão aprendendo juntos. O projeto hoje é bem aceito e acelerou o processo de desenvolvimento das atividades, de tal forma, que é visível a alegria com que as pessoas apresentam suas experiências.

Na verdade percebe-se que os professores estão inovando suas práticas pedagógicas, já começam a se enfronhar mais na proposta do Seminário Integrado. Com o **Cirandar: rodas de investigação desde a escola** aquilo que ocorria de forma isola-

da, ganha agora visibilidade; o projeto passa a ser uma espécie de laboratório onde são expostas as práticas desses professores. Isso suavizou o desconforto que havia. Todos se deram conta de que não era tão difícil, apenas necessitavam de um método de trabalho para que a riqueza dessas práticas pudesse ser repassada aos pares. A resposta para o registro estava no **“Cirandar: rodas de investigação desde a escola”**.

Detalhamento das atividades

Nosso trabalho dentro das “rodas” do Cirandar limitou-se a observação participante, posição essa de quem observa vivenciando as ocorrências, mas de forma imparcial. Isso nos permitiu ter uma ideia do alcance da proposta do “Cirandar”, da socialização das experiências e de quais aspectos positivos que se evidenciavam em relação às mudanças que estão em curso no novo “Ensino Médio Politécnico”.

Diante disso e da nossa atenção às falas, às ações, aos movimentos e aos diálogos que se processaram nos encontros, foi possível captar questões que potencializam as necessidades dos professores quanto a referenciais mediadores de suas práticas. Nesse sentido, elencamos algumas questões que apareceram nas falas dos encontros que ocorreram de março a julho nos cinco núcleos, tais como:

- mais tempo de formação;
- papel dos professores como sujeitos aprendentes;
- troca de experiências de fato;
- necessidade de se rever espaços e tempos em relação ao “Seminário Integrado”;
- continuação das rodas;
- trazer os gestores para a formação do “Cirandar”;
- reunião trimestral com todos os núcleos;
- foi levantado que a pesquisa como princípio educativo não deve ser entendida como pesquisa científica;
- há a necessidade da mediação em estudos que facilitem a compreensão efetiva da proposta politécnica;
- a importância da gestão escolar na organização coletiva do “Seminário Integrado”;

- o papel do professor na negociação da temática, “planejamento” e “conteúdos”;
- processo diretivo;
- pesquisar é construir argumentos;
- menor número de temas geradores para o “Seminário Integrado”;
- necessidade de se quebrar as certezas e ampliar as fontes de conhecimento;
- resistência de colegas;
- dificuldades de se chegar à interdisciplinaridade;
- temas despertam interesses dos alunos.

Enfim, foram muitas questões levantadas nos encontros que ocorrem mensalmente, propostas exitosas, dificuldades, indiferença dos alunos e professores, são situações discutidas e avaliadas no “**Cirandar: rodas de investigação desde a escola**”.

A formação é isto: diálogos em roda, onde cada um expõe suas experiências. No “Cirandar” tudo é uma construção, não há receita, todos formam comunidades aprendentes. Isso significa dizer em linguagem freireana que a dialogicidade é ponto fundamental no processo da escuta.

Análise e discussão do relato

Após todas as questões acima apontadas, lançamos a seguinte pergunta: O que os professores estão aprendendo no “cirandar”? Mas, para que possamos entender a proposta de reestruturação do Ensino Médio, é preciso situar historicamente o paradigma da politecnia.

Situando no âmbito de uma temporalidade histórica, segundo Manacorda (1991), a ideia de politecnia é construída por Karl Marx (1818-1883), em *O Capital*. Na referida obra o conceito de politecnia aparece como uma proposta educacional, onde o trabalhador deveria ser formado a partir da dimensão intelectual e da dimensão prática, ou seja, integrando trabalho e aprendizagem. Aponta Souza Junior (1999), que a politecnia para Marx diz respeito à necessidade do trabalhador dominar os fundamentos científicos, teóricos e práticos das diferentes áreas de produção.

No Brasil, nos primeiros anos do século XX, houve algumas experiências de educação politécnica, com a proposta de dar uma formação humana em todos os aspectos, combinando estudo e trabalho.

Para José Rodrigues, o conceito de politecnicidade tem sido tratado como algo pronto e acabado, conforme a proposta original de Marx. Diz Rodrigues:

acredita-se que há “[...] um padrão de politécnica arquivado em algum banco de patentes educacionais” (1998, p. 98). Porém, diz o autor, “[...] preservar a concepção politécnica de educação [...] é buscar apreender seu movimento de construção [...] enunciando-o criticamente” (1998, p. 99).

Muitos educadores marxistas na década de 90 reacenderam a discussão da formação politécnica. Mas, a retomada da ideia de politecnicidade vai encontrar sustentação mais precisamente a partir de 1989, com a obra *Sobre a concepção de politecnicidade*, de Dermeval Saviani. Este conceito, segundo o referido educador, tem conexão direta com as questões oriundas do trabalho, sustentando a partir daí toda a proposição do princípio educativo geral. A formação politécnica, informa Saviani (2007), favorece ao educando ter uma visão dos fundamentos da organização da produção moderna de diferentes modalidades de trabalho. Portanto, deve garantir ao educando o conhecimento desses princípios.

Como vimos, também a formação dos professores, diante do desafio lançado pela politecnicidade, perpassa a construção de uma consciência crítica, como fator fundamental para as transformações sociais. Isso requer, sobretudo, que os educadores assumam conscientemente seu papel; para tanto, precisam não só conhecer mas saberem aplicar todos os saberes a favor da emancipação dos educandos. Não bastam políticas públicas que valorizem a educação e que qualifiquem os educadores, é necessário vencer a inércia, sair das zonas de conforto, superar os valores culturais estabelecidos pela lógica da educação instrumental. É fundamental desconstruir o homem velho, com suas concepções de mundo, que está dentro de cada educador. Necessário se faz que cada educador estabeleça um contrato consigo mesmo, no sentido de assumir eticamente o compromisso de também ser o sujeito consciente do ato educativo.

Considerações finais

O novo Ensino Médio Politécnico surge como uma proposta de mudança educacional, que se apresenta como uma alternativa para a superação do atual modelo de educação, o qual se encontra totalmente falido.

Precisamos entender que há um caminho a percorrer para a construção dessa nova realidade educacional que ora se apresenta, que exige urgentemente a compreensão por parte dos professores da dimensão politécnica. Nesse sentido o **“Cirandar: rodas de investigação desde a escola”** se apresenta como espaço para socializar, esclarecer, e aperfeiçoar a nova proposta curricular. Para isso, precisamos aprofundar os questionamentos, no sentido de encontrarmos o aporte teórico-metodológico que permita dar suporte ao professor de Seminário Integrado, para o exercício de suas práticas pedagógicas, sem desconsiderar a necessidade de liberdade de trabalho.

É imprescindível que todos consigam dimensionar a importância histórica que estamos vivendo, pois temos em nossas mãos a possibilidade de construirmos outra realidade educacional, a que todos os profissionais da área da educação sempre desejaram, um modelo que integre saberes, conceitos e habilidades. No entanto, isso exige do professor o esforço para o despertar da consciência, que ele construa um horizonte de expectativa onde o autoestímulo não perca o referencial da utopia, do inédito viável, como queria Freire. Isso exige que o professor se movimente na direção da luta para superar o atual sistema educacional, que não consegue mais dar conta de uma sociedade cada vez mais dinâmica, que busca organizar-se prospectivamente.

O que percebi nesses dias em que acompanhei todo o trabalho da equipe CRE/FURG junto aos professores que estavam inseridos na proposta de formação continuada, é que há um crescente desejo de que este trabalho possa dar certo; há uma vontade contagiante pela mudança, pela renovação. É preciso continuar caminhando para que possamos ampliar as possibilidades do projeto **“Cirandar: rodas de investigação desde a escola”** colaborar no processo de construção do novo Ensino Médio Politécnico.

Propostas como essa, que priorizam e se preocupam com a formação continuada dos professores sem querer passar receitas, estão construindo, posicionadas com ênfase na reflexão, um novo horizonte de expectativas para a educação, especialmente por exercerem dialeticamente uma concepção teórico-metodológica com base na politecnia.

Referências

- KUENZER, Acacia. **Ensino de 2º grau**: o trabalho como princípio educativo. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.
- RODRIGUES, José. **A educação politécnica no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1998.
- SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 1989.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2012.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL (SE-DUC-RS). **Referenciais Curriculares**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/refer_curric.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 03 jul. 2013.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2013.
- JUNIOR, Souza. Justino de. Politecnia e Omnilateralidade em Marx. In: **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte: Revista do NETE, n. 5, p. 98-114, jan./jul., 1999.
- MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital, 1867.

O princípio do Cirandar em África/Moçambique

Boavida Chissaque Tai

boavida.tai@gmail.com
Instituto Industrial e de Computação
Armando Emílio Guebuza

A presente narrativa com título “O início do Cirandar em África/Moçambique” visa explicar como é que nasceu a ideia de implantar o projecto em Moçambique, o objectivo do projecto e as de marches seguidas para a concretização do primeiro contacto formal no Instituto Industrial e Computacional Armando Emílio Guebuza (IICAEG).

A ideia da implantação do projecto Cirandar em Moçambique nasceu em mim, durante os dois meses (Outubro e Novembro de 2013) que permaneci na República Federativa do Brasil, concretamente na Universidade Federal do Rio Grande Sul (FURG), onde, dentre várias actividades, participei no encerramento do Cirandar no CIDEF nos finais de Novembro do mesmo ano. Confesso que fiquei comovido com o evento de, tal modo que, levei comigo o peso e o desejo de querer implantar um projecto similar numa das instituições de ensino técnico médio em Moçambique.

Após o regresso a Moçambique, e em coordenação com a Professora Maria do Carmo, figura que tanto admiro, iniciei contactos informais com gestores de algumas instituições de ensino médio técnico profissional até que no dia 13 de Junho de 2014 conseguiu-se o primeiro encontro formal com o gestor (Director) e professores do IICAEG. O IICAEG é, uma instituição de ensino técnico profissional de nível médio, localizado na província de Maputo, sul de Moçambique cujas atribuições consistem na formação de alunos em contabilidade e auditoria, sistemas eléctricos, manutenção industrial nas áreas de mecânica e

de electricidade, mecânica hidráulica computação e hotelaria e turismo, este último já em extinção.

O encontro, que durou aproximadamente 60 minutos, serviu de oportunidade para explicar com detalhe aos presentes os motivos do projecto. O director e os professores escutaram atentamente a explicação e depois colocaram algumas perguntas e deram algumas contribuições (e elogios). No final foi, organizou-se uma sessão de fotografias para fixar nos anais do evento.

Das perguntas colocadas destacam-se as seguintes: (i) O que é o Cirandar? (ii) O que me motivara a pensar neste projecto para Moçambique? (iii) O que eu tinha ido fazer no Brasil? (iv) Se este projecto será desenvolvida nas salas de aulas durante o período normal de aulas?

Sobre a primeira pergunta socorri-me de Galiazzi (2013, p. 14) que diz:

O projeto Cirandar está embassado na teoria Freiriana, tendo em vista que o saber pedagógico está sendo construído colectivamente, num processo de ensinar e aprender compartilhado dialógico.

Entende-se Cirandar como no círculo de cultura em que os participantes do projecto tem a sua voz escutada e respeitada pelos seus pares.

Na escolha do título, nos reportamos à tradição gaúcha, que inclui, em seu quotidiano, a roda de chimarrão. Consumido na cuia, passa a roda, de forma fraterna e estimuladora de conversas informais, num compartilhar de afectos e saberes.

Na aceção da autora, o título Cirandar vai de acordo com a formação do professor de forma prazerosa, colectiva, divertida, diferenciada e compartilhada no próprio ambiente de trabalho dos professores.

No que tange à 2ª e 3ª pergunta, respondi que “tive o privilégio de ir a República Federativa do Brasil, ao abrigo do programa Pró – Mobilidade Internacional CAPES/AULP2012, convénio intitulado “*Projecto de cooperação internacional Brasil – Moçambique para formação de professores de ciências e matemática*”.

O programa em causa proporcionou estágio de aprendizagem na FURG durante 2 meses, Outubro e Novembro de 2013.

Foi nesse âmbito que fui convidado a participar no encerramento do Cirandar nos finais de Novembro no complexo Universitário SÍDEC.

Uma vez que o propósito da ida ao Brasil era estágio de aprendizagem, ou seja, aprender algo de novo, pensei trazer esta experiência brasileira para Moçambique para ajudar na construção do conhecimento.

Quanto à última pergunta, deixei ao critério dos professores junto com a direcção da instituição.

No que diz respeito aos elogios, percebeu-se que a felicidade pairava nos rostos de alguns participantes por se sentirem parte integrante dum projecto novo em Moçambique e especificamente no IICAEG. Porém, Durante o encontro, percebi que alguns colegas não estavam muito interessados no projecto, todavia socorrei-me de Alessandrini (2002), quando assevera que cada professor-educador deve assumir sua nobre tarefa de expandir a própria consciência, uma vez que neste momento está tendo a oportunidade de compreender os caminhos invisíveis de como pensar o seu trabalho, que direcções este pode tomar para a concretização do seu desejo e quais são as bases que devem sustentar a sua construção.

Através da interpretação e explicação das palavras sábias do autor, foi possível sensibilizar e motivar os participantes sobre a importância deste projecto, que proporcionará o intercâmbio interinstitucional e partilha de conhecimentos entre, o IICAEG e a FURG, ou seja, entre dois continentes divididos pelo oceano atlântico e ainda pelo facto de sermos os pioneiros nesta actividade em África/Moçambique.

A alegria era tanta em mim e nos presentes, por se ter iniciado a marcha da realização dum sonho aprendido na FURG – o Cirandar – uma construção de conhecimento através da investigação dos assuntos que apoquentam as nossas comunidades. É que, de acordo com Bachelard (1996), o conhecimento científico é construído pelo esforço do espírito científico, entendido como algo que se constrói, enquanto se mantém um persistente instinto formativo, que é adquirido no processo de pesquisa.

No final foi acordado que, os professores, junto dos alunos, deveriam pensar numa ou várias questões que lhes intrigas-

sem no seu dia-a-dia e escrevessem uma página contendo o essencial. A etapa seguinte seria uma análise em conjunto sobre a questão mais candente da vida quotidiana para ser investigada.

Assim se consumava o lançamento da semente Cirandar no IICAEG em Moçambique, um país que se encontra no Sul de África. A Norte faz fronteira com a Tanzânia através do rio Rovuma, a Este é banhado pelo oceano indico, a Oeste pelo Malawi, Zâmbia, Zimbabwe e no extremo Ssul pela República da África do Sul.

Como estavam no período de correcções e lançamento de notas nas pautas dos alunos do IICAEG, combinamos um novo encontro no início do mês de agosto depois de iniciarem com as aulas no 2º semestre de 2014.

Considerações finais

O director do IICAEG, agradeceu a iniciativa, tendo dito que se sentia lisonjeado e com imensa responsabilidade no que diz respeito à implantação do projecto Cirandar na instituição que dirige. Esperando que os objectivos pretendidos sejam alcançados, e para o efeito era necessário a participação efectiva de todos.

Referências

Allessandrini, C. D. O desenvolvimento de competências e a participação pessoal na construção de um novo modelo educacional. In: PERRENOUD, P. (org.). **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Bachelard, G. **A formação do espírito científico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Freire, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010

Galiuzzi, M. C. (org.). **Cirandar: rodas de investigação desde a escola**. São Leopoldo/RS: Oikos, 2013.

Políticas Públicas: mudanças para o Ensino Médio

Hellen Gregol Araujo

hellengre@gmail.com

Maria do Carmo Galiazzi

mcgaliazzi@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

A educação é uma atividade política e nela professor e escola estão imersos, no contexto em que dessa política decorrem ações e decisões que se articulam e conformam o projeto político da escola e o currículo nela desenvolvido. Este texto aborda as políticas públicas recentes da formação docente com intenção de fazer um panorama, em que se desenvolve o processo de formação continuada denominado de *Cirandar: rodas de investigação desde a escola* iniciado em 2012 e do qual resulta este livro. Inicialmente apresenta-se algumas políticas públicas, em especial, as que se referem ao ensino médio.

As políticas públicas podem ser consideradas um ramo da ciência política, que influencia as inter-relações entre Estado, economia e sociedade. Diversos são os fatores que influenciam sua formulação, entre eles estão as demandas internas e externas ao país e as influências de grupos organizados da sociedade civil. Podemos dizer assim como Souza (2006) que a política pública é o governo em ação e pode ser traduzida em planos, programas e projetos.

Na educação básica o ensino fundamental nos últimos anos tem recebido atenção do governo por meio de políticas públicas diversas que buscam a permanência do estudante na escola e a formação de professores para esse nível com o objetivo de ser alcançada a sua universalização. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2011) aproximadamente 91,9% dos alunos estão frequentando o ensino fundamental na idade esperada. Com relação ao ensino médio, a mesma pes-

quisa constatou que apesar da oferta estar em expansão nesse período, existia um elevado índice de reprovação e abandono, pois 83,7% dos estudantes entre 15 e 17 anos estavam frequentando a escola em 2011, mas apenas 51,6% estavam cursando o ensino médio na idade prevista, os outros abandonaram ou estavam atrasados. A busca pela expansão e valorização do ensino médio passa a ser vista com maior prioridade pelos órgãos públicos.

Questiona-se por que um período escolar que deveria proporcionar ao jovem uma articulação entre os conhecimentos específicos já aprendidos no ensino fundamental e o mundo do trabalho, no qual ele possivelmente ingressaria após terminar a educação básica, vem sendo motivo de desinteresse por parte dos discentes.

No início da década de 90 o país inicia um processo de transição de um governo pautado na ditadura militar para a democratização, num movimento histórico da sociedade civil que culmina com as eleições diretas para presidência da república. Segundo, Shiroma, Evangelista e Moraes (2002, p. 37), o período militar foi marcado por “(...) 8 milhões de crianças que no 1º grau tinham mais de 14 anos, 60% de suas matrículas concentravam-se nas três primeiras séries que reuniam 73% das reprovações”. Esses dados exigiam mudanças, apoiadas por organismos internacionais que, com intuito de erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental, respondiam ao processo de globalização neoliberal, buscando preparar para o mercado de trabalho. Para o Ensino Médio no Brasil era prevista a preparação do aluno para o trabalho¹.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, que não era alterada desde 1971, é aprovada. Saviani (2011) aponta para a importância que teve a mobilização das entidades representativas, pois por muitos anos as mudanças emergiam do Legislativo e não da sociedade civil. No entanto o foco no mer-

¹ Trabalho aqui expresso é conforme Saviani (2007), elemento formador e constituinte dos seres humanos, que precisa trabalhar para garantir sua sobrevivência na natureza.

cado de trabalho, o aprender a aprender e a flexibilidade necessária do trabalhador mostram sua dependência e imersão nos processos decorrentes da globalização, como expresso na lei: “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (BRASIL, LDB 9.394, Seção IV, Art 35º, Inciso II, 1996).

Posterior a esse período inicia-se a formulação do Plano Nacional de Educação – PNE (2001-2011) com validade de 10 anos. Para o Ensino Médio – EM se previa a progressiva universalização e gratuidade. No entanto, ao final da validade do plano o EM ainda não se encontrava universalizado.

O Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), aprovado pela Portaria nº 971 de 9 de outubro de 2009, integra o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) de 2007, com o objetivo de que as escolas reestruturem seus currículos de ensino médio. Este currículo deveria promover a formação humana, com ênfase na valorização da leitura, relação entre teoria e prática, conhecimento das novas tecnologias e desenvolvimento de atividades por parte do aluno.

O ProEMI surgiu para incentivar as escolas estaduais a criar iniciativas inovadoras para o ensino médio a partir dos eixos trabalho, ciência, tecnologia e cultura, com intuito de melhorar a qualidade da educação e torná-la atraente para o aluno. As escolas beneficiadas possuem um baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Essas escolas recebem recursos financeiros do governo federal proporcionais ao número de alunos. Seu trabalho é o de realizar um Plano de Ação, com diagnóstico da situação da escola e com metas previstas para serem alcançadas em dois anos.

Como política pública de avaliação nacional através da Portaria Ministerial nº 438 de 28 de maio de 1998 surge o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Em um primeiro momento surge com objetivo de avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, ou seja, prevendo um diagnóstico sobre o EM. Posteriormente, em 2009, o ENEM ganha outra

dimensão e passa a ser pré-requisito para o ingresso na maioria das universidades públicas, ganha visibilidade nacional e também exige que o EM atualize seu currículo. Essa mudança, se por um lado favoreceu a participação mais horizontal no acesso ao ensino superior, por outro redirecionou o currículo do EM para as exigências do ensino superior, mesmo que o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM tenha em sua proposição uma abordagem interdisciplinar.

Em 2012, a mudança curricular do EM ganha dimensões nacionais, após serem aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio através da Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Nessas diretrizes fica previsto no Art. 8º (BRASIL, CNE, 2012) que o currículo seja organizado por áreas do conhecimento (Linguagens; Matemática; Ciências da Natureza e Ciências Humanas) e que se destine uma parte da carga horária para os conhecimentos específicos de cada região, ou seja, uma base nacional comum e uma parte diversificada, como mostra a resolução:

§ 1º O currículo deve contemplar as quatro áreas do conhecimento, com tratamento metodológico que evidencie a contextualização e a interdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos.

§ 2º A organização por áreas de conhecimento não dilui nem exclui componentes curriculares com especificidades e saberes próprios construídos e sistematizados, mas implica no fortalecimento das relações entre eles e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo planejamento e execução conjugados e cooperativos dos seus professores (BRASIL, CNE RESOLUÇÃO Nº 2, 2012).

Espera-se do professor uma nova postura, outro modo de trabalhar, que transcenda as disciplinas específicas. A resolução defende que se mantenham as disciplinas, contanto que em algum momento essas disciplinas conversem entre si, abarcando essa complexa mudança que vem ocorrendo no Ensino Médio e no mundo do trabalho.

Nesse contexto e articulada à formação de professores do EM, surge o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino

Médio, regulamentado pela Portaria Ministerial nº 1.140, de 22 de novembro de 2013. Essa política está espelhada no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e objetiva a valorização da formação continuada dos professores. Pode-se considerar um ganho significativo para a formação, ainda que sua estrutura piramidal mostre uma hierarquia no processo formativo. Nessa formação, os encontros semanais ocorrem dentro das escolas, em horários previstos na carga horária dos professores e para isso o professor recebe um auxílio financeiro. Também cabe ressaltar que é de caráter voluntário.

Recentemente foi aprovado o Plano Nacional de Educação – PNE por meio da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. O PNE passa a ter a validade de 10 anos, sendo válido, portanto até 2024. O PNE é aprovado pela presidência sem vetos e com metas ambiciosas. Para o EM fica previsto através da Meta 3:

Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (oitenta e cinco por cento) (BRASIL, Ministério da Educação, PNE, Lei nº 13.005, Meta 3, 2014).

Como principal estratégia está a renovação curricular, se percebe com isso que a intencionalidade de mudar o ensino médio está prevista nas diretrizes, nos programas e agora no PNE, segundo o documento:

Institucionalizar programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada, conteúdos obrigatórios e eletivos articulados em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte, garantindo-se a aquisição de equipamentos e laboratórios, a produção de material didático específico, a formação continuada de professores e a articulação com instituições acadêmicas, esportivas e culturais (BRASIL, Ministério da Educação, PNE, Lei nº 13.005, Meta 3.1, 2014).

O PNE é um guia para as políticas públicas, ele possui metas e a formulação dos programas é determinante nesse per-

curso de vigência. É considerado um documento que foi amplamente discutido pela sociedade civil. Espera-se que ele seja acompanhado pela sociedade para que não seja novamente uma política a ser prorrogada. O PNE anterior possuía 295 metas, o que dificultou a sua realização; também, sua principal meta foi vetada, que era subir de 4 para 7% o investimento do Produto Interno Bruto (PIB) em educação. O novo PNE traz metas com estratégias o que é interessante, visto que traça caminhos a serem percorridos.

A reestruturação curricular do ensino médio no RS surge nesse contexto de políticas públicas em 2011. O governo do Estado lança sua proposta de reestruturação curricular em consonância com as mudanças nacionais e com a Legislação. Essa reestruturação curricular será discutida a seguir.

Sobre o Ensino Médio no Rio Grande do Sul

A proposta no ensino médio do RS foi lançada em 2011, entrando em vigor a partir de 2012. Está validada pelo Conselho Estadual de Educação (CEED/RS) através dos Pareceres CEED/RS nº 156/2012 e CEED/RS nº 310/2012. A proposta surgiu devido a emergência de mudanças para o ensino médio, que se mostravam necessárias. A reestruturação considera a dimensão da politécnica, da pesquisa como princípio pedagógico e do trabalho como princípio educativo.

A abordagem politécnica propõe que o trabalho seja indissociável de seus aspectos manuais e intelectuais. Uma abordagem é que o trabalho envolva um exercício entre trabalho braçal e mente. Diferente do que ocorre na sociedade capitalista, que prevê o trabalho manual para a classe trabalhadora e o trabalho intelectual para a classe dominante da elite, rompedo com uma questão histórico-social.

Analisa-se a reestruturação a partir de Mainardes (2006) que em sua proposição de análise fala em três contextos: contexto de influência, contexto da produção de textos e contexto da prática. O contexto de influência é o das escolas estaduais do RS.

O contexto da produção de textos, segundo os autores; embora se almeje, os autores (da política) não podem ter contro-

le sobre os significados que serão atribuídos aos seus textos. Parte dos textos pode ser rejeitada, excluída, ignorada e até mesmo deliberadamente mal-entendida.

Já o contexto da prática representa tudo o que acontece e que algumas vezes não foi previsto pelos elaboradores da proposta, pois na materialidade há outros significados. Precisa-se considerar que são pessoas diferentes com contextos escolares e sociais distintos e por isso as interpretações e práticas ganham também diversos significados. Conforme Mainardes (2006) a geração e a prática são momentos distintos na formulação de uma política pública. Alguns dos efeitos que essa política produziu no contexto das escolas da 18ª CRE são resultado desse livro.

Considerações finais

Frente à análise feita, nos foi possível compreender algumas questões presentes nas políticas públicas. Concordamos com Saviani, ao afirmar que o que era pra se concluído em 10 anos, é atravessado por outras políticas que estendem o prazo por mais 10 anos, ocorrendo um acúmulo de metas a serem alcançadas, o que desestimula à todos. Diversas políticas públicas vêm sendo formuladas, há uma sobreposição de metas, mas não podemos desconsiderar que finalmente o ensino médio ganha visibilidade.

Neste mesmo contexto de políticas públicas educacionais está o professor e a sua formação que entra em discussão. Pois, temos um professor capaz de ensinar de acordo com a sua área do conhecimento, mas que dificilmente está pronto para assumir essas políticas públicas que vêm chegando à escola, com metas, objetivos e prazos. Algumas, se propõe que sejam discutidas a partir da escola, emergindo da comunidade escolar as demandas daquele contexto, ainda assim, são trabalhos que professores precisam abraçar para além da sua sala de aula. Por essas questões se questiona a formação do professor.

No Rio Grande do Sul, não foi diferente, a reestruturação vem como uma política vertical, exigindo uma prática diferente da que o professor vinha acostumado a exercer, um novo fazer. Apesar de reconhecermos toda a potência dos seus princípios norteadores, a sua implementação foi conturbada.

Logo, buscamos entender as outras políticas que atingem o ensino médio para que possamos entender como vem sendo direcionado o ensino médio a nível nacional. Isso deixa de ser uma política do Estado do RS e passa a ser uma política nacional, que dificilmente será modificada com a mudança de governo. Pensamos também, que independente de ser provisório (ou não) nosso compromisso ético enquanto professores precisa nos acompanhar, de forma que, se nos foi dada uma missão, por que não cumpri-la?

Concordamos com as reivindicações dos direitos trabalhistas dos professores enquanto categoria, mas isso não pode comprometer a sua sala de aula. Sabemos que o salário e a distribuição da carga horária em diferentes escolas são processos desumanos frente ao seu compromisso enquanto educador. Ainda assim, defendemos que a sua prática não pode depender desses fatores.

Para isso, é preciso admitir que encontramos dificuldades, mas que estamos dispostos a aprender, com o colega, com a universidade, com o outro. Isso, não significa nos desqualificarmos, mas sim nos formarmos continuamente. Sabemos que a adaptação a uma política pública ocorre paulatinamente, pois se trata de um processo, o resultado desse livro é um exemplo de resultados de um processo de formação, que emerge de uma política pública.

Por último, consideramos que, a juventude de hoje é outra, diferente da geração de professores. O contexto social de hoje nos exige uma nova forma de educar e ensinar. O que não quer dizer que os problemas sociais sejam novos, eles são históricos, carregados de significado. Existem diversos problemas que influenciam na sala de aula, são questões: pessoais afetivas, econômicas, físicas, tecnológicas, culturais, entre outras. Isso é histórico. O que emerge de desafio para o século XXI é lidar com essas diferenças e também com um aluno que possui uma gama de informações em um espaço curto de tempo; como transformar isso em conhecimento? São algumas questões que perpassam as políticas públicas.

Referências

- BRASIL, Ministério da Educação. **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**, 2013.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Ensino Médio Inovador**, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **CNE – Atribuições**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14303%3Acne-atribuicoes&catid=323%3Aorgaos-vinculados&Itemid=754>. Acesso em: 19 fev. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação (2001-2010)** – Brasília: Senado Federal, UNESCO, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação (2011-2020)**– Brasília: Senado Federal, 2014. Disponível em: < http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Leis e Decretos. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da Educação Nacional.
- MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Regimento Referência das Escolas de Ensino Médio Politécnico da Rede Estadual 2011-2014**, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao FUNDEB: por uma outra política educacional**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olínda. **Política Educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul./dez. 2006, p. 20-45.

O que influencia a elaboração das Políticas Educacionais no Rio Grande do Sul?

*Márcia von Frühauf Firme*¹

marciafirme@unipampa.edu.br

*Maria do Carmo Galiazzi*²

mcgaliazzi@furg.com.br

Introdução

A educação tem como seu principal produto o conhecimento, um modo de poder que se modifica de acordo com a sociedade, de decisões políticas e econômicas. Nesse aspecto, a educação no estado do Rio Grande do Sul (RS), principalmente do Ensino Médio (EM), vivencia um momento de transformação e conseqüentemente de inquietação por parte dos professores, estudantes e familiares. A proposição desse texto é contextualizar as mudanças ou políticas educacionais que estão acontecendo e que ocorreram em alguns períodos de diferentes governos do estado do RS com os processos de formação proporcionados nesses momentos, incluindo as avaliações às quais a educação é submetida.

Para isso, o texto é dividido em três momentos: apresenta inicialmente uma panorâmica geral das políticas educacionais do RS, dos governos de Antônio Britto (1995-1998), de Olívio Dutra (1999-2002), Germano Rigotto (2003-2006), Yeda Crusius (2007-2010). No segundo momento, aborda a reestruturação curricular do Ensino Médio Politécnico para ser desenvolvida no período de três anos, no período de governo de Tarso Genro

¹ Professora da Universidade Federal do Pampa e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da FURG.

² Professora da Universidade Federal do Rio Grande e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da FURG.

(2011-2014), e de dois processos de formação propostos, sendo um deles de abrangência regional e outro nacional. Segue com um esclarecimento a respeito de como são estruturadas as políticas educacionais e finaliza com uma síntese do que foi abordado ao longo do texto.

Políticas Educacionais do RS no período de 1995 a 2014

A escolha por esse período, a partir de 1995, se deve a última reforma do Ensino Médio por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96). Essa lei de certa forma direcionou as políticas educacionais do RS a partir do ano de sua promulgação e vem recebendo alterações e acréscimos desde então. Nesse contexto, procuro abordar as políticas educacionais do RS abrangidas de 1995 a 2014, com a atual reestruturação curricular.

No período do governo Antônio Britto, a elaboração da Lei da Gestão Democrática (Lei Estadual 10.576/1995) instituiu a eleição de diretores, a formação de conselhos escolares nas escolas, a autonomia financeira na escola com repasse de verbas trimestralmente. Nesse período também se propôs a avaliação externa do rendimento escolar dos alunos da rede estadual de ensino e é adotado o Padrão Referencial de Currículo (MELLO, 2010). Esse Padrão Referencial de Currículo constituiria “[...] um corpo básico de conhecimentos, que [deveria] servir como referência para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem nas escolas do Sistema de Ensino do Rio Grande do Sul” (RIO GRANDE DO SUL, 1998, p. 11). A elaboração dos referenciais também previu a participação dos professores com a formação de grupos de estudos, participação em seminários, jornadas pedagógicas e discussões nas escolas. Os resultados foram sistematizados em catorze cadernos temáticos para serem orientadores das práticas pedagógicas. Todas as escolas receberam a primeira versão impressa do Padrão Referencial de Currículo (DALL’IGNA; CÓSSIO, 2011).

Processo semelhante desenvolveu-se, em nível federal, pelo Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), quase paralelamente, para a definição dos Parâmetros Curriculares Nacio-

nais (PCN). Segundo Mello (2010) “esse período seguiu o instituído pela agenda neoliberal global e nacional, sob influência do mercado, a preocupação foi com a performatividade do professor, sob orientação de competências técnicas”. A performatividade, de acordo com Ball (2012, p. 37) “é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que emprega avaliações, comparações e demonstrações como meios de controle, desgaste e mudança”.

Nessa perspectiva de avaliações, durante esse período de governo, em 1998, é criado o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), uma avaliação voluntária do desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica e dos que concluíram o Ensino Médio em anos anteriores. Em 2009 foi reformulado pelo MEC e utilizado como prova de seleção unificada nos processos seletivos das instituições públicas de educação superior. O resultado do ENEM é utilizado como critério de seleção à bolsa do Programa Universidade Para Todos (PROUNI) por universidades para o ingresso no ensino superior, complementando ou substituindo o vestibular.

A partir de 1999, rompe-se com o aspecto da competência técnica do professor com o início da Política do Governo Olívio na perspectiva da democratização da educação, da gestão e do conhecimento, tendo como base os princípios da autonomia e da participação por meio da Constituinte Escolar e suas decorrências, como a reformulação dos projetos político-pedagógicos das escolas, as alterações da Lei da Gestão Democrática da Educação e demais proposições legais e normativas (MELLO, 2010). O objetivo da Constituinte Escolar é de definir princípios e diretrizes para orientar “a construção de uma Escola Democrática e Popular e criar condições para sua implementação” (RIO GRANDE DO SUL, 1999, p. 05). De acordo com o documento final, com a participação de todos os segmentos da comunidade escolar, movimentos sociais populares, Instituições de Ensino Superior e Instituições do Poder Público foram definidos os “rumos da educação e da escola pública” e resgatado “o seu lugar [da educação pública] na história do nosso Estado” (RIO GRANDE DO SUL, 2000, p. 9-10) (DALL’IGNA; CÓSSIO, 2011).

Nesse período, foi criada a UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul), mais um espaço para formação de professores.

No governo Rigotto, a política deu-se na perspectiva gerencialista, retomando a visão do governo Britto, desconsiderando a caminhada anterior (governo Olívio), com pouca relevância na área educacional, mais voltada para a gestão, com o Contrato de Gestão e poucas iniciativas relacionadas a utilização do espaço físico da escola, como o caso do Programa Escola Aberta para a Cidadania, em associação com a UNESCO. Nesse governo, em 2005, ocorreu a implantação do projeto piloto do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS) com o mesmo sentido da avaliação externa do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), em 29 municípios. E também foi proposto o projeto do Plano Estadual de Educação do RS, com duração plurianual, contendo as grandes linhas e direções das políticas educacionais para 10 anos (MELLO, 2010).

O período de governo Yeda (2007-2010) foi marcado principalmente pelas Lições do Rio Grande que tinham por objetivo apresentar às escolas a proposta de referencial curricular indicando um norte para seus planos de estudos e propostas pedagógicas. Oferecer ao professor estratégias de intervenção pedagógica que favoreçam a construção de aprendizagens a partir do desenvolvimento das competências de leitura, produção de texto e resolução de problemas, aferidas pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS). Desenvolver programa de formação continuada para professores dos componentes curriculares do ensino fundamental e médio por áreas de conhecimento: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias.

O SAERS tornou-se obrigatório para todas as escolas estaduais a partir de 2007, seus resultados possibilitariam às secretarias de educação e às escolas estabelecer ações prioritárias, especialmente quanto à formação continuada de seus professores. Assim como, redistribuir recursos humanos e materiais, sempre

na perspectiva da equidade e melhoria da qualidade de ensino (MELLO, 2010).

De acordo com a pesquisa de Mello (2010), percebe-se no Rio Grande do Sul no período de três governos, Brito (1995-1998), Olívio Dutra (1999-2002) e Germano Rigotto (2003-2006) uma descontinuidade da política educacional, pela perspectiva ideológica diferenciada, pelos diferentes propósitos políticos, no sentido de mostrar que um governo poderia fazer mais e melhor que o anterior e, historicamente influenciado pelo patrimonialismo, pelo gerencialismo, pela centralização das decisões. A política educacional, nesse período, apresentou variações nas escolhas e decisões políticas. Inicialmente, por uma gestão democrática representativa, com a educação centralizada em uma perspectiva mercadológica; seguida de uma gestão de oposição ao instituído, com a descentralização das decisões, com o poder participativo; e por fim, uma gestão gerencialista, esvaziada de proposições e perspectivas políticas próprias.

Reestruturação Curricular do Ensino Médio no RS

De 2012 até 2014 o foco das políticas educacionais do RS está no Ensino Médio, este está passando por um processo de reestruturação curricular, a partir do primeiro ano do Governo Tarso Genro, promovido pela SEDUC/RS, sendo o Ensino Médio Politécnico uma das modalidades de ensino. O mesmo tem em sua concepção dois conceitos-chave: a politecnicidade e a pesquisa, constituindo-se no aprofundamento da articulação das áreas do conhecimento e suas tecnologias, com os eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho, na perspectiva de que a apropriação e a construção de conhecimento embasam e promovem a inserção social cidadã. Para articular as áreas do conhecimento e suas tecnologias, foi criado o Seminário Integrado (SI) com carga horária na parte diversificada da reorganização curricular. De acordo com Azevedo e Reis (2013, p. 36) o SI

[...] constitui-se em espaço destinado à reflexão interdisciplinar sobre temas escolhidos a partir do diálogo docente-discente proposto de acordo com os interesses de pesquisa e estudo a serem desenvolvidos. Nele é privilegiado o diálogo e a investigação de temáticas e conteúdos, proporcionando

ao educando a complexificação de seus saberes com vistas à produção de aprendizagens significativas e duradouras no âmbito desse nível de ensino, articulando as categorias: trabalho, ciência, tecnologia e cultura. Isso abre possibilidades para que os discentes elaborem seu projeto de vida em sintonia com os campos de conhecimento pertinentes e os desafios da vida real.

Para que os professores possam acompanhar esse processo investigativo proposto pelo SI, é necessário

[...] um novo comportamento dos professores que devem deixar de ser transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos; devem estimular a realização de pesquisas, a produção de conhecimentos e o trabalho em grupo. Essa transformação necessária pode ser traduzida pela adoção da pesquisa como princípio pedagógico (CNE 05-2011, p. 22).

Nesse contexto, adotar a pesquisa como princípio pedagógico precisa ser aprendido. Para isso, há necessidade de espaços de formação para os professores estudarem e discutirem essa proposta curricular nas escolas. Para atender a essa necessidade, alguns cursos de formação continuada foram propostos a partir do ano de 2012, na sua maioria, abrangendo escolas de uma Coordenaria Regional de Educação (CRE), como no caso do Cirandar: rodas de investigação desde a escola³, um dos cursos que ocorre na região da 18ª CRE.

A partir de dezembro de 2013, o Governo Federal lança o Pacto pelo fortalecimento do Ensino Médio. Este tem por objetivo, promover a valorização da formação continuada dos professores e coordenadores pedagógicos que atuam no EM público, promovendo a melhoria da qualidade do Ensino Médio por

³ O Cirandar conta com uma parceria da 18ª Coordenadoria Regional de Educação do Rio Grande do Sul (18ª CRE), juntamente com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tem como pressuposto formativo que os professores envolvidos no processo de formação produzam seus relatos de experiência e durante a sua produção desenvolvam a escrita, o diálogo, a leitura crítica entre os pares, o trabalho coletivo e a partilha de saberes e vivências no desenvolvimento de propostas articuladas ao projeto de reestruturação do Ensino Médio, com foco na disciplina de Seminário Integrado (SCHMIDT; GALIAZZI 2013, p. 16).

meio da ampliação dos espaços de formação de todos os profissionais envolvidos nessa etapa da educação básica; desencadeando um movimento de reflexão sobre as práticas curriculares que se desenvolvem nas escolas; fomentando o desenvolvimento de práticas educativas efetivas com foco na formação humana integral, conforme apontado nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio – **DCNEM** (Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012). Essa formação abrange 40 universidades públicas do país, ocorre por meio de estudos de textos que abordam temas como as juventudes, formação integral, currículo, interdisciplinaridade e cadernos por área de conhecimento. Nesse contexto a formação parte da universidade, desta para os formadores estaduais, seguindo para os orientadores de estudos e destes para os professores de Ensino Médio, envolvendo praticamente todos os professores do EM do RS.

A estruturação das Políticas Educacionais

Uma política educacional é um conjunto de decisões tomadas antecipadamente, para indicar as expectativas e orientações da sociedade em relação à escola, visando assegurar a adequação entre as necessidades sociais de educação e os serviços prestados pelos sistemas educacionais por meio de: estabelecimento de regras e mecanismos de controle aos quais o sistema educacional deve se submeter; incentivo de inovações educacionais pertinentes e garantia da gestão administrativa financeira do sistema (AKKARI, 2011).

De acordo com esse mesmo autor, ao promoverem políticas no campo educacional, as nações consideram quatro pilares principais: a legislação específica, os recursos financeiros disponíveis, a administração/gestão das escolas e a articulação das ações com a economia e a sociedade civil. Nos Estados democráticos, onde o debate político serve a objetivos eleitorais, a condução sobre os assuntos do meio educacional visa, também, a construção de uma argumentação convincente capaz de comprovar melhorias e justificar investimentos na educação.

Existem diversos modos de desenvolver uma política educacional em um país, as quais encaminham algumas mudanças

que ocorrem nesse sistema, como as avaliações regionais (SAERS), nacionais (ENEM e IDEB⁴) e internacionais (PISA⁵) que auxiliam na constatação de índices da educação em um determinado local, e a partir daí, servem como base de dados para planejar algumas metas, como melhorar indicadores de proficiência em Português, Matemática e Ciências.

No RS, as políticas educacionais, na maioria das vezes, apresentam uma descontinuidade devida aos interesses ideológicos dos grupos que assumem o governo. No entanto, as reestruturações curriculares, devem seguir as orientações nacionais propostas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), no Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020), nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio, considerando também a análise dos índices obtidos nas avaliações do ENEM, SAERS, IDEB e PISA, e as influências das políticas internacionais.

Considerações finais

Nesse texto buscou-se contextualizar os processos de formação de professores e as políticas educacionais propostos durante as duas últimas décadas no RS, englobando cinco governos. No período de 1995 a 1999, é promulgada a LDBEN (1996), surgem os PCNs (1998) e nesse mesmo ano, é realizado o primeiro ENEM como meio de verificar a qualidade da educação

⁴ IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), criado em 2007, é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho nas avaliações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e do Sistema Nacional de Educação Básica (SAEB), para as unidades da federação e para o país, e na Prova Brasil, para os municípios.

⁵ PISA (Programa de Avaliação Internacional de Estudantes) é um Programa internacional de avaliação comparada, desenvolvido e coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). É aplicado a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. É aplicado a cada três anos, desde 2000, em Leitura, Matemática e Ciências, e cada edição enfatiza um dos três quesitos.

básica do país. Nesse contexto, a ênfase na política educacional foi o currículo e a performatividade do professor, ou seja, sua competência técnica. A formação ocorria principalmente nas escolas durante as jornadas pedagógicas.

A partir do ano de 1999, houve o envolvimento dos diferentes segmentos da comunidade escolar nas discussões e tomadas de decisão sobre a política de educação para a rede estadual e sobre os projetos escolares com a Constituinte Escolar. Período de ênfase na democratização dos espaços escolares, de discussão de questões a respeito do currículo e da elaboração dos projetos político-pedagógicos das escolas.

No governo seguinte, o foco foi a gestão. Em 2005 ocorreu a implantação do SAERS em alguns municípios e foi proposto o projeto do Plano Estadual de Educação. Nesse período não há significativas formações para professores.

As Lições do Rio Grande marcaram o período de 2007 a 2010; tratava-se de uma proposta pedagógica para o desenvolvimento das competências de leitura, produção de texto e resolução de problemas, aferida pelo SAERS. Nessa proposta ocorreu formação continuada para professores dos componentes curriculares do ensino fundamental e médio por áreas de conhecimento, estes se tornavam multiplicadores da proposta em suas escolas de atuação.

Nesse contexto, no período de 2011 a 2014, houve a reformulação do EM, na qual o currículo deve contemplar as quatro áreas do conhecimento: a pesquisa, a interdisciplinaridade, a contextualização e as relações sociais estabelecidas no trabalho. Para compreender e discutir essa reestruturação, alguns encontros com a comunidade escolar foram propostos no ano anterior ao início da efetivação da proposta; assim como alguns processos de formação de professores mais pontuais, não abrangendo a grande maioria. E atualmente está ocorrendo uma formação com praticamente todos os professores do EM do RS por meio do Pacto.

A partir do que foi exposto, percebe-se que as políticas educacionais devem atender a legislação vigente, as metas a serem melhoradas a partir dos resultados das avaliações internas e externas, estipular recursos financeiros, materiais e humanos destinados à educação e à formação de professores. E ao propor

reestruturações para qualquer nível de ensino, que estas sejam elaboradas por um grupo de pessoas que represente cada setor envolvido, prevendo tempo para estudo e desenvolvimento da proposta nas escolas.

Referências

- AKKARI, Abdeljalil. **Internacionalização das políticas educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2011. 144p.
- AZEVEDO, José Clóvis; REIS, Jonas Tarcísio. Democratização do Ensino Médio: a reestruturação curricular no RS. In: AZEVEDO, José Clóvis; REIS, Jonas Tarcísio (orgs.). **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos Teóricos e desafios da prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.
- BALL, Stephen J. Reforma educacional como barbárie social: economismo e o fim da autenticidade. **Práxis Educativa**. v. 7, n. 1, p. 33-52, jan./jun., Ponta Grossa, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, 2011a. Parecer CNE/CEB nº 5/2011a.
- DALL'IGNA, Maria Antonieta; CÓSSIO, Maria de Fátima. **As Políticas Estaduais de Formação Continuada de Professores no Rio Grande do Sul (1990-2010)**. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simpósio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0334.pdf>>.
- MELLO, Elena M. B. **A Política de Valorização e de Profissionalização dos Professores da Educação do Estado do Rio Grande do Sul (1995-2006): convergências e divergências**. 2010. 241f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. **Padrão Referencial de Currículo**, 1ª versão. Porto Alegre, 1998.
- _____. Secretaria da Educação. **Constituinte Escolar**. Fundamentação, Objetivos e Momentos da Constituinte Escolar. Caderno 1, Texto Base, 1999.

_____. Secretaria de Educação. **Princípios e Diretrizes para a Educação Pública Estadual**. Porto Alegre: Corag, 2000.

_____. Secretaria da Educação. **Relatório de Ações da Secretaria Estadual de Educação**. Porto Alegre, 2006.

SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 13 ago. 2012.

SCHMIDT, Elisabeth.; GALIAZZI, Maria do Carmo. A integração universidade-escola básica no Projeto Cirandar. In: GALIAZZI, Maria do Carmo. **Cirandar: rodas de investigação desde a escola**. São Leopoldo: Oikos, 2013.